



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES I**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**VITÓRIA STEFANNY DE FREITAS SILVA**

**A EXPRESSÃO DE FUTURO**  
**NO ESPANHOL ORAL DE GUADALAJARA PELO VIÉS FUNCIONALISTA**

**FORTALEZA**

**2024**

VITÓRIA STEFANNY DE FREITAS SILVA

A EXPRESSÃO DE FUTURO  
NO ESPANHOL ORAL DE GUADALAJARA PELO VIÉS FUNCIONALISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S584e Silva, Vitória Stefanny de Freitas.  
A expressão de futuro no espanhol oral de Guadalajara pelo viés funcionalista / Vitória Stefanny de Freitas Silva. – 2025.  
116 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2025.  
Orientação: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.
1. Espanhol oral de Guadalajara. 2. Expressão de futuro. 3. Mapeamento funcional. 4. Tipos de verbos. 5. Figura e fundo. I. Título.

CDD 410

---

**VITÓRIA STEFANNY DE FREITAS SILVA**

**A EXPRESSÃO DE FUTURO  
NO ESPANHOL ORAL DE GUADALAJARA PELO VIÉS FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

Aprovada eu: 20/12/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Fabrício Paiva Mota

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

Profa. Dra. Patrícia Araújo Vieira

Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha avó Marina, por me ensinar a  
sonhar e seguir sendo a luz e a bússola  
que ilumina e guia meus caminhos e  
sonhos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as oportunidades e por dar-me força e discernimento para trilhar o meu caminho.

À minha avó Marina, por ser a melhor mãe que eu poderia ter, por todo o amor e dedicação investidos em mim; por acreditar em mim quando nem mesmo eu faço isso; por me dar o privilégio de escolher o meu caminho, por ser uma mulher forte e independente e me ensinar a importância de ser livre e independente.

Ao meu tio Diego, por todo apoio, incentivo, conselhos e por estar sempre presente em minha vida.

Aos meus irmãos Caio e Maria Eduarda, pelos momentos de diversão e descontração compartilhados e por me fazerem seguir e ensinar-me tanto sobre a vida.

À toda a minha família, por acreditar na educação, incentivar meus passos acadêmicos e por apoiar-me em minhas escolhas e posicionamentos.

Ao meu amigo Kevyn, por seguir ao meu lado, mesmo quando eu dificulto isso. Obrigada por me ouvir!

A Valdecy (tio Val) pelas boas e descontraídas conversas, por importar-se com o meu bem-estar e saúde mental; e ao Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes, por todo o tempo, apoio e incentivo investidos em minha formação acadêmica e profissional.

Ao PPGLIN-UFC, por me proporcionar um vasto aprendizado e meios para o desenvolvimento da minha pesquisa.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa e por incentivar pesquisadores brasileiros a buscar o avanço científico e social do país.

## RESUMO

No contexto da língua espanhola o futuro pode ser definido, de acordo com a RAE (2009), como o tempo que situa a ação, o processo ou o estado expresso por um verbo em um ponto posterior ao momento da fala. Assim, a presente dissertação objetiva analisar, à luz dos pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico e por meio das narrativas do banco de dados PRESEEA – Guadajara (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), os papéis e funções das formas de futuro no espanhol oral de Guadajara, considerando: futuro sintético (*cantaré*) e futuro perifrástico (ir + a + infinitivo). Nossa pesquisa desenvolveu-se a partir dos seguintes objetivos específicos: i. mapear as funções do futuro perifrástico e do futuro simples no domínio pragmático-discursivo; ii. examinar a expressão de futuro no domínio semântico-lexical, a partir da proposta de Vendler (1957), considerando os tipos de verbo: atividade, culminação, estado e processo culminado; iii. averiguar no domínio textual-discursivo as funções e os papéis, a partir da relação figura e fundo, considerando os princípios de marcação e expressividade retórica. Este trabalho foi realizada de acordo com o aporte teórico funcionalista de: Vendler (1957 e 1967), Givón (1984, 1990, 1995, 2001 e 2005), Thompson (1984), Hopper e Traugott (1993), Moure (1994), Neves (1997, 2001, 2006, 2007, 2012 e 2021), Tavares (2003), Dubois e Votre (2012), Votre (2012), Cunha et al. (2013), Furtado da Cunha, Bispo e Silva, (2013); e, as considerações sobre o futuro de autores como: Buzón García (2013), Di Tullio (2014), RAE (2009 e 2019), Gómez Torrego (2009), dentre outros. Após a análise dos nossos dados, constatou-se que: i. o futuro perifrástico e o futuro simples desempenham várias funções modais e temporais, a saber: futuro imediato, futuro distante, mandato, interrogação, afirmação, ordem, hipótese, cenário imaginário e probabilidade; ii. dentro da classificação de Vendler (1957 e 1967), o futuro perifrástico é mais utilizado com verbos de atividade e o futuro simples com verbos de processo; iii. de acordo com a proposta de Chedier (2007), tanto o futuro perifrástico como o futuro simples apresentam ocorrências nas categorias figura, fundo 1 e fundo 2, no entanto, o futuro perifrástico ocorre com maior frequência no plano fundo 1 e o futuro perifrástico, aparece mais no fundo 2.

**Palavras-chave:** Espanhol oral de Guadajara; expressão de futuro; mapeamento funcional; tipos de verbos; figura e fundo.

## RESUMEN

En el contexto de la lengua española el futuro puede definirse, según la RAE (2009), como el tiempo que sitúa la acción, el proceso o el estado expresado por un verbo en un punto posterior al momento del habla y, así, la presente disertación pretende analizar a la luz de los supuestos teóricos del funcionalismo lingüístico y por medio de las narrativas de la base de datos PRESEEA - Guadalajara (Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América), los papeles y funciones de las formas de futuro en el considerando: futuro sintético (cantaré) y futuro perifrástico (ir + a + infinitivo). Nuestra investigación se desarrolló a partir de los siguientes objetivos específicos: i. mapear las funciones del futuro perifrástico y del futuro simple en el dominio pragmático-discursivo; ii. examinar la expresión de futuro en el dominio semántico-léxico, a partir de la propuesta de Vendler (1957), considerando los tipos de verbo: actividad, culminación, estado y proceso culminado; iii. averiguar en el dominio textual-discursivo las funciones y los papeles, a partir de la relación figura y fondo, considerando los principios de marcación y expresividad retórica. Nuestra investigación se realizó de acuerdo con el aporte teórico funcionalista de: Vendler (1957 y 1967), Givón (1984, 1990, 1995, 2001 y 2005), Thompson (1984), Hopper e Traugott (1993), Moure (1994), Neves (1997, 2006, 2007, 2012 e 2021), Tavares (2003), Dubois e Votre (2012), Votre (2012), Cunha et al. (2013), Furtado da Cunha, Bispo e Silva, (2013); y, las consideraciones sobre el futuro de autores como: Buzón García (2013), Di Tullio (2014), RAE (2009 y 2019), Gómez Torrego (2009), entre otros. Después del análisis de nuestros datos, se constató que: i. el futuro perifrástico y el futuro simple desempeñan varias funciones modales y temporales, a saber: futuro inmediato, futuro lejano, mandato, interrogación, afirmación, orden, hipótesis, escenario imaginario y probabilidad; dentro de la clasificación de Vendler (1957 y 1967), el futuro perifrástico se utiliza más con verbos de actividad y el futuro simple con verbos de proceso; iii. según la propuesta de Chedier (2007), tanto el futuro perifrástico como el futuro simple presentan ocurrencias en las categorías figura, fondo 1 y fondo 2, sin embargo, el futuro perifrástico ocurre con mayor frecuencia en el plano fondo 1 y el futuro perifrástico aparece más en el fondo 2.

**Palabras clave:** Español oral de Guadalajara; expresión de futuro; mapeo funcional; tipos de verbos; figura y fondo.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Exemplo de protótipo.....	37
Figura 2	Diagrama do Tempo.....	50
Figura 3	Distribuição Geográfica PRESEEA Guadalajara	62

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Distribuição de ocorrências .....	71
Tabela 2:	Distribuição de ocorrências de funções modais .....	90
Tabela 3:	Quantidade de dados por tipo de verbo .....	91
Tabela 4:	Porcentual de tipos de verbo para o Futuro simples .....	98

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Porcentagem de distribuição do número de ocorrências.....	72
Gráfico 2	Distribuição percentual da função futuro próximo ao momento de fala.....	74
Gráfico 3	Distribuição percentual da função futuro distante ao momento de fala.....	77
Gráfico 4	Distribuição percentual da função expressão de mandato .....	79
Gráfico 5	Distribuição percentual da função expressão de interrogação.....	80
Gráfico 6	Distribuição percentual da função expressão de afirmação.....	82
Gráfico 7	Distribuição percentual da função expressão de ordem.....	83
Gráfico 8	Distribuição percentual da função expressão de hipótese.....	84
Gráfico 9	Distribuição percentual da função expressão de cenário imaginário .....	86
Gráfico 10	Distribuição percentual da função expressão de probabilidade...	88
Gráfico 11	Percentual geral da distribuição dos tipos de verbo .....	93
Gráfico 12	Porcentual de tipos de verbo para o futuro perifrástico.....	93
Gráfico 13	Porcentual de tipos de verbo para o Futuro simples .....	95
Gráfico 14	Distribuição percentual de ocorrências das categorias figura, fundo 1 e fundo 2 no FP .....	99
Gráfico 15	Distribuição percentual de ocorrências das categorias figura, fundo 1 e fundo 2 no FS .....	102

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RAE	<i>Real Academia de la Lengua Española.</i>
PRESEEA	<i>Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América.</i>
TAM	Tempo, Aspecto e Modalidade.
FP	Futuro Perifrástico.
FS	Futuro Simples.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	22
<b>2.1 Funcionalismo</b> .....	22
<b>2.2. Princípios funcionalistas</b> .....	28
<b>2.2.1. Marcação</b> .....	28
<b>2.2.2 Expressividade Retórica</b> .....	31
<b>2.2.3. Gramaticalização e prototipicidade</b> .....	33
<b>2.2.4 Domínio semântico-lexical</b> .....	37
<b>2.2.5 Domínio textual-discursivo: figura e fundo</b> .....	40
<b>2.2. A expressão de futuridade e a questão das categorias tempo, aspecto e modalidade verbal na língua espanhola.</b> .....	43
<b>2.2.1. Complexo TAM</b> .....	43
<b>2.2.2 Tempo</b> .....	43
<b>2.2.3 Aspecto</b> .....	51
<b>2.2.4 Modalidade</b> .....	54
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	58
<b>3.1 Contexto da pesquisa</b> .....	58
<b>3.2.2 Delimitação do universo da pesquisa</b> .....	59
<b>3.2.3 Parâmetros de análise</b> .....	62
<b>2.2.4 Método de contagem de dados</b> .....	68
<b>2.2.5 Restrições e dados desconsiderados</b> .....	68
<b>4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	70
<b>4.1 Sobre a amostra e a quantidade de dados</b> .....	70
<b>4.2 Domínio pragmático-discursivo</b> .....	72
<b>4.2.1 Futuro próximo ao momento de fala</b> .....	73
<b>4.2.2 Futuro distante do momento de fala</b> .....	76
<b>4.2.3 Expressão de mandato</b> .....	79
<b>4.2.4 Expressão de interrogação</b> .....	80
<b>4.2.5 Expressão de afirmação</b> .....	81
<b>4.2.6 Expressão de ordem</b> .....	83
<b>4.2.7 Expressão de hipótese</b> .....	84
<b>4.2.8 Expressão de cenário imaginário</b> .....	86

<i>4.2.9 Expressão de Probabilidade</i> .....	87
<i>4.2.10 Considerações sobre o domínio pragmático discursivo</i> .....	89
<b>4.3 Domínio semântico-lexical</b> .....	91
<b>4.4 Domínio textual-discursivo: figura e fundo</b> .....	97
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109

## 1 INTRODUÇÃO

Ao falarmos em “futuro” estamos mencionando um vasto leque de possibilidades e, antes mesmo de entrar em questões linguísticas ou gramaticais, a maneira como uma sociedade refere-se a questões que estão por vir, como planos, intenções ou até mesmo desejos futuros. Assim, podemos considerar o tempo futuro como um elemento essencial dentro de uma estrutura linguística, pois sem este, viveríamos apenas de passado e presente, sem maiores perspectivas do que pode nos ocorrer.

A língua espanhola, com sua vasta riqueza linguística, possui considerações relevantes sobre esse tempo verbal. Rodríguez Rosique (2019) aponta que o futuro pode funcionar como uma forma temporal, que é a definição convencional quando falamos de língua, como uma forma de conhecimento ou ainda como uma forma de interação discursiva. Além disso, ao procurarmos o conceito de futuro em dicionário (seja este na modalidade digital, impressa ou qualquer outra), é possível encontrar diversas definições, estando elas relacionadas a gramática, linguística ou até mesmo filosóficas. Após uma rápida busca pelo dicionário *online* da *Real Academia Española* (RAE), encontramos as seguintes definições:

- 1 adj. Que está por venir y ha de suceder con el tiempo.*
- 2. adj. Que todavía no es pero va a ser. El futuro embajador.*
- 3. m. Tiempo que vendrá. Cómo serán las ciudades del futuro.*
- 4.m. Valor o mercancía cuya entrega se pacta para después de un cierto plazo, pero cuyo precio queda fijado al concertar la operación.*
- 5. m. Gram. Tiempo que sitúa la acción, el proceso o el estado expresados por el verbo en un punto posterior al momento del habla.*
- 6. f. Derecho a la sucesión de un empleo o beneficio antes de estar vacante.*
- 7. m. y f. coloq. prometido (persona comprometida con otra en matrimonio).*

Ao observar as definições apresentadas acima, podemos perceber a vasta importância do termo, que está presente em contextos formais e informais. Mas, como aqui tratamos de uma pesquisa linguística sobre a expressão de futuridade, ater-nos-emos a debates relacionados a tal.

De acordo com Comrie (1985), o futuro é uma forma direta, que expressa uma relação posterior ao momento da enunciação, já Rodríguez Rosique (2019) afirma

que, devido a sua descrição dêitica, o futuro está associado a diferentes valores modais, cujo sentido específico depende das circunstâncias contextuais. Ao nos referirmos ao tempo futuro como categoria linguística, vale salutar que o faremos a partir dos postulados de autores como Reichenbach (1947), Comrie (1975, 1985 e 1990) Bosque (1999, 2015), Moreno Cabrera (2015), dentre outros.

Existe um certo grau de inconsistências e, em alguns casos, até insegurança ao debater sobre o futuro, tal fato pode explicar-se pelo fato de que o tempo futuro não se refere à situação após o ponto de fala, mas sim vincula a situação a um tempo de referência que está completamente situado no futuro em relação ao momento da fala (Comrie, 1985). Sobre-excedemos ainda, que esse *déficit* atrelado a questões referentes à expressão e futuridade, em evidência, ao fenômeno aqui discutido, pode acarretar debilidades na área de descrição linguística referente a língua espanhola e a este fenômeno, bem como no processo de ensino e aprendizagem da língua espanhola.

No contexto da língua espanhola, o tempo futuro pode ser definido, de acordo com a RAE (2009), como o tempo que situa a ação, o processo ou o estado expresso por um verbo em um ponto posterior ao momento da fala. Há diversas maneiras de expressar futuridade na língua espanhola, Concha Moreno e Eres Fernández (2007) listam algumas dessas formas, sendo elas:

- *futuro simple* – Bueno, pues **bajaremos** al súper a comprar más.
- *ir a + infinitivo* – **Voy a presentarme** a ese Trabajo a ver si tengo suerte.
- *futuro compuesto* – A las 19:30, creo. ¿**Habrás terminado** para esa hora?
- *condicional simple* – Creía que no se **enteraría** nadie.
- *presente de indicativo* – La semana que viene me **matriculo** en el máster.

No entanto, é apontado nas principais gramáticas normativas da língua espanhola, como por exemplo RAE (2009 e 2022), que as principais formas de expressar o futuro são o futuro simples do indicativo (*viveré*) e o futuro perifrástico, a partir da perífrase *ir* (conjugado no presente do indicativo) + *a* + infinitivo (*voy a vivir*).

É através destas constatações que escolhemos a correlação entre forma e função da nossa pesquisa, fazendo uso de seus tempos e modos verbais, a Língua Espanhola possui algumas maneiras distintas de referenciar acontecimentos futuros. Nesta pesquisa, consideramos as formas: Futuro Simples (FS) e Futuro Perifrástico (FP); no FP consideramos a perífrase *ir* (conjugado no presente do indicativo) + *a* + infinitivo.

A *Real Academia Española* (RAE) define o FS como “tempo absoluto que expressa que algo existirá ou terá lugar em um momento posterior ao momento da fala”<sup>1</sup> (RAE, 2019). Já a perífrase *ir + a + infinitivo* possui como valor principal a expressão de posteridade ao momento de fala e costuma ser frequentemente utilizada na língua oral (RAE, 2009, p. 541).

Dentre os diversos estudos que visam analisar o aspecto variacionista deste fenômeno, podemos citar: Silva-Corvalán e Terrell (1989), Sedano (1994), Arroyo (2000), Peralta (2000), Becerra (2005), Pitlon (2005), Parrini (2006), Bravo (2008), Gonzalo-Gómez (2009), Fidalgo Henriquez (2009) Ferreira (2010), Buzón García (2013), Kyzar (2014), Oliveira, Wilner e Miara (2015), Costa (2016), Firmo *et al* (2017); dentre outros que marcam a ocorrência de tal fenômeno ao redor de grande parte do território hispano. Entretanto, podemos perceber que a maior parte das pesquisas sobre a expressão de futuridade tem seguido uma abordagem variacionista, focando nas variações linguísticas e nos fatores que influenciam o uso das diferentes formas verbais para indicar o futuro. Em contraste, em nossa pesquisa propomo-nos a examinar a expressão de futuridade sob uma perspectiva funcional, investigando as funções comunicativas e contextuais que determinam a escolha de formas de futuro, bem como seu papel na construção de significado dentro do discurso.

Alguns autores, como os supracitados, visam abordar, em seus estudos a temática da variação linguística frente à expressão de futuridade, assim como análises de variação linguística no nível morfossintático são inúmeras, sobretudo no que se refere à expressão verbal. No entanto, salientamos que existem algumas lacunas a serem preenchidas e aqui citamos o fenômeno em questão.

Muitos estudos variacionistas, como Buzón García (2013) apontam a variação existente em relação a expressão de futuridade, porém, o fazem sem pretensões de buscar esclarecimentos de natureza funcional ou prática, porém explicações de natureza funcional que vão além do campo da Sociolinguística têm o potencial de ampliar o debate, proporcionando novos direcionamentos e desdobramentos com enfoque descritivo-analítico. Essas abordagens funcionais possibilitam uma compreensão mais abrangente dos fenômenos linguísticos, incorporando perspectivas que exploram o papel e a função da língua em contextos variados, o que pode enriquecer as análises e oferecer *insights* adicionais para a descrição e interpretação dos usos linguísticos.

Nesta dissertação, compreendemos a língua como mutável e heterogênea e é a partir deste prisma que optamos por desenvolvê-lo, a partir do Funcionalismo Norte-

americano. A teoria, que embasa a pesquisa aqui proposta, ganhou força em um momento em que a língua era compreendida como homogênea e que as pesquisas linguísticas eram desenvolvidas, em sua grande maioria, a partir da língua escrita, dado que, Saussure, em sua obra *Cours de Linguistique Générale* (1916), apontava a fala - ou *parole* - como caótica e de difícil sistematização, afirmação essa que vai de encontro ao que é proposto pelo funcionalismo linguístico.

O Funcionalismo, de maneira generalizada, pode ser definido como uma teoria gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social (Neves, 2022). Neste trabalho, buscamos ampliar o debate acerca do fenômeno em pauta a partir de explicações de cunho funcional e contribuir para o preenchimento de lacunas significativas presentes no sistema verbal da língua espanhola sobre o fenômeno. E destacando que a correlação entre forma e função das construções consideradas são também de construções gramaticais.

Compreendemos ainda que a gramática (ou estrutura) de uma língua é suscetível às pressões do uso (Neves, 2022), fato que pode justificar o fenômeno da variação linguística. Neste estudo, optamos por abraçar a corrente funcionalista norte-americana, que conta com Talmy Givón como um de seus maiores nomes; Givón (1995) postula a existência de uma intrínseca correlação entre um sistema linguístico e seu conteúdo, salientando a premente consideração da relevância do discurso individual. Sob tal perspectiva, torna-se manifesto que a dicotomia entre língua e fala, tal como proposto por Saussure, não é de todo exequível. O Funcionalismo de Givón adota uma abordagem pancrônica<sup>1</sup>, investigando o comportamento de forças cognitivas e comunicativas no indivíduo inserido em um instante genuíno de comunicação linguística.

Sob a perspectiva funcionalista, é importante considerar que a língua, em seu uso real, ainda que seja equilibrada, sofre oscilações e por isso é relevante que sejam feitas pesquisas que visem analisar o discurso dos integrantes de uma comunidade de fala e onde e como ocorrem estas oscilações. Porém, ainda referente ao levantamento do estado da arte, as pesquisas desenvolvidas sobre o fenômeno em pauta não costumam considerar as motivações funcionais no uso efetivo ou comunicativo do falante.

---

<sup>1</sup> Givón (1984), defende que uma abordagem pancrônica procura unir a perspectiva sincrônica, a qual se concentra na descrição do sistema linguístico em um período específico, e a perspectiva diacrônica, que se ocupa na evolução histórica e nas mudanças linguísticas que se dão através do tempo.

Da teoria Funcionalista, ancorar-nos-emos em conceitos como a marcação, proposta por Givón (1984). Ainda a partir de Givón (1984), podemos abordar de forma meticulosa e erudita os intrincados conceitos de marcação, expressividade retórica e prototipicidade no âmbito da linguística funcional e tipológica. Este autor desvela os intrincados mecanismos pelos quais vocábulos ou estruturas linguísticas transmutam de sua condição lexical original para adquirirem o estatuto de elementos gramaticais, em um processo consabido como gramaticalização. Adicionalmente, Givón (1995) investiga minuciosamente como as línguas assinalam distintas relações gramaticais e semânticas, salientando a multifacetada gama de estratégias empregadas pelas línguas para expressar significados. Ademais, o autor adentra na discussão do conceito de prototipicidade, o qual se refere à representação cognitiva de categorias linguísticas fundamentada em exemplares paradigmáticos.

Nesse sentido, seria relevante desenvolver uma pesquisa sobre o fenômeno da multifuncionalidade presente na expressão de futuridade no espanhol oral da cidade de Guadalajara - México, uma vez que notamos que esse fenômeno, assim como esta comunidade são pouco explorados no âmbito da linguística.

Dentre os países que possuem a Língua Espanhola (LE) como idioma oficial, o México é o que possui o maior número de falantes nativos (Cervantes, 2021). Além de ser uma das maiores economias da América Latina. Com base nisso, propomo-nos a desenvolver nosso estudo através de dados de fala da população mexicana, mais precisamente na comunidade de fala de Guadalajara, terceira maior cidade em números de habitantes do país. Como já mencionamos, alguns autores propuseram-se a analisar este fenômeno em comunidades de fala como Valencia (Buzón García, 2013), Bogotá (Becerra, 2005) e Costa Rica (Pitloun, 2005) e todos marcam a coexistência das formas FS e FP em suas respectivas comunidades. No entanto evidenciamos que há um *déficit* no que diz respeito a uma abordagem que vise explicar também a relação entre a estrutura gramatical e o discurso dos falantes e, então, propomo-nos a realizá-lo por meio de domínios funcionais.<sup>2</sup>

Com relação aos trabalhos teóricos funcionalistas, há Givón (1984,1990, 1995, 2001 e 2005), Neves (1997, 2001, 2006, 2007, 2012 e 2021), Cunha *et al* (2008 e 2013) e Votre (2012), que irão contribuir com seus aportes teóricos como uma das bases para o estudo das formas de expressão de futuridade. Com relação ao complexo TAM

---

<sup>2</sup>Abordaremos de modo detalhado este conceito na seção referente ao funcionalismo linguístico, em nossa fundamentação teórica.

(Tempo, Aspecto e Modalidade), tema que circula e integra de maneira direta a expressão de futuridade, usaremos como fonte de apoio: Comrie (1976, 1985), Givón (1984, 1985), Coan (2003), Di Tullio (2006), Croft (2012), Pontes (2012), dentre outros, onde constam pressupostos e reflexões sobre o complexo mencionada.

Com o propósito de contribuir para a ampliação de debates referentes a este fenômeno aqui apresentadas, tivemos como objetivo geral: analisar, à luz dos pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico e por meio do banco de dados PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*) - Guadalajara, os papéis e funções das formas de futuro no espanhol oral de Guadalajara, considerando: futuro simples (*cantaré*) e futuro perifrástico (ir + a + infinitivo).

A partir do nosso objetivo principal, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- mapear as funções do futuro perifrástico e do futuro simples no domínio pragmático-discursivo;
- examinar a expressão de futuro no domínio semântico-lexical, a partir da proposta de Vendler (1957), considerando os seguintes tipos de verbo: atividade, culminação, estado e processo culminado;
- averiguar no domínio textual-discursivo as funções e os papéis a partir da relação figura e fundo, considerando os princípios de marcação e expressividade retórica

A partir do que foi exposto até o momento, podemos afirmar que o que distingue a nossa pesquisa e a torna necessária e relevante é o fato de que nos propomos a realizar um estudo funcionalista a partir da correlação entre forma e função: FS e FP concernente à multifuncionalidade da futuridade no espanhol oral de Guadalajara. Há ainda o fato de que nos propomos a estudar este fenômeno através dados orais da comunidade de Guadalajara e o faremos levando em conta Tempo, Aspecto e Modalidade do fenômeno sob estudo e o contexto protótipo da ocorrência de cada uma das formas, consideradas em nossa pesquisa; realizando assim, uma análise que considera diversos domínios funcionais que se relacionam ao objeto de estudo.

Defendemos também que a partir do estudo aqui proposto, considerando não apenas os dados a serem analisados, mas também o casamento teórico que embasará nossa

análise, será benéfico para as pessoas, acadêmicos que visam estudar a língua espanhola ou estudantes desta, uma vez que poderíamos apresentar um considerável aprofundamento do assunto e na compreensão dos usos e funções das variantes aqui consideradas.

Os resultados oriundos da pesquisa objetivam não só contribuir com a descrição do espanhol oral da cidade de Guadalajara, visam também subsídios descritivos acerca da variação da expressão de futuridade, assim como, realizar um mapeamento sobre essa variável e seus condicionantes, além de ampliar o debate acerca do fenômeno e corroborar com o ensino da língua espanhola seja ele como língua materna ou como língua estrangeira, ao passo em que é notório que apenas o uso das regras gramaticais não são suficientes para explicar o uso pleno de uma língua. Além disso, poderemos comparar os resultados com outros estudos realizados com *corpus* oral da língua espanhola, tais como o de Buzón García (2013).

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos principais, contando com a introdução, que guiarão o leitor ao longo da investigação sobre as formas de futuro no espanhol falado em Guadalajara, os seguintes capítulos abordam desde a fundamentação teórica até as conclusões obtidas a partir da análise de dados. No Capítulo 2, apresentamos a fundamentação teórica, a qual se apoia nos pressupostos do funcionalismo linguístico, com ênfase nos princípios que orientam essa corrente, tais como a multifuncionalidade, a iconicidade e a relevância do contexto no uso das formas verbais. Além disso, discute-se a expressão de futuridade no espanhol e sua relação com o complexo sistema TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade), fornecendo uma visão detalhada dos valores e funções pragmático-discursivas do futuro simples e do futuro perifrástico.

O Capítulo 3 trata da metodologia adotada para a realização deste estudo. Serão descritos os critérios para a coleta e seleção dos dados, bem como os métodos de análise utilizados para examinar o corpus extraído do banco de dados PRESEEA – Guadalajara. Esse capítulo justifica as escolhas metodológicas à luz dos objetivos da pesquisa, enfatizando a importância de uma abordagem funcionalista para interpretar o uso das formas de futuro no contexto oral. No Capítulo 4, apresentamos a descrição e análise dos dados coletados, explorando de forma detalhada as ocorrências do futuro simples e do futuro perifrástico. Nesta seção, investigamos os domínios funcionais e a multifuncionalidade no uso dessas formas. A análise busca revelar como a ocorrência de usos do futuro sintético e o perifrástico responde a propósitos comunicativos específicos, refletindo as nuances do discurso cotidiano no espanhol de Guadalajara.

Por fim, nas Considerações Finais, oferecemos uma síntese dos principais achados, ressaltando as contribuições do estudo para o entendimento das formas de futuro no espanhol e as implicações para o funcionalismo linguístico. Além disso, sugerimos possíveis caminhos para pesquisas futuras que aprofundem o estudo da multifuncionalidade do futuro em língua espanhola.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na presente seção, será apresentada a fundamentação teórica que sustenta a análise da variação linguística das formas de expressão de futuridade FS e FP. Será desenvolvida uma apresentação da teoria base do presente estudo e do fenômeno analisado, a qual fornecerá os pressupostos à análise do fenômeno em questão.

### 2.1 Funcionalismo

Nesta seção, iremos apresentar o embasamento teórico, cujo função é fundamentar e nortear, com base em seus pressupostos e concepções, a análise da multifuncionalidade linguística da expressão de futuridade, iremos considerar as concepções Funcionalista. Iremos considerar: Givón (1984, 1990, 1995, 2001 e 2005), Neves (1997, 2001, 2006, 2007, 2012 e 2021), Cunha et al (2013) e Votre (2012).

O início da linguística moderno costuma ser atrelado ao surgimento da obra *Cours de linguistique générale de Saussure*, em 1916, que foi organizada e publicada a partir das notas de aulas dos alunos de Ferdinand Saussure, dando início assim ao estruturalismo linguístico. Para Saussure a língua pode ser definida como um conjunto de unidades que se relacionam dentro de um todo, este teórico salienta ainda, que estudos linguísticos deveriam ser realizados com ênfase na língua (*langue*), uma vez que a fala (*parole*) é caótica e de difícil sistematização, a corrente estruturalista defende ainda a existência das dicotomias dentro da língua, as quais dividem de maneira binária os conceitos de *langue* e *parole* (língua e fala), sincronia e diacronia, paradigma e sintagma, e significante e significado.

Ao propor as dicotomias, Saussure, em seu Curso de Linguística Geral (1916), assume a língua como um sistema binário, que funciona e desenvolve-se a partir de elementos duplos, os quais tornam-se, ao mesmo tempo, opostos e complementares, como é o caso da dicotomia *langue*<sup>3</sup> e *parole*<sup>4</sup>. Esta “dupla” – por assim chamar -, baseia-se, de acordo com Saussure (2012, [1916]), no feito de que a linguagem conta com uma

---

<sup>3</sup> Costuma ser definida como uma realidade psíquica, que “constitui-se num sistema de signos, onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.” (Saussure, 2012[1916]).

<sup>4</sup> Representa o oposto da *langue*, “a *parole* é um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir as combinações pelas quais o falante realiza o código da *langue* no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.” (Saussure, 2012[1916]).

face individualizada, no caso, a *parole*, e outra face social, a *langue*, o que faz com que uma não possa ser concebida sem a outra.

Ao longo de suas considerações sobre a metodologia desenvolvida para seus estudos estruturalistas, Saussure elege a *langue* como objeto de análise, por considerar a *parole* caótica e de difícil sistematização. Porém, diferentemente do que muitos interpretam, ao optar por analisar apenas um dos componentes que integram a dicotomia a qual estamos considerando, não faz com que o outro seja considerado “ilegítimo” ou, de alguma maneira, inútil para análises da língua. Esse fato apenas funciona como um exemplo prático de que o objeto de pesquisa de um estudioso da língua (ou dos mais diversos campos da ciência) é construído a partir do ponto de vista deste, como afirma o próprio Saussure (1916).

Partindo dessa última afirmação, a linguística moderna conta com vertentes que, ao contrário da metodologia proposta por Saussure, tendem a considerar, em suas pesquisas, a *parole*, ou seja, a língua em seu uso real e cotidiano; com dados extraídos de contextos comunicativos concretos. Como é o caso do funcionalismo linguístico, que teve sua origem “em meio” ao estruturalismo.

O movimento estruturalista dentro da linguística deu origem a diversas escolas que seguiam seus pressupostos, sendo a Escola de Praga, que teve origem no Círculo Linguístico de Praga uma das mais conhecidas. Teóricos como Jakobson e Trubetzkoy faziam parte desta e vale destacar que eles não concebiam a língua como um sistema autônomo, como propôs Saussure e adicionaram ainda, aos estudos linguísticos da época, o princípio de função que, inicialmente, eram análises voltadas para a fonética, mas posteriormente reverberou-se para todos os níveis da língua. Jakobson, estabeleceu as funções comunicativas da linguagem, sendo elas: emotiva, conativa, fática, metalinguística, referencial e poética, e sobre os estudos fonéticos, Jakobson defendia que a textura fonética nada tem a ver com os sons, e sim com os fonemas, isto é, com representações acústicas suscetíveis de ser associadas às representações semânticas (Jakobson, 1921).

Os estudos funcionalistas se iniciaram após a “abertura de uma nova teoria” por parte da Escola de Praga (EP), em que era defendido o estudo da língua para a compreensão da linguagem e das funções existentes dentro dela, assim como em seus respectivos componentes linguísticos, principalmente o uso. Para a EP o ponto de partida para a realização de análises linguísticas é a oração, mais precisamente, a maneira como esta funciona para o falante que a produziu (Neves, 2022), uma vez que, a língua é

compreendida como um fato não isolado e que é “produzida” dentro da comunicação. Prideaux (1987) afirma que, dentro da teoria funcionalista, a linguagem não é considerada um fenômeno isolado e, sim, como um instrumento que serve a propósitos, sendo um deles o de “realizar o ato de comunicação”.

O funcionalismo visa compreender e analisar o comportamento das estruturas linguísticas dentro do discurso em consonância com os contextos comunicativos que o permeiam, Martelotta (2008), aponta que o funcionalismo procura trabalhar com dados reais de fala ou escrita. Dentro desta teoria, é possível ainda encontrar distintas vertentes, como o funcionalismo praguense (ou europeu), funcionalismo Holandês e funcionalismo norte-americano, que conta com teóricos como Hopper, Thompson e Givón, esta última vertente é a que iremos considerar neste trabalho, sobretudo o funcionalismo Givoniano. Ressaltamos que as distinções entre estas vertentes ocorre a partir do nível de abstração e generalização de suas respectivas propostas teóricas, assim como temas de análise, conceitos e aspectos que cada uma delas pode apresentar de maneira particularizada.

A existência dessas várias vertentes é, inclusive, motivo de críticas por parte de teóricos como Van Valin (1990), que afirma que o funcionalismo é como o protestantismo: um grupo de seitas que vivem em “conflito”, que concordam apenas em rejeitar a autoridade do papa. Ainda que existam críticas, não podemos negar ou refutar a significância e as particularidades de cada uma das correntes funcionalistas.

Para Nichols (1984), é possível dividir as vertentes funcionalistas em três grupos, sendo eles: funcionalismo conservador, funcionalismo moderado e funcionalismo extremista. O conservador é “responsável” por apenas indicar a inadequação do formalismo – ou do estruturalismo - sem possuir análises referentes à estrutura da língua; o funcionalismo moderado não só indica a inadequação, mas propõe a realização de análises funcionalistas dentro da estrutura da língua; e, o funcionalismo extremista, nega a existência da estrutura linguística como, de fato, uma estrutura, pois acredita-se que as regras de construção de uma língua estão pautadas na função do discurso.

Ainda em relação às diferenças destas vertentes, Neves (2022) retoma a proposta de Neves (2004) onde resume-se a proposta de quatro modelos funcionalistas da seguinte forma:

- O de um Coseriu, que se fixa particularmente na proposta estruturalista de estabelecer os significados gramaticais distinguidos na língua e as oposições entre os significados, entendendo a língua como uma estruturação de conteúdos, como sistema de funções, enfim, como um conjunto de paradigmas funcionais;

- O de um Halliday, que se fixa particularmente na noção de “função” como um papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, em correspondência às demandas da situação e da cultura, assentando a sua gramática numa base sistêmica – e paradigmática -, na qual o enunciado parte das escolhas que o falante faz quando o compõe para produzir significado, atingindo o seu propósito;
- O de um Dik que se fixa particularmente na visão da interação verbal por via dos usuários, preocupando-se, entretanto, em valorizar o papel da expressão linguística na comunicação (incluída na descrição linguística a referência aos papéis e ao estatuto dos usuários naquela determinada situação sociocultural de interação), e, por isso mesmo, dedicando-se a prover formalizações no modelo da gramática;
- O de um Givón, que, particularmente, se fixa: no postulado da não autonomia do sistema linguístico; na concepção da estruturação interna da gramática como o organismo que, na sintaxe, unifica a codificação dos dois domínios funcionais, que são a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva), no exame dos aspectos icônicos da gramática. (Neves, 2022. P. 67).

Porém, é importante frisar ainda que todas as vertentes mencionadas anteriormente possuem similaridades e a maior delas é o fato de que a língua não é autônoma, como indica Neves (1997):

[...] todos os funcionalistas assumem o postulado da não-autonomia: a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. (Neves, 1997, p. 3).

Outra similaridade é que todas consideram o conceito de competência comunicativa como foco principal; que é capacidade de utilizar e adaptar a língua a partir das necessidades da situação comunicativa. Segundo Neves (2004, p. 2) ao estudar a competência comunicativa é preciso “considerar as estruturas das expressões como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração”. Neves (2022) defende que ao falarmos em competência comunicativa, estamos assumindo que, ao fazer uso da linguagem, os indivíduos possuem não apenas a capacidade de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira satisfatória dentro da interação comunicativa.

De modo mais abrangente, podemos afirmar que, essa corrente linguística compreende-se como uma teoria de organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social (Neves, 2022, p. 15). Aqui, ao contrário do que se pode pensar, não há uma negação da existência de estruturas gramaticais, no entanto, estas são concebidas como propícias a adaptações para atender às necessidades de uso dos falantes, Halliday (1994) aponta que uma proposta de

gramática funcional é essencialmente uma gramática “natural”, ao passo de que todos os elementos que a constituem podem ser explicados em referência a como a língua é usada.

Dentro do funcionalismo, há a divisão dos estudos linguísticos em dois paradigmas, apresentados por autores como Cunha, Oliveira e Martelotta (2003) e Neves (1997), são eles: polo formalista e polo funcionalista. O polo formalista compreende a língua como um constructo de duas partes: entidades e características observadas em enunciados, como apontam Naro e Votre (2012), além de defender a autonomia científica da linguística, ou seja, a linguística deveria se ocupar do estudo da gramática, coisa que não é objeto de estudo de nenhuma outra área e estuda a língua como um objeto descontextualizados:

Os formalistas – entre eles os gerativistas – estudam a língua como um objeto descontextualizado, preocupando-se com as suas características internas – seus constituintes e as relações entre eles – mas não com as relações entre os constituintes e seus significados, ou entre a língua e seu meio; chegam, desse modo À concepção de língua como “um conjunto de frases”, “um sistema de sons”, “um sistema de signos”, equiparando, desse modo, a língua À sua gramática. Dillinger (1991, p. 397)

Já no polo funcionalista, se busca descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções que desempenham nos diversos contextos de uso da língua. (Cunha, Bispo e Silva, 2013), assim a função da forma linguística na situação comunicativa está em primeiro plano e a língua é encarada como um instrumento de interação, ou seja, o termo funcional pode ser referido ao papel que a língua possui em cada contexto. Com isso, estudiosos do funcionalismo como Talmy Givón propõem que a linguística deve ser baseada no uso e que a análise da língua deve ser desenvolvida a partir de um determinado contexto linguístico e uma situação extralinguística.

Para Givón (1995), existe a correlação natural entre um código linguístico e o seu conteúdo e da relevância do seu discurso individual e por isso este pode sofrer constantes transformações e assim podemos afirmar que não há como separar língua e fala como propôs Saussure. O funcionalismo Norte-americano, ou Givoniano – o qual assumiremos neste trabalho - assume a forma pancrônica que analisa o comportamento de forças cognitivas e comunicativas no indivíduo que está inserido em um momento real da comunicação linguística; sobre a proposta de Givón, Neves (2004, p. 15) afirma que se fixa particularmente no postulado da não autonomia do sistema linguístico, na concepção da estruturação interna da gramática como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática (sendo a sintaxe a codificação dos domínios funcionais que são:

a semântica, proposicional e a pragmática discursiva) e no exame dos aspectos icônicos da gramática: (Neves, 2004, p. 15).

No que concerne à proposição de Givón, Neves (2004, p. 15) realça a primazia atribuída ao postulado da não-autonomia do sistema linguístico. Além disso, Givón concebe a estrutura intrínseca da gramática como um organismo que amalgama sintaxe, semântica e pragmática, com a sintaxe desempenhando o papel de codificar os domínios funcionais<sup>5</sup>, os quais abrangem a semântica proposicional e a pragmática discursiva.

Sobre esta corrente, vale mencionar também, a famosa citação de Givón, onde este afirma que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, que nos leva a refletir nessa ideia de que a gramática de uma língua sofre com o processo de “adaptação” constantemente. Ainda nesta perspectiva, Givón (1979) sugere que os domínios sintáticos, como sujeito, voz, orações relativas etc., nascem a partir das propriedades do discurso, endossando assim, o argumento de adaptabilidade das estruturas gramaticais. Por falar em oração, assim como os estudiosos da EP, Givón (1983) determina que a oração (ou *Clause*) é a unidade preliminar do processamento de informações oriundas do discurso, visto que, ao passo que uma ‘palavra’ só consegue um significado pleno após ser gramaticalizada dentro de uma oração.

São considerados, de acordo com Givón (1995), os princípios basilares do funcionalismo Norte-americano:

1. A linguagem é uma atividade sociocultural;
2. A estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
3. A estrutura é não arbitrária, motivada e icônica;
4. Mudança e variação estão sempre presentes no uso da língua;
5. O significado é dependente do contexto e não atômico;
6. As categorias não são discretas;
7. A estrutura é maleável, não rígida;
8. As gramáticas são emergentes;
9. As regras gramaticais permitem desvios.

---

<sup>5</sup> Os domínios funcionais para Givón (1995) são áreas distintas de uso da linguagem que refletem diferentes funções comunicativas. Mais detalhes sobre esse conceito, constam na página 35 deste arquivo.

Adotamos ainda a noção de domínio funcional, fazemos uso deste termo de acordo com a definição de Givón (1984), referindo-me a áreas funcionais amplas, que podem ser consideradas como macro-domínios e que englobam categorias como TAM (tempo/aspecto/modalidade), caso, referência, entre outras. Além disso, o termo pode ser aplicado a áreas mais específicas, ou micro-domínios, como o tempo futuro. A noção de "domínio" é, portanto, aplicável a diferentes níveis hierárquicos funcionais, nos quais as funções da língua se organizam. Dentro dessa disposição, uma categoria específica, como um tempo verbal, constitui um microdomínio em relação a um macrodomínio mais abrangente, como o TAM. Ainda assim, qualquer um desses tempos pode ser tratado como um "domínio funcional" em seu próprio contexto.

Com isso, consideramos a abordagem Norte-americana proposta por Givón (1995) e por Hopper e Thompson (1980) revela-se apropriada para embasar as análises a serem realizadas nesta pesquisa. Isso se deve ao fato de que essa perspectiva se fundamenta em critérios que permitem examinar fenômenos gramaticais em uma determinada língua. Tais critérios envolvem aspectos cognitivo-comunicativos, assim como dimensões semântico-discursivas e pragmáticas. Dessa maneira, a abordagem não apenas leva em conta a estrutura gramatical isolada, mas também considera o papel da linguagem no contexto de interação e construção de sentido.

## **2.2. Princípios funcionalistas**

Nesta seção, apresentaremos, a partir da visão funcionalista, os princípios que moldam a nossa análise, sendo eles: marcação, gramaticalização e expressividade retórica. Trataremos ainda dos planos semântico-lexical e textual-discursivo.

### **2.2.1. Marcação**

Esse princípio estabelece um contraste gramatical binário (Cunha; Tavares, 2016), onde uma construção marcada exibe uma propriedade que não consta no outro membro, que é considerado não marcado. Givón (1990) propõe que a marcação é a ideia de que uma estrutura marcada é mais complexa do ponto de vista estrutural, e uma estrutura não marcada é mais simples, vista deste mesmo ponto de vista. O conceito de marcação passou a fazer parte de pesquisas linguísticas através da Escola de Praga, como

uma adaptação às dicotomias saussureanas, uma vez que os linguistas de Praga notaram que as distinções binárias na fonologia e na gramática apresentavam distorções sistemáticas ou assimetrias (Givón, 1995).

Por conseguinte, esses estudiosos notaram que um membro dessa relação binária contava sempre com a presença de uma propriedade (marcado), enquanto o outro apresentava a sua ausência (não marcado). No entanto, vale destacar que, a marcação, como aponta Givón (1995), é um fenômeno que se apoia no contexto do discurso, ou seja, a mesma construção pode aparecer marcada em um contexto e não marcada em outro.

a) Subprincípios de marcação:

- complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a apresentar mais complexidade estrutural do que a não marcada. Como no exemplo abaixo, onde, no substantivo marcado, há presença do morfema que indica o plural, enquanto no substantivo não marcado, este morfema não aparece e não é substituído por nenhum outro, apenas pelo vazio;

**Exemplo:** meninos [+ plural] e menino [- plural]. (Cunha; Tavares, 2016, p. 21).

- distribuição de frequência: a categoria marcada é geralmente menos comum, tornando-a cognitivamente mais proeminente do que a categoria não marcada correspondente. Um exemplo disso é o caso do discurso formal, o qual tende a ser mais marcado, considerando que costuma ser utilizado em contextos em que o usuário da língua costuma estar monitorando a sua fala e, por conseguinte, há uma tendência maior em ser empregadas as regras presente nas gramáticas normativas da língua, porém, esse discurso costuma ser utilizado apenas em contextos específicos, enquanto o discurso coloquial, não marcado, tende a ser utilizado com mais frequência;
- complexidade cognitiva: A categoria que apresenta marcação tende a ser mais complexa do ponto de vista cognitivo, o que significa que ela geralmente requer um esforço mental maior, uma demanda de atenção mais intensa ou um tempo de processamento mais longo em comparação

com a categoria que não apresenta marcação. Isso ocorre porque a presença de marcação adiciona camadas de informação e nuances à estrutura linguística, exigindo do falante ou ouvinte um processamento mais detalhado e elaborado para compreender e interpretar a mensagem transmitida. Em contrapartida, a ausência de marcação pode tornar a estrutura mais direta e simples, exigindo menos esforço cognitivo para processar e entender.

b) Princípio meta-icônico da marcação contextual: a marcação, como mencionado anteriormente, é um princípio contextual por excelência, ou seja: o contexto a constrói, isso acontece porque, como mencionado anteriormente, uma mesma categoria gramatical pode adquirir um valor de marcação distinto quando inserida em diferentes tipos de discurso. Com isso, Givón (1995), propõe os seguintes exemplos:

- discurso oral-informal vs. discurso escrito-formal: no que cabe ao critério complexidade estrutural, existe um contínuo, que varia em termos de grau de gramaticalização e complexidade sintática, desde o extremo oral-informal até o extremo escrito-formal do discurso, o autor defende ainda que o contraste entre estes extremos se assemelha ao contraste entre a comunicação pré-gramatical vs. gramatical. No critério distribuição de frequência, acredita-se que a maioria esmagadora dos falantes se envolve predominantemente em interações comunicativas no meio oral-informal, é razoável sugerir que a comunicação cara a cara é a forma não marcada. Já na complexidade cognitiva, acredita-se que o elemento marcado implica um processamento cognitivo mais complexo em comparação com o elemento não marcado;
- Assuntos humanos vs. discurso acadêmico abstrato: nesse caso, apenas o assunto não é capaz de impor algum nível de complexidade formal, porém, a ferrenha associação entre os tópicos que costumam estar presentes em cada um desses contextos, costuma servir como o molde necessário. Partindo deste ponto, o discurso acadêmico abstrato tende a apresentar uma sintaxe mais complexa, assim, essa forte associação implica que o

discurso sobre assuntos humanos cotidianos é a forma mais comum e não marcada da comunicação humana, enquanto o discurso acadêmico abstrato representa uma forma menos comum e mais marcada. Além disso, essa associação sugere que o discurso sobre assuntos humanos cotidianos é mais facilmente processado cognitivamente, ao passo que o discurso sobre assuntos acadêmicos abstratos é mais complexo em termos de processamento cognitivo.

- Conversação vs. discurso narrativo/procedimental: a conversação é considerada a forma não marcada mais comum, menos complexa e mais antiga do ponto de vista evolutivo. Por outro lado, o discurso narrativo ou processual é visto como uma forma menos comum e mais marcada, ocorrendo com menor frequência.

### ***2.2.2 Expressividade Retórica***

Dubois e Votre (2012) expressam uma postura crítica em relação ao critério de complexidade cognitiva, afirmando com firmeza a necessidade de uma reavaliação desse conceito. Os autores argumentam que o aumento na complexidade do processamento de uma estrutura não se revela necessariamente proporcional à sua extensão ou abrangência. Essa observação os leva a articular uma série de críticas adicionais e, ao final de sua análise, propõem um aprimoramento dos princípios de marcação e iconicidade, ressaltando suas limitações no contexto do estudo do discurso.

Os linguistas, por sua vez, não rejeitam os princípios funcionalistas previamente estabelecidos, mas complementam essa abordagem com a introdução de dois novos princípios: o da expressividade e o da modularidade. Esses princípios se posicionam em extremos opostos de um continuum, sugerindo uma relação de complementaridade entre eles. Para Dubois e Votre (2012), a compreensão de um fenômeno discursivo não pode ser obtida por meio da aplicação isolada de um único princípio; é fundamental considerar a interação entre múltiplos princípios. Por exemplo, enquanto o princípio de marcação pode ser empregado para elucidar determinados usos linguísticos, o princípio de expressividade se mostra mais adequado para a análise de outros contextos.

Assim, diante da complexidade intrínseca aos diferentes modos de tratamento que compõem nosso objeto de estudo, propomos uma abordagem que leve em conta essa multiplicidade de princípios. Nossa pesquisa, portanto, se alicerçará na intersecção desses princípios, buscando uma compreensão mais holística e integrada dos fenômenos discursivos em questão.

Para Dubois e Votre (2012, p. 68), os procedimentos expressivos estão ligados à coesão na trama discursiva, podendo suportá-la explicitamente ou basear-se sobre essa coesão para tornar o discurso mais eficaz, ou os dois processos de maneira simultânea; além de sua utilização servir para equilibrar o esforço de codificação que provocam alguns aspectos dos fenômenos discursivos. Este princípio é proposto a partir da afirmação de que princípios como a marcação não conseguem contemplar as explicações plenas necessárias para que o discurso seja efetivamente analisado, causando assim algumas lacunas.

No entanto, ao invés de apenas rechaçar o princípio anterior, Dubois e Votre (2012) formulam outro princípio que, em correlação com esse, possa contemplar plenamente os aspectos do discurso. Desse modo, a união dos princípios corresponde a polos opostos de um continuum, de modo que, os fenômenos discursivos precisam da soma de ambos para que possam ser analisados e explicados. A formulação do princípio de expressividade retórica, de acordo com Dubois e Votre (2012), ocorre da seguinte forma:

- o princípio de expressividade é cognitivamente motivado em termos da expressividade da eficácia, o que equilibra as tarefas de codificação;
- um procedimento discursivo marcado pode ser menos elaborado e menos longo;
- um procedimento discursivo marcado pode ser mais frequente;
- um procedimento discursivo marcado pode reduzir ou anular o esforço de codificação.

De acordo com Givón (1995), os funcionalistas carregam o fardo de ter que, por obrigação teórica, explicar os fatos da estrutura da língua, a partir de algum contexto adaptativo circundante. E é por considerar esses fatores externos da língua, bem como a sua heterogeneidade e por quereremos compreender de maneira mais analítica o fenômeno sob investigação, que nos propomos a realizar uma análise sociofuncional, a seguir, apresentamos os pressupostos teóricos referentes a este casamento teórico.

### ***2.2.3. Gramaticalização e prototipicidade***

A gramaticalização é um fenômeno que caracteriza processos de variação linguística, podendo ser abordado tanto de forma sincrônica quanto diacrônica, e também sob perspectivas discursivo-pragmáticas ou semântico-cognitivas (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013). Nesse contexto, o processo de gramaticalização de construções linguísticas oferece uma explicação sólida para a mudança linguística dentro dos estudos cognitivo-funcionais. Isso ocorre porque essa perspectiva destaca as relações entre o uso da língua, a cognição e a gramática, enfatizando que a gramática não é uma entidade estática. Ao contrário, a língua está em constante evolução devido às necessidades e intenções comunicativas dos falantes.

Um dos primeiros autores a empregar o termo "gramaticalização" foi Meillet, que definiu o processo como a atribuição de uma função gramatical a um termo que antes era autônomo (Meillet, 1982 [1965], p. 131). Nesse sentido, Meillet explora as transições graduais de certas classes de palavras, que passam de elementos principais a secundários, refletindo uma reconfiguração gradual dentro do sistema linguístico.

De forma semelhante, Lehmann (2015) argumenta que a gramaticalização ocorre por meio da transição do léxico para a gramática, ou, em termos de níveis linguísticos, da sintaxe para a morfologia. Assim, um elemento lexical pode se transformar em um elemento gramatical, e um item já gramatical pode se tornar ainda mais integrado à gramática.

Hopper e Traugott (1993, p. 103) ressaltam que o léxico pode, ao longo do processo de mudança linguística, adquirir características gramaticais, podendo até se tornar um afixo flexional. Os autores observam que a gramaticalização é um processo unidirecional, motivado por fatores discursivo-pragmáticos, que leva os itens lexicais a assumirem novas funções gramaticais. Hopper (1987) reforça que esse processo é possível porque a gramática está em constante construção, reconfigurando-se continuamente de acordo com as necessidades do discurso e com as novas situações de uso da língua.

Neves (2004) acrescenta que a gramaticalização não se limita apenas à transição de itens lexicais para elementos gramaticais. Ela também pode ocorrer quando padrões discursivos são transformados em elementos gramaticais. Já Givón (1984) compreende a gramaticalização como um processo pelo qual itens lexicais ou construções sintáticas de uma língua vão se tornando mais gramaticais ao longo do tempo. Esse

fenômeno implica que palavras ou expressões que antes tinham significado mais concreto ou específico passam a desempenhar funções mais abstratas e gramaticais. O processo é dinâmico e reflete a evolução do uso linguístico em contextos comunicativos.

Givón (1984) observa ainda que a gramaticalização pode ser vista como uma passagem de elementos menos dependentes do contexto - mais lexicais e autônomos - para elementos que dependem mais da estrutura gramatical - mais dependentes do contexto linguístico. O autor sugere ainda que esse processo geralmente ocorre em estágios gradativos e previsíveis, onde um termo lexical passa por fases de "desgaste semântico" ou "desgaste fonético", perdendo parte de seu significado original e clareza sonora à medida que se torna uma partícula gramatical, como preposições, conjunções, auxiliares verbais ou pronomes. Givón (1979) complementa essa ideia, sugerindo que essa transição percorre vários níveis linguísticos, desde o discurso até a sintaxe, a morfologia e a morfofonêmica, chegando até mesmo à manifestação nula.

Em sua obra de 1984, Givón introduz a noção de "domínio funcional" como um conceito central para entender o processo de gramaticalização, especialmente em contextos pragmáticos e semânticos. O autor define os domínios funcionais como "áreas de função linguística" (Givón, 1984) que abarcam as necessidades comunicativas específicas de uma língua, relacionadas ao uso de itens lexicais e estruturas gramaticais. Esses domínios são fundamentais para que elementos linguísticos cumpram funções comunicativas específicas dentro de contextos específicos. Dessa forma, o domínio funcional descreve um conjunto de contextos de uso em que construções gramaticais, palavras e expressões se tornam gradualmente associadas a funções mais abstratas e gramaticais.

Os domínios de tempo, aspecto, modo, etc., são algumas das categorias que Givón (1984) considera como domínios funcionais importantes. Segundo o autor, esses domínios compõem as mudanças linguísticas. A perspectiva de Givón sugere, portanto, que o processo de gramaticalização não é aleatório, mas sim orientado por necessidades pragmáticas e contextos comunicativos específicos, que demandam o desenvolvimento de estruturas que facilitam a expressão de relações como temporalidade, espacialidade e modalidade.

Hopper (1991), ao reconhecer diferentes estágios de gramaticalização, propôs cinco princípios que regem o processo: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. Esses princípios ajudam a identificar as fases da gramaticalização de uma estrutura linguística. A estratificação refere-se à criação de

novas camadas linguísticas que surgem sem que as camadas antigas desapareçam, interagindo com as mais recentes. A divergência ocorre quando uma forma lexical gramaticalizada mantém sua autonomia e continua a sofrer as mesmas mudanças que outras formas lexicais. A especialização implica que certas formas se tornam obrigatórias em contextos específicos, aumentando sua frequência de uso em determinado domínio funcional.

A persistência diz respeito à conservação de traços de um item lexical após sua gramaticalização, o que pode impor restrições ao seu comportamento gramatical devido às características herdadas da forma original. Por fim, a decategorização refere-se à perda ou neutralização das marcas morfológicas e privilégios sintáticos das formas gramaticalizadas, que passam a assumir características de categorias secundárias no sistema linguístico.

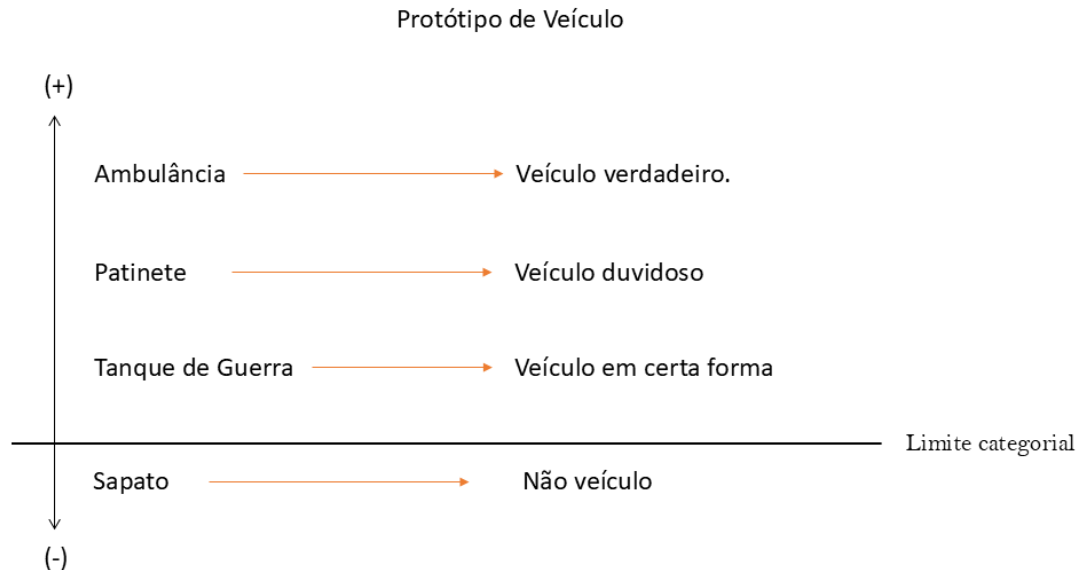
Ao abordar o princípio de gramaticalização, podemos incluir também ao debate os conceitos de prototipicidade e escalaridade. A prototipicidade teve seu início na psicologia cognitiva e passou por algumas “fases” antes de ser definitivamente aceita em estudos linguísticos, duas dessas “fases” são Wittgenstein, onde ele a define como um jogo da linguagem e a de Putnam, que a define como um estereótipo sociólogo da linguagem. Mas, como defende Moure (1994), os protótipos possuem um alcance bem mais amplo, além da pretensão de construir-se através de princípios psicológicos de economia conceitual que influenciem na categorização semântica.

De acordo com Rosch (1973), quem revolucionou e adequou o termo aos estudos linguísticos, o conceito de prototipicidade sustenta que os membros de uma categoria não compartilham um status uniforme; pelo contrário, alguns se destacam por serem mais representativos, ou prototípicos, do que outros. Esses membros prototípicos possuem as características centrais da categoria de maneira mais destacada e, por isso, são conhecidos e identificados de forma mais intuitiva e rápida. Sobre isso, Hopper e Thompson (1984) afirmam que em termos tipológicos é possível afirmar que algumas percepções “prototípicas” de entidades próximas a coisas são codificadas numa forma gramaticalmente identificável como os substantivos, assim como as percepções prototípicas de ações ou eventos são gramaticalmente definidas como verbo.

De acordo com Moure (1994), a teoria dos protótipos nasce quando se formula explicitamente a presença de um espaço contínuo para graduar o avanço entre categorias e para estruturar o interior de cada uma delas. Ainda, de acordo com Moure (1994), a teoria do protótipo é formada quando se formula explicitamente a presença de

um espaço contínuo para graduar o “salto” de uma categoria a outra para estruturar cada uma delas. Um exemplo disso é a prototipicidade do termo veículo, que possui o seguinte esquema gradativo:

Figura 1: Exemplo de protótipo:



Fonte: adaptado de Moure (1994)

Como podemos ver na figura 1, o termo protótipo (ambulância) possui uma série de fatores que o identificam, sendo eles físicos e relacionados a processos cognitivos, ou até mesmo por uma convenção social. Moure (1994) defende que as repostas da teoria de prototipicidade são escalonadas, pois, provavelmente nem todos os membros da categoria veículos possuem o mesmo status, ou seja, nesse exemplo, a ambulância, em uma medida escalonada, é certamente considerada um veículo mais convencional que os outros, ainda que estes também sirvam para locomoção.

Já sobre escalaridade, Givón (1984) compreende a gramaticalização como um processo pelo qual itens lexicais ou construções sintáticas de uma língua vão se tornando mais gramaticais ao longo do tempo. Com isso, nesse processo vão figurar diferentes níveis de gramaticalização, sendo esses níveis escalonados; assim, Givón argumenta que muitos aspectos da língua, como gramaticalização, funcionam em escalas ou gradações. Isso significa que certas categorias não possuem limites fixos; em vez disso, há graus de associação que variam conforme o contexto e a função comunicativa.

Ao unir a gramaticalização aos conceitos prototipicidade e escalaridade é possível perceber com maior afinco a evolução da língua para adaptar-se e atender as necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes.

#### ***2.2.4 Domínio semântico-lexical***

Como mencionado anteriormente, os funcionalistas não consideram a língua um sistema homogêneo. Ademais, é amplamente reconhecido que a língua é dinâmica e está sempre em transformação, em vez de ser estática. Com isso, pode-se conceber que a língua não é constituída apenas por pontos estruturais e que aspectos presentes em seu uso estão diretamente relacionados à construção da língua.

Um exemplo disso é a expressão de tempo dentro do sistema linguístico. Pois, ainda que, “oficialmente” essa informação se dê através dos tempos verbais, é notório que há detalhes que apenas podem ser percebidos através do tipo de verbo que utilizado. Como aponta Vendler (1957), o uso de um verbo também pode sugerir a maneira particular como este pressupõe e envolve a noção de tempo.

Por isso, para realizar a análise do nível semântico-lexical, adotamos a classificação de caráter aspectual proposta por Vendler (1957), relacionada aos tipos de verbo. No entanto, antes de apresentar a proposta do autor, cabe salientar que ele não nega a relevância dos tempos verbais neste processo, e sim admite que ao concentrar nossas atenções aos esquemas temporais pressupostos pelos verbos, poderemos esclarecer algumas “obscuridades” que podem circundar a questão da expressão de tempos verbais (Vendler 1957).

Dito isso, partimos agora para a exposição da proposta que aqui consideramos. O autor sugere que essa classificação deve ser feita a partir do modo como os verbos envolvem as noções de duratividade e delimitação temporal. O autor sugere inicialmente a divisão entre verbos que apresentam tempos contínuos, ou seja, possuem noção de duratividade; e verbos que não a possuem.

Dentro do primeiro grupo (os que possuem noção de duratividade), encontra-se:

- a) atividade: verbos que expressam ações cuja duração no tempo não está claramente delimitada referem-se a situações de caráter contínuo ou prolongado. Conforme discutido por Godói (1992), as atividades

representadas por tais verbos são caracterizadas pela ausência de um ponto culminante ou de término específico. Essas ações, portanto, não são pontuais e podem ser subdivididas em diferentes fases ou etapas, evidenciando sua natureza processual. Em suma, tratam-se de verbos que descrevem eventos cujo curso temporal se prolonga indefinidamente, sem um limite claramente estabelecido.

Exemplo 1: *Clara corre todas las mañanas* | Clara corre todas as todas as manhãs. (Elaborado pelo autor).

No exemplo 1, podemos notar que ao longo do período matinal, Clara dedicou-se à prática da dança. No entanto, tal fato não implica, necessariamente, que tenha permanecido imersa nessa atividade durante toda a manhã. Em contraste, embora a sua performance de corrida tenha sido, em certo momento, interrompida por um evento específico, persiste a realidade de que, na maior parte do tempo, o ato de correr foi efetivamente concretizado. Ademais, não se pode afirmar que tenha havido um desfecho definitivo ou uma conclusão plena desta ação, sendo esta caracterizada pela sua continuidade sem uma culminação clara.

- b) Processo culminado: Conforme exposto por Vendler (1967), esses verbos possuem a característica de indicar um término claramente definido para a ação que representam. Além disso, referem-se à totalidade de um segmento temporal, podendo ser analisados como compostos por diferentes fases ou estágios, que estruturam o desenrolar da ação ao longo do tempo.

Exemplo 2: *Clara viajó para Buenos Aires.* | Clara viajou para Buenos Aires. (Elaborado pelo autor).

No exemplo 2, ao declarar que Clara viajou até Buenos Aires, subentende-se que a ação se completa no momento em que ela atinge esse destino. Dessa forma, estabelece-se um ponto final concreto e definido, o qual delimita e encerra um período completo, correspondente ao trajeto percorrido durante a viagem. Assim, a conclusão da jornada marca o término de uma sequência temporal que abarca o deslocamento em sua totalidade.

Já referente ao segundo grupo (cujo não possuem noção de duratividade), podemos encontrar:

- c) Culminações: Segundo Vendler (1967), os verbos classificados como culminações referem-se a ações que apresentam um ponto final bem definido, o que significa que a situação por eles expressa possui um limite preciso e não se desenrola ao longo de um período prolongado. Assim, a ação descrita por esses verbos ocorre em um momento determinado, sem que seja possível expandi-la ou fracioná-la em etapas sucessivas. Em outras palavras, as culminações representam eventos pontuais, cuja execução se dá de maneira imediata e indivisível.

Exemplo 3: *José abrió la ventana* | José abriu a janela. (Elaborado pelo autor).

No exemplo 3, o ato de abrir a janela representa um evento que se dá de forma imediata, em um instante único e determinado, sem admitir prolongamentos ou divisões em etapas. Trata-se de uma ação pontual, cuja natureza é indivisível, ocorrendo de maneira completa e instantânea, sem possibilidade de ser fragmentada em diferentes fases ou momentos sucessivos.

- d) Estado: segundo Vendler (1967), esse tipo de verbo refere-se a situações que se desenrolam de forma contínua ao longo de todo o período considerado, ou durante um conjunto específico de momentos. Desse modo, tais situações não podem ser fracionadas em etapas distintas, pois sua natureza implica uma ocorrência uniforme e indivisível em cada instante dentro do intervalo temporal mencionado.

Exemplo 4: *Júlia tiene la piel clara*. | Júlia tem a pele clara. (Elaborado pelo autor).

No exemplo 4, o verbo que denota posse, "ter", expressa uma qualidade física intrínseca ao sujeito da oração, uma característica que se apresenta como permanente e não suscetível a alterações, desde que as condições essenciais à existência do fato se mantenham. Dessa forma, tal verbo refere-se a uma realidade contínua, que se manifesta

de maneira uniforme ao longo de todo um período determinado, sem admitir divisões ou fragmentações em etapas distintas.

A partir das considerações expostas nesta seção, passamos a desenvolver uma análise minuciosa no plano semântico-lexical, atentando para a relevância dos dados na construção e manutenção da coerência do texto narrativo. Tal análise é realizada considerando o contexto comunicativo em que o texto se insere e à luz da proposta teórica de Vendliana, cuja contribuição se mostra fundamental para compreender as dinâmicas internas de sentido e a articulação entre os elementos linguísticos e discursivos.

### ***2.2.5 Domínio textual-discursivo: figura e fundo***

Oriundo de Gestalt, da psicologia, o conceito inicial de figura e fundo possui fundamento cognitivo, fazendo com que a formação deste ocorra de modo dinâmico, onde figura depende do fundo sobre o qual aparece e o fundo serve de estrutura para o “enquadramento” da figura. Já no âmbito da linguística, este conceito é visto sob a ótica do discurso e, de acordo com Hopper e Thompson (1980), costuma-se analisá-lo a partir do contexto da interação verbal, o qual considera que o falante é ‘responsável’ por codificar o que enxerga como principal – figura – e o que é considerado acessório “fundo”.

Ainda de acordo com Hopper e Thompson (1980), existe uma forte correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade de uma sentença. Isso ocorre porque, tanto na organização do pensamento quanto na comunicação, a hierarquização das informações é inevitável. O objetivo é definir graus de centralidade ou periféricidade, isto é, em uma situação comunicativa, os falantes buscam distinguir quais informações são essenciais (figura) e quais são secundárias (fundo).

Ou seja, de acordo com Hopper e Thompson (1980), a figura refere-se ao elemento de maior transitividade e destaque no enunciado. Nas orações de alta transitividade, a figura é tipicamente um agente ativo, associado a ações concretas, definidas e dinâmicas. Já o fundo representa as partes do enunciado que fornecem o pano de fundo ou o suporte para a figura. Estes incluem participantes com pouca ou nenhuma agência, ações de baixa definição e estados contínuos ou durativos.

Ainda de acordo com Hopper e Thompson (1980) estão associados à noção de figura e fundo os parâmetros de transitividade. Quanto maior a transitividade de uma oração, maior a saliência da figura em relação ao fundo. Alguns parâmetros incluem:

- **Ação vs. Estado:** Ações concretas são figuras mais salientes, enquanto estados contínuos fazem parte do fundo.
- **Kinesis:** Eventos dinâmicos (movimento ou mudança) têm mais probabilidade de serem figuras.
- **Individuação:** Objetos bem definidos e específicos aparecem como figuras.
- **Afetividade:** Quando uma ação afeta diretamente um paciente, isso contribui para que essa ação seja mais "figura".

A abordagem de Hopper e Thompson mostra que a transitividade e o relevo discursivo influenciam diretamente a distinção entre figura e fundo. Quanto mais transitiva for uma sentença, mais o evento ou a ação emerge como figura. Eles discutem a importância de considerar o uso discursivo e pragmático da linguagem na formação de estruturas gramaticais, mostrando que os conceitos de figura e fundo são fundamentais para a gramática baseada no uso.

Já de acordo com Givón (1984) a noção de figura e fundo pode ser explorada como um princípio cognitivo-comunicativo, essencial para a organização informacional e a estrutura gramatical de enunciados. Sendo, de acordo com o autor, figura: o elemento mais informativo ou o foco do enunciado. Givón explica que a gramática se organiza para destacar a figura em termos de sintaxe e pragmática. A figura é o que chama a atenção do ouvinte ou leitor; e fundo: o contexto necessário para a interpretação da figura, mas que recebe menos atenção e tem menor saliência. No fundo, encontram-se elementos que contextualizam a figura, como expressões temporais, circunstanciais e subordinadas.

Dentro das noções de figura e fundo, adotamos em nossa análise a proposta de Chedier (2007), na qual a autora simplifica a proposta de Silveira (1997)<sup>6</sup>, alterando

---

<sup>6</sup> A autora propõe seis categorias gradientes, sendo elas:

- Categoria I : Representa uma figura prototípica.
- Categoria II : Cláusulas de fundo que se aproximam das características da figura; introduzam ou resumam o conteúdo, cenário e participantes, e incluam a fala dos personagens.

as seis categorias sugeridas pelo autor, para apenas três grupos principais. Em sua proposta, Chedier (2007) preserva a categoria I, mas reúne as categorias II e III em um grupo denominado "Fundo 1", por apresentar características mais próximas da figura. Além disso, agrupados nas categorias IV, V e VI em uma nova categoria chamada "Fundo 2", uma vez que, segundo a autora, essas se distanciam mais das características de figura. Assim, Chedier (2007) estabelece uma divisão que permite analisar a gradualidade entre figura e fundo:

- **Figura:** Engloba elementos com sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, com assuntos previsíveis (tópicos), humanos e agentes. Na organização morfossintática, as figuras incluem orações coordenadas, principais ou absolutas, e verbos em formas perfeitas.
- **Fundo 1:** Composto por cláusulas de fundo que se aproximam das características da figura. Inclui elementos que introduzem ou resumem o conteúdo que será narrado, apresentam o cenário e os participantes e expressam a fala dos personagens. Este fundo também pode conter cláusulas que especificam modo, específica ou tempo, sendo essas cláusulas adverbiais modais, finais e temporais.
- **Fundo 2:** Inclui cláusulas que fornecem detalhes adicionais sobre referentes ou processos (como cláusulas adjetivas) e aquelas que expressam inferências, como causa, consequência ou adversidade (sendo cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas, além de convenções adversativas). Esse fundo também pode conter intervenções do falante, incluindo opiniões, dúvidas ou conclusões.

A proposta de Chedier (2007) facilita a compreensão das diferentes camadas de relevância e funcionalidade no discurso, por isso, escolhemos esta para o desenvolvimento de nossa análise, referente ao domínio textual discursivo.

- 
- Categoria III : Cláusulas de fundo que especificam modo, específica ou tempo (cláusulas adverbiais modais, finais e temporais).
  - Categoria IV : Cláusulas de fundo que detalham referentes ou processos (cláusulas adjetivas).
  - Categoria V : Cláusulas de fundo que expressam inferências, descendentes causa, consequência ou adversidade (cláusulas adverbiais causais, consecutivas, concessivas e adversas).
  - Categoria VI : Cláusulas de fundo com disciplinas do locutor, expressando opiniões, dúvidas ou conclusões.

Na próxima seção, apresentamos as considerações teóricas que adotamos para este trabalho em relação ao complexo TAM. O faremos ao detalhar cada uma das categorias que o constroem, bem como ponderações sobre estas dentro da língua espanhola.

## **2.2. A expressão de futuridade e a questão das categorias tempo, aspecto e modalidade verbal na língua espanhola.**

Nesta seção, serão apresentados os conceitos que cercam o complexo TAM, que fará parte da análise aqui proposta por tratarmos de um tempo verbal (o futuro) que se encaixa neste complexo. Serão apresentadas também algumas considerações gramaticais sobre o fenômeno, além da revisão bibliográfica de alguns estudos já desenvolvidos sobre este fenômeno e as lacunas que cada um deles deixou e que pretendemos preencher.

### ***2.2.1. Complexo TAM***

Ao realizarmos menções, através de construções gramaticais, a questões temporais, estamos envolvendo, ali, três categorias, sendo elas: Tempo, Aspecto e Modalidade, uma vez que todos eles se relacionam. Como iremos realizar uma análise da variação de futuridade que envolve domínios e conceitos do funcionalismo, estas categorias serão abordadas e, por isso, salta a necessidade de tecer algumas considerações sobre estas, que a partir de agora iremos nomear, como propõe Givón (1984), complexo TAM.

As três categorias aqui apresentadas que compõem o complexo TAM, estão diretamente ligadas ao fenômeno que nos propomos a estudar, pois se trata de um fenômeno que marca o tempo verbal e por isso salientamos a relevância deste complexo. A seguir, apresentamos algumas considerações mais direcionadas sobre a expressão de futuridade.

### ***2.2.2 Tempo***

O conceito por trás do substantivo abstrato “tempo” se faz presente em muitas áreas do conhecimento como a física, a filosofia e as áreas que envolvem o estudo das línguas, como a linguística; podemos defini-lo e até contabilizá-lo, quando falamos de minutos e horas. Na língua, o tempo é expresso, principalmente, a partir dos tempos verbais, que são indicadores do momento em que as ações se sucedem; é dividido, principalmente, através de três pontos: o presente, o passado e o futuro.

Buzón García (2013) retoma a definição de Weinreich (1968), para defender que existe uma separação paradigmática entre o tempo físico (contínuo, uniforme e linear; externo ao homem), tempo cronológico (o qual define a relação entre anterioridade, simultaneidade e posterioridade entre os acontecimentos) e tempo linguístico (que se compara com o tempo cronológico, porém, é móvel e costuma coincidir com o momento de fala), o qual define as noções de anterioridade, simultaneidade e posterioridade do acontecimentos expressados através da fala.

O tempo linguístico costuma ser denominado como “tempo verbal” ou “tempo gramatical”, que marca o momento da ação (verbo) na fala. Di Tullio (2014, p. 220) defende que o tempo é, basicamente, uma categoria dêitica. Localiza temporalmente um evento (E), relacionando-o, direta ou indiretamente, com o momento em que ocorre o ato de enunciação: o “*agora*” do ato de fala (F). Essa autora defende ainda que a localização temporal de determinado evento depende de três pontos: o momento do evento, tempo em que o evento está localizado; o momento do ato de fala, momento em que ocorre o ato de fala; e o momento de referência, indica o momento em relação ao evento.

Camajoan-Colomé e Pérez Saldanya (2018) propõem ainda a divisão entre tempo gramatical (que é uma categoria dêitica e que estabelece a diferenciação entre anterioridade, simultaneidade e posterioridade) e tempo verbal (paradigmas de formas flexivas de um verbo que compartilham três propriedades gramaticais: associadas às categorias gramaticais de tempo, aspecto e modo). O tempo verbal pode ser classificado como télicos, que expressam ações que são realizadas uma vez e acabam (ex: *llegar a casa*/chegar em casa) ou atélicos, quando não possuem um objetivo específico final (ex: correr).

O tempo verbal futuro, objeto de estudo deste projeto, pode ser definido, em conformidade com a RAE, como tempo que situa a ação, o processo ou o estado expresso por um verbo em um ponto posterior ao momento da fala. Há diversas maneiras de expressar futuridade na língua espanhola. Concha Moreno e Eres Fernández (2007) listam

algumas dessas formas e são elas: *futuro simples*, *ir a + infinitivo*, *futuro compuesto*, *condicional simple*. Ainda sobre expressão de futuridade, Di Tullio (2014) defende que:

Este valor estritamente temporal do futuro se realiza preferencialmente, sobretudo no espanhol americano, a partir da perífrase do auxiliar *ir* (*Juan va a ser un excelente profesor*). As formas morfológicas de futuro, em contrapartida, expressam preferencialmente uma modalidade; assim, se observa que o significado temporal pode amalgamar-se com valores modais de obrigação ou de intenção. (Di Tullio, 2014. p. 223. Tradução nossa<sup>7</sup>).

Aqui consideramos as formas: *futuro simple* (*cantaré*) e a perífrase *ir a + infinitivo* (*voy a cantar*). A primeira é definida pela RAE (2009, p. 447) como um tempo absoluto, que localiza uma situação em um momento posterior ao de enunciação e a segunda, para Di Tullio (2014), expressa o valor temporal de futuro e, para Gómez Torrego (2009), essa perífrase indica um futuro imediato e pode referir-se à realidade física temporal ou a uma realidade psicológica.

As gramáticas tradicionais da língua espanhola assumem como principais formas de expressar o futuro as duas variantes em questão (futuro simples do indicativo e futuro perifrástico) e diversos estudos visam a analisar o aspecto variacionista deste fenômeno. Abaixo apresentamos algumas considerações sobre alguns deles bem como o diferencial e como a pesquisa aqui proposta pode enriquecer o debate acerca deste fenômeno.

Referente às funções temporais ligadas ao tempo futuro, conforme destacam Pérez, Soler e Feroce (2021), diversos estudos têm identificado fatores variados que influenciam a predominância de uma forma de futuro sobre a outra no espanhol. Entre os fatores analisados estão a presença de advérbios, o grau de certeza e o intervalo temporal do evento projetado. Em relação à certeza, pesquisas com variedades monolíngues da língua espanhola apontaram que a forma perifrástica do futuro tende a ser utilizada em contextos de menor saliência, enquanto o futuro morfológico é preferido em contextos de maior incerteza (Blas Arroyo, 2008; Claes e Ortiz López, 2011). Além disso, Gudmestad e Geeslin (2011) observaram que a construção perifrástica não apenas ocorre com mais frequência do que as demais formas de futuro, mas também é frequentemente

---

<sup>7</sup>Original: Este valor estrictamente temporal del futuro se realiza preferentemente, sobre todo en el español americano, a partir de la perífrase del auxiliar *ir* (*Juan va a ser un excelente profesor*). Las formas morfológicas de futuro, en cambio, expresan preferentemente una modalidad; así, se observa que el significado temporal puede amalgamarse con valores modales de obligación o de intención.

acompanhada de um marcador de certeza, reforçando o caráter mais imediato e intencional dessa construção em comparação com o futuro morfológico.

No estudo realizado por Kanwit e Solon (2013), os autores conduziram uma análise detalhada envolvendo dois grupos de controle, um composto por falantes da cidade de Valência, na Espanha, e o outro por falantes de Mérida, no México. Esses grupos foram utilizados com o objetivo de observar a influência do fator “lapso temporal” na escolha entre o uso do futuro sintético e da perífrase de futuro (ir + a + infinitivo) no espanhol. A pesquisa revelou que o lapso temporal, ou seja, a proximidade ou a distância do evento em relação ao momento da fala, desempenhou um papel estatisticamente significativo na seleção da perífrase de futuro em situações em que o evento descrito estava iminente ou ocorreria no futuro próximo. Nessas circunstâncias, os falantes demonstraram uma clara preferência pela forma perifrástica (ir + a + infinitivo), que sugere uma maior proximidade temporal e uma intenção mais imediata.

Em contraste, essa tendência de favorecimento ao futuro perifrástico foi menos acentuada em situações que envolviam um futuro menos imediato. Assim, o estudo de Kanwit e Solon (2013) contribui para a compreensão da variação linguística no espanhol ao evidenciar como fatores temporais específicos influenciam o uso de construções verbais diferentes, apontando para uma relação direta entre a proximidade temporal e a preferência pela perífrase de futuro em contextos de iminência. Essa pesquisa também ressalta que as distinções pragmáticas e discursivas entre o futuro simples e o perifrástico são sensíveis ao contexto, especialmente em termos de previsão e proximidade do evento. Com isso, consideramos que, em relação as funções temporais, o futuro perifrástico é utilizado para expressão um tempo bem próximo ao momento de fala, enquanto o futuro simples é mais empregado para referir-se a um tempo mais distante.

A partir disso, podemos concluir que a relação de posterioridade em relação ao momento da fala, mencionada anteriormente, corresponde a uma interpretação puramente temporal (ou seja, gramatical e estritamente morfológica). Em contraste, a modalidade associa-se a valores subjetivos (de natureza aleatória e não morfológica), que se manifestam não apenas por meio de conjecturas, mas também por noções de tempo presente, como na expressão *Ahora serán las siete*. Esse uso modal de futuro, que marca uma estimativa ou dedução no presente, é frequentemente encontrado na oralidade, em oposição às formas morfológicas e perifrásticas mais estritamente temporais.

O trabalho de Ferreira (2010) objetiva analisar e comparar a expressão de futuridade e a ocorrência das variáveis futuro simples e futuro perifrástico a partir de amostras da fala de adultos e crianças no espanhol peninsular; os dados apresentados nessa análise são oriundos de uma coleta realizada pela própria autora, para sua dissertação e tese. Ao analisar os resultados, a autora conclui que o FS e o FP se assemelham nas gramáticas adulta e infantil e que, em ambas, codifica noções verbais e modais; é discriminado ainda que o FS está relacionado a eventos futuros de ocorrência incerta, enquanto o FP refere-se a eventos cujos acontecimentos são mais prováveis.

Quanto a estudos sobre a gramaticalização em língua espanhola, Oliveira, Wilner e Miara (2015), ao analisarem este fenômeno na expressão de futuridade, assumem ainda a variabilidade de seu objeto de estudo. Nele, são examinados exemplos do corpus de fala espontânea de Alcalá de Henares, provenientes do Projeto para o Estudo do Espanhol da Espanha e da América (PRESEEA), analisando-os com base no controle de variáveis linguísticas e sociais. Com base nesses objetivos, é proposta uma pesquisa que se baseia na interseção teórica entre gramaticalização e sociolinguística.

Em sua tese de doutorado, Buzón García (2013) analisa, com base nos pressupostos da sociolinguística variacionista, a expressão de futuridade na variedade valenciana da língua espanhola; o autor considera fatores linguísticos e extralinguísticos na hora da análise. Os resultados apresentados no trabalho revelaram que há uma preferência pelo uso da perífrase "ir a + infinitivo" para expressar o futuro entre os falantes mais jovens e em contextos informais, enquanto o futuro simples do indicativo é mais comum entre os falantes mais velhos e em contextos formais. Além disso, o estudo mostrou que fatores sociais, como idade e nível de educação, influenciam a escolha entre as duas formas de expressão do futuro. Esses resultados destacam a variação na expressão da futuridade no espanhol de Valência e a importância dos fatores sociolinguísticos na sua manifestação linguística.

A tese de doutorado de Bravo (2008) objetiva analisar o FP e seu comportamento dentro do sistema temporal e aspectual da língua espanhola; o trabalho visa analisar a gramática do aspecto prospectivo, que em espanhol expressa-se pela perífrase. Os resultados destacam a relevância dessa construção no sistema verbal do espanhol contemporâneo, especialmente em relação ao seu papel na expressão do futuro e do aspecto prospectivo. A pesquisa examina a utilização dessa perífrase em diferentes contextos linguísticos e sociais, revelando sua complexidade e sua interação com outros

fenômenos linguísticos, como a gramaticalização e a variação linguística. Além disso, a autora discute o impacto da "ir a + infinitivo" na comunicação oral e escrita, bem como suas implicações para o ensino e aprendizado da língua espanhola.

Firmo *et al.* (2017) visam a uma análise a partir de recortes de matérias jornalísticas sobre a copa de 2014, considerando a variação na expressão de futuridade na língua espanhola. Os autores utilizam-se de um corpus escrito, que poderá apresentar novas perspectivas quanto ao comportamento das variáveis analisadas no projeto. Os resultados revelaram uma preferência pelo uso da perífrase *ir + a + infinitivo* (*voy a jugar*) em comparação com o futuro simples do indicativo (*jugaré*) nas reportagens analisadas. Essa preferência foi atribuída a fatores como a proximidade temporal dos eventos futuros e a busca por maior objetividade e certeza na comunicação jornalística. Além disso, foram identificadas variações no uso das formas verbais de acordo com o contexto discursivo e a fonte das notícias, destacando a influência de fatores sociolinguísticos na escolha entre as variantes linguísticas.

Parrini (2016), em sua tese de doutorado, investiga tempo e modos verbais no processo de aquisição da linguagem de crianças; no estudo, a autora considerou o futuro simples e o perifrástico e acompanhou ainda duplas de crianças em três fases distintas do processo de aquisição da língua. A autora teve como questões: como os traços de tempo futuro são realizados ao longo do desenvolvimento linguístico? Que traços são veiculados pelas formas verbais de FS e FP ao longo do desenvolvimento linguístico? Também realizou comparação dos resultados da análise da produção infantil com dados da análise da produção adulta. Em seus resultados, Parrini (2016) constatou que as duas formas analisadas são produzidas desde a infância e que, em comparação com a fala dos adultos, o emprego destas se apresenta de forma muito similar.

Gibbon (2000) estuda este mesmo fenômeno no português brasileiro e em sua análise a autora consegue delimitar as principais variáveis e mostra que fatores sociais como idade interferem na escolha na forma empregada. No entanto, nesta pesquisa como na maioria, a autora não descreve detalhadamente em quais tipos de frases ou orações cada forma costuma ocorrer mais e esta é uma questão que pretendemos responder em nossa pesquisa.

Gonzalo Gómez (2009) analisa o fenômeno de expressão de futuridade entre o futuro morfológico e a perífrase *ir a + infinitivo* no ensino de espanhol como língua estrangeira. O objetivo da autora é averiguar se o fenômeno se comporta de igual maneira

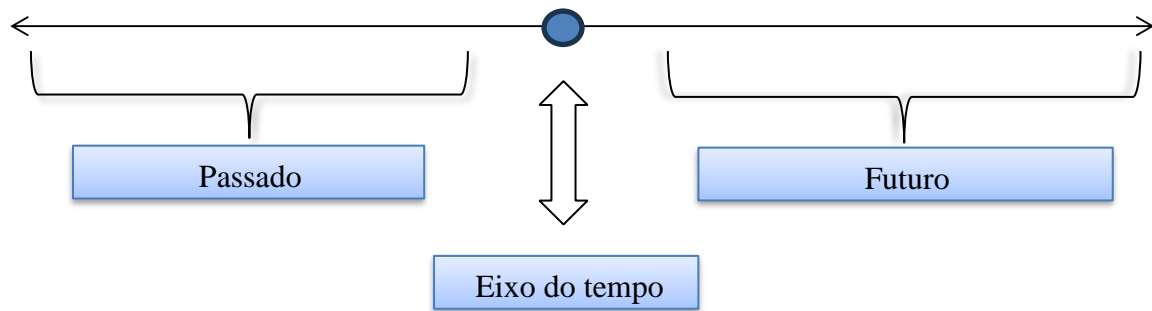
no espanhol como língua materna e língua estrangeira. A partir de pesquisas como esta, dentro do campo da sociolinguística educacional, onde é possível aplicar os pressupostos teóricos no ensino de línguas, podemos mapear este fenômeno de maneira mais ampla.

Há ainda estudos que visam a analisar, descrever e delimitar a ocorrência do fenômeno de expressão de futuridade na língua espanhola em grandes cidades do mundo *hispanohablante*, como Becerra (2005) e Peralta (2000), que analisam o referido fenômeno no espanhol falado de Bogotá e de La Palma, respectivamente, além de Fidalgo Enríquez (2009), que analisa o fenômeno em contraste com a língua portuguesa. Estudos como os citados são pertinentes, pois comprovam que o fenômeno de variação está ocorrendo em diversas áreas que falam a língua espanhola e até em outros idiomas, como o português, além de proporcionar a possibilidade de fazer uma comparação com a comunidade de fala que pretendemos analisar.

Kyzar (2014) apresenta e descreve um estudo comparativo em duas cidades mexicanas que até então não haviam sido exploradas sob o viés da sociolinguística variacionista. Os resultados indicam uma predominância do uso da perífrase "ir + a + infinitivo" (*voy a hablar*) em relação ao futuro simples do indicativo (por exemplo, *hablaré*). Essa preferência pelo futuro perifrástico é observada em diversas variáveis linguísticas e sociais, como idade, nível educacional, classe social e contexto de uso da língua. O estudo destaca ainda a importância de fatores sociais na variação linguística e sugere que a escolha entre as formas de expressão do futuro está associada a dinâmicas socioculturais específicas das comunidades estudadas.

Partindo da perspectiva de que a categoria Tempo verbal é a responsável por indicar ou marcar o tempo do acontecimento que está sob enunciação, segundo Givón (1984) existem dois eixos envolvidos no conceito desta categoria, sendo eles: a sequencialidade, ou seja, fluxo de momentos indicados na fala; e referência, que é relacionado ao momento do ato de fala. Ainda de acordo com Givón (1984), o eixo do tempo verbal pode ser absoluto ou relativo, onde, no primeiro, o momento da fala é o centro informacional e, no segundo, o ponto temporal é determinado através do contexto do acontecimento. Abaixo, apresentamos o diagrama proposto por Givón (1984):

Figura 2: Diagrama do Tempo.



Fonte: Adaptado de Givón (1984, p. 273).

O autor também destaca que o eixo temporal pode ser compreendido de forma absoluta, referindo-se ao momento presente ("agora"), quando o momento do enunciado é o ponto central, como em situações em que uma ação ocorre antes do momento da fala. Por outro lado, o tempo pode ser percebido de forma relativa, indicando uma orientação temporal diferente, como em situações em que é determinado por outros elementos que possuem um significado específico, como advérbios de tempo, ou quando está relacionado a um evento particular.

No entanto, cabe refletir um pouco acerca destas formas de compreender o tempo verbal, uma vez que, ao afirmar que um tempo verbal é absoluto, estamos também afirmando, indiretamente, que a língua é um sistema autônomo pois, como destaca Coan (2003, p. 89): contudo, a interpretação absoluta é ilusória. A referência de tempo absoluto, é na verdade, impossível, já que o único modo de localização de uma situação no tempo é relativo a algum outro ponto no tempo já estabelecido. Comrie (1990) descreve o tempo verbal absoluto como aquele que incorpora em seu significado o momento presente, funcionando como um ponto de referência central.

Sobre o tempo relativo, pode-se afirmar que sua marcação é determinada pelo contexto de fala. Segundo Comrie (1990), o tempo verbal relativa demanda que o ponto de referência seja identificado de forma que seja congruente com o contexto fornecido. Reichenbach (1947) estabelece que os tempos verbais determinam o tempo com base no ponto temporal do ato de fala. Esse ponto, conhecido como momento de fala (MF), pode ser relacionado a dois eventos, os quais podem ser posicionados em relação a esse momento. Esses eventos são denominados momento do evento (ME) e momento de referência (MR).

Portanto, o Tempo, de acordo com Reichenbach, é a expressão da relação entre o momento de fala (MF), o momento de referência (MR) e o momento do evento (ME), já que os três momentos são necessários para dar conta do significado de uma forma verbal flexionada. Partindo da proposta de Reichenbach (1947), a expressão dos tempos verbais se dá a partir da relação de três elementos, MF, MR e o ME, assim, para referir-se a ações futuras, o esquema seria: momento de fala, ponto de referência e evento, ou seja: MF-MR-ME.

É essencial ressaltar que, de acordo com Givón (1993), há três referências temporais que se desdobram a partir do momento da fala: presente, passado e futuro. Coan (1997) argumenta que, no contexto linguístico, "o tempo verbal reflete nossa experiência temporal, codificando situações (estados, processos e ações) dentro dessas referências temporais". É crucial considerar a perspectiva do falante e os marcadores temporais, os quais são ferramentas úteis na interpretação temporal de uma situação. Conforme Coan (1997), o tempo verbal é uma das maneiras pelas quais as línguas mapeiam a noção de tempo.

### **2.2.3 Aspecto**

A segunda categoria do complexo TAM é o aspecto, que, para Comrie (1947), é definido como diferentes maneiras de enxergar o círculo temporal interno de uma determinada situação e, portanto, não é papel do aspecto relacionar o tempo da situação a qualquer outro ponto temporal e sim delimitar a temporalidade de uma situação. Para Comrie (1976), aspecto é uma categoria semântica que pode ser influenciada que pode ser moldado pela dinâmica interna do verbo ou pelas escolhas do falante. Givón (1984), aponta que o aspecto pode ser durativo ou pontual, sendo o durativo relacionado a eventos que não possuem limite inicial ou final de tempo, já concisos contam com a delimitação destes limites.

Há a divisão do aspecto em duas partes: o aspecto lexical e o aspecto gramatical. Quanto ao aspecto léxico, Morimoto (1998) aponta que essa é o tipo de informação que é proveniente do comportamento sintático dos verbos, ou seja, está presente na estrutura argumental do verbo. Bons exemplos disso são os verbos que possuem, em sua construção, a ideia de que se prolongam ao longo de um intervalo de

tempo, como: amar, dormir, escrever. Podemos definir assim, o aspecto léxico como o “modo de ação” dos estudos linguísticos Morimoto (1998).

Já referente ao aspecto gramatical, podemos afirmar que este está associado a determinadas “categorias” gramaticais e, diferente do aspecto léxico, este não possui as informações aspectuais inerentes. Na língua espanhola, o exemplo mais saliente do aspecto gramatical é a oposição entre os tempos perfectivos e os imperfectivos.

Sobre a classificação de verbos e predicados de acordo com o seu critério aspectual, assumimos a de Vendler (1957), que surge também de sua classificação dos tipos de verbos, já apresentada na seção que o convém. Vale salutar que são inúmeras as classificações propostas por vários autores, no entanto, a grande maioria provém da classificação de Vendler.

O autor sugere a existência de quatro classes aspectuais, sendo elas:

1. Estado: situações estáveis, que não possuem dinamismo.
2. Atividade: situações que se prolongam ao longo do tempo;
3. Processo: situações extensas, que se prolongam ao longo do tempo;
4. Processo culminado: situações pontuais, marca o início ou o fim de uma situação.

No entanto, ainda que esta proposta seja oriunda de sua classificação verbal, é importante avultar que o próprio Vendler, em alguns momentos, recorre aos complementos verbais para realizar a ilustração de algumas classes gramaticais. Pois, como argumenta Morimoto (1998), a construção temporal da situação denotada de um verbo pode ser modificada por seus fatores contextuais, como a presença ou a ausência de um complemento direto.

Por estarmos trabalhando com o tempo futuro (que é maioritariamente tempo-modal), a categoria aspecto não é algo que esteja diretamente presente ou relacionada a este tempo verbal, por isso, optamos por abordá-la apenas dentro do eixo aspecto inerente. Sobre este, Coan, Freitag e Pontes (2013. P. 42), destacam:

Já o aspecto inerente ao verbo, ou acionalidade, ou aktionsart, refere-se não à estrutura temporal interna do evento, mas ao tipo de evento propriamente. É um traço próprio do item lexical; uma propriedade oriunda do léxico conceitual, mas que interage com o componente gramatical. Partindo da premissa de que a expressão do aspecto é composicional – ou seja, constituída pela interação entre o traço aspectual oriundo do léxico, o morfema gramatical

verbal, adjuntos adverbiais e contexto comunicativo –, o aspecto inerente é o nível mais estrito da aspectualidade.

Aqui assumimos a proposição de Vendler (1967/1957) sobre o aspecto inerente: o autor considera os eventos quanto ao desenvolvimento, tempo verbal e as suas relações com os modificadores temporais. As quatro classes aspectuais de Vendler incluem: estado (um evento atélico, como estar feliz ou acreditar), atividade (um evento atélico com um ponto final aberto, sem culminação, como correr ou empurrar um carrinho), *achievement* ou conquista (um evento atélico, instantâneo, com culminação, como chegar ao topo de uma montanha ou vencer uma corrida) e *accomplishment* ou realização (um evento atélico com um ponto final definido, como desenhar um círculo ou correr 1 km).

Sobre a representação aspectual na língua espanhola, Pontes (2009), aponta ainda que além dos tempos verbais, há outros recursos que designam a noção aspectual, sendo as perífrases verbais um dos meios mais utilizados. O autor aponta a existência dos seguintes grupos:

1. Aspecto ingressivo: onde a ação verbal está a ponto de ser realizada;
2. Aspecto incoativo: onde a ação verbal é apresentada em seu início;
3. Aspecto durativo: onde a ação verbal se manifesta em desenvolvimento;
4. Aspecto resultativo: onde ação se mostra concluída;
5. Aspecto repetitivo: onde o processo é mostrado em repetição;
6. Aspecto egressivo: onde a ação é finalizada ou interrompida;
7. Aspecto habitual: onde a ação verbal ocorre e é realizada por completo.

Por fim, podemos concluir que A noção aspectual do complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modo) dentro do funcionalismo linguístico destaca a interdependência entre esses três elementos na construção do significado verbal. Essa abordagem enfatiza que a escolha de um tempo verbal não se dá apenas por questões cronológicas, mas também por considerações sobre como a ação é percebida e narrada.

O aspecto, em particular, desempenha um papel crucial, pois permite diferenciar entre ações completas, em progresso ou habituais, refletindo a experiência subjetiva dos falantes. Essa perspectiva funcionalista, ao integrar o contexto social e comunicativo, revela como as escolhas aspectuais afetam a interpretação e a fluência da linguagem, evidenciando a complexidade das relações entre tempo, aspecto e modo na

expressão verbal. Assim, a análise do complexo TAM oferece uma compreensão mais rica e dinâmica da linguagem em uso.

#### ***2.2.4 Modalidade***

Haja vista que aqui estamos nos referindo a uma pesquisa linguística, nesta seção, abordamos a modalidade linguística. No entanto, a título de justificação e/ou contextualização, faz-se necessário explicarmos acerca da modalidade lógica, em virtude de que, ainda que sejam categorias distintas e, relativamente distantes - na prática, estas podem estar relacionadas no cerne do conceito.

Teixeira e Vasconcelos (2011), ao discorrerem sobre essas duas categorias, defendem que as noções de modalidade geralmente relacionam-se às noções de verdade ou falsidade das proposições. Para distinguir entre a modalidade lógica e a modalidade linguística, Neves (2006) retoma Kiefer (1987) para aclarar que, enquanto a modalidade lógica implica noções de necessidade e possibilidade, a modalidade linguística implica qualificações que vão muito além dessas noções.

Vale explicar, ainda, que a modalidade linguística não é o mesmo que o modo verbal; para Dubois (1973) a categoria modo possui natureza gramatical que costuma estar atrelada ao verbo e carrega em si o tipo - ou modo - de comunicação entre o falante e seu interlocutor. Diferente deste, a modalidade é semântica e, expressa-se, a partir das formas - ou níveis - morfológico, lexical, semântico ou por meio da entonação, de acordo com Palmer (1986).

Finalmente adentrando de forma direta ao conteúdo intrínseco à modalidade, pode-se afirmar que, dentro da linguística, muitos foram os estudiosos que se preocuparam em definir este conceito ou propor reflexões acerca dele. Para Lyons (1977), a modalidade é o ponto de vista do falante em relação à proposição; já para Halliday (1985), a modalidade é a avaliação do falante sobre a probabilidade ou sobre o grau de evidência daquilo que está sendo afirmado; Hengeveld (1988) aponta que nesta cabem todos os meios linguísticos com os quais um falante pode contar para expressar seu comprometimento com a verdade da proposição; além destas definições, podemos encontrar muitas outras.

No intuito de amalgamar estas definições, Neves (2006) apresenta um apanhado de definições de modalidade, através de variados autores, porém, opta por resumi-las a partir de Klinge (1996), em que as modalidades serão categorizadas em três

tipos: epistêmica, ligada à convicção ou crença do falante sobre uma proposição; deôntica, relacionada aos conceitos de permissão e obrigação; e dinâmica, que abrangem a vontade e a capacidade.

Neste trabalho, assumimos as definições de Talmy Givón com respeito à modalidade, no qual o autor considera que este representa o julgamento do falante em uma determinada atividade de comunicação, a qual constitui uma propriedade da interação verbal (Givón, 1984, 1995). Givón (1984) defende a inserção da pragmática dentro das pressuposições dos indivíduos na avaliação da verdade de uma proposição no contexto de uma interação verbal; assim, a partir do contexto pragmático discursivo, Givón (1984, p. 285), divide a modalidade em quatro tipos, a saber:

- **Pressuposição:** quando uma determinada proposição é assumida como verdade, ou seja, verdade por meio de um acordo prévio;  
(25) Exemplo: *Joe cut a log.* / Joe cortou um tronco. (Givón, 1984, p.285).
- **Asserção *realis*:** quando a proposição é verdade, porém o ouvinte pode vir a refutá-la, ou seja, quando pode classificar algo como verdadeiro ou falso;  
(26) Exemplo: *Joe will cut a log.* / Joe cortará um tronco. (Givón, 1984, p. 285).
- **Asserção *irrealis*:** quando a proposição é declarada de forma fraca, mas de modo que seja possível ou necessária, ou seja, quando se trata de uma verdade possível;  
(27) Exemplo: *Maybe Joe caught a whale.* / Talvez Joe tenha pegado uma baleia. (Givón, 1984, p. 285).
- **Asserção *negada*:** a proposição é tida como falsa, indo contra ao que o ouvinte acredita, porém o falante tem como sustentar o que está colocando como proposição.  
(28) Exemplo: *Joe not wanted a whale.* / Joe não quis uma baleia. (Givón, 1984, p. 285).

Neste trabalho, assumimos, em nossos critérios de análise as asserções *realis* e *irrealis*, exemplos destas dentro do fenômeno aqui analisado são:

- Futuro Perifrástico - *Realis: mañana voy a cenar con mis tíos.*  
- *Irrealis: a lo mejor, voy a llegar un poco retrasado.*
- Futuro Simple - *Realis: mañana cenaré con mis tíos.*  
- *Irrealis: Quizá llegaré retrasado.*

Com relação às funções modais atreladas às duas formas acima, García (2013) aponta que:

futuro absoluto ('Amanhã iremos ao médico'), ('Eu vou na próxima sexta'), presente do indicativo expressando mandato ('Vais a sua casa e lhe digas'), presente do indicativo na forma interrogativa ('Eu vou à praia?'), presente do subjuntivo ('Tomara que chova!'), perífrase ('Vou jogar tênis'), perífrase ('Tenho que terminar isso'), perífrase ('Tenho que chegar logo'), a perífrase ('Tenho que terminar as atividades'), a perífrase ('Devo estudar a lição'), a perífrase ('Vou responder as perguntas'), a perífrase ('O trem está prestes a partir'), o imperativo ('Vá buscar esses livros'), o pretérito imperfeito do indicativo, seja com um valor hipotético ('Se eu tivesse dinheiro, compraria um carro'), ou um valor imaginário ('Eu ia andando e tu esperavas'), o pretérito perfeito do indicativo ('Daqui a pouco eles vão voltar e não vão embora'), o condicional indicando probabilidade ('Eu gostaria de ir'), o condicional de cortesia ('Gostaria de falar com você'), o gerúndio em construção absoluta ('Trabalhando assim, triunfarás'), o futuro hipotético subjuntivo ('Seja aquilo que for'), o pretérito imperfeito do subjuntivo ('Eu gostaria que chovesse!') e o infinitivo, conforme contextos. Embora seja uma lista de duvidosa precisão gramatical, não há dúvida de que compila uma grande diversidade de situações nas quais se manifesta na fala uma projeção mais ou menos direta do conteúdo temporal em relação ao futuro, misturada com vários valores modais em diferentes contextos (García, 2013, p. 59, Tradução nossa)<sup>8</sup>

Ou seja, de acordo com o mapeamento realizado por García (2013), temos pelo menos as seguintes funções modais referentes ao futuro:

- Expressão de mandato;

---

<sup>8</sup> Original: futuro absoluto ('Mañana iremos al médico'), ('El viernes próximo me marchó'), presente de indicativo expresando mandato ('Vas a su casa y le dices'), presente de indicativo en forma interrogativa ('¿Me voy a la playa?'), presente de subjuntivo ('¡Ojalá llueva!'), la perífrasis ('Voy a jugar al tenis'), la perífrasis ('He de terminar esto'), la perífrasis ('Hay que llegar pronto'), la perífrasis ('Tengo que terminar los deberes'), la perífrasis ('Debo estudiar la lección'), la perífrasis ('Paso a contestar las preguntas'), la perífrasis ('Está a punto de salir el tren'), el imperativo ('Ve por esos libros'), el pretérito imperfecto de indicativo, bien con valor hipotético ('Si tuviera dinero, me compraba un coche'), bien valor imaginario ('Yo iba andando y tu esperabas sentado'...), el pretérito perfecto de indicativo ('Dentro de un rato han vuelto y ya no se irán'), el condicional indicando probabilidad ('Me gustaría ir'), el condicional de cortesia ('Desearía hablar con usted'), el gerundio en construcción absoluta ('Trabajando así, triunfarás'), el futuro hipotético de subjuntivo ('Sea lo que fuere'), el pretérito imperfecto de subjuntivo ('¡Ojalá lloviera!') y el infinitivo, según contextos. Aunque se trata de una lista de dudoso rigor gramatical, no cabe duda de que recopila una gran diversidad de situaciones en las que se manifiesta en el habla una proyección más o menos directa del contenido temporal hacia el porvenir, entremezclada con diversos valores modales en diferentes grados (García, 2013, p.59).

- Expressão de interrogação;
- Expressão de afirmação;
- Expressão de ordem;
- Expressão de hipótese;
- Expressão de cenário imaginário;
- Expressão de probabilidade;
- Expressão de cortesia.

Em síntese, para Givón (1984), a modalidade se resume no julgamento do falante referente a uma atividade comunicativa que forma uma propriedade de interação verbal, como por exemplo, as asserções *realis* e *irrealis*, onde a primeira pressupõe um valor de verdade e na segunda a declaração ocorre de maneira fraca. Ainda nesta perspectiva, Neves (2011) aponta que a modalidade está relacionada a determinadas características que abarcam “modalmente” uma ação específica e esse envolvimento ocorre a partir de nossos sentimentos, crenças e desejos.

Com base nos trabalhos aqui apresentados, constatamos a hipótese que nos fez iniciar e projetar a pesquisa a ser desenvolvida: não há pesquisas sobre o fenômeno de variação na expressão de futuridade no espanhol oral (tampouco na língua escrita) de Guadalajara, México. Assim concluímos que, ainda que existam diversas pesquisas em diversos níveis (artigo científico, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses etc.) que abordem este fenômeno de variação, há ainda uma enorme lacuna referente a este fenômeno e todos os seus desdobramentos nesta comunidade de fala e por isso defendemos o desenvolvimento de mais uma pesquisa sobre expressão de futuro.

Como já defendido diversas vezes ao decorrer deste projeto, é preciso realizar um trabalho mais detalhado e profundo para que se possa apresentar uma descrição não só quantitativa, mas que se encarregue também de apresentar explicações de natureza funcional, considerando os princípios de marcação e expressividade retórica. Com base no referencial teórico e na revisão bibliográfica aqui expostas, destacamos que almejamos preencher esta lacuna a partir do corpus retirado do espanhol oral de Guadalajara, no México.

### **3 METODOLOGIA**

Para Gil (2008), o objetivo da ciência é encontrar a veracidade dos fatos analisados, partindo disso, pressupõe-se que toda e qualquer pesquisa científica deve ser verificável, para que os fatos expostos nas pesquisas possam ser comprovados. Este mesmo autor explica ainda que, o método aplicado na pesquisa deve ser definido como o meio para chegar a um fim, que, no caso da presente investigação, é analisar a multifuncionalidade futuridade no que diz respeito à comunidade de Guadalajara, em vários domínios funcionais. Por isso, para que se possa alcançar a finalidade estabelecida, é necessário que sejam estabelecidos procedimentos e técnicas, para que a pesquisa possa ser verificável. Coisa que apresentar-se-á a seguir.

#### **3.1 Contexto da pesquisa**

Com o objetivo de analisar, à luz do funcionalismo, a multifuncionalidade presente na expressão de futuridade no espanhol oral de Guadalajara, adotaremos na pesquisa a abordagem descritivo-explicativa, de acordo com Gil (2008), a descritiva se dá no estudo de relações entre variáveis ou na descrição do comportamento de fenômenos e a explicativa é uma investigação que busca motivações/explicações para determinados fenômenos. A partir da escolha do nosso tipo de pesquisa, salientamos que, o presente projeto visa desenvolver uma investigação que possa descrever as funções presentes no tempo futuro do espanhol oral de Guadalajara.

A pesquisa será desenvolvida a partir do método dedutivo-indutivo, uma vez que, a dedução se dará quando, através da análise de ocorrência das variáveis analisadas, poderemos confirmar ou refutar as hipóteses aqui levantadas; já a indução ocorre quando há o manejo dos dados e, através disto, poderá difundir-se as particularidades da variação da expressão de futuridade no espanhol oral de Guadalajara.

A natureza desta pesquisa é quali-quantitativa e tem como suporte teórico de análise o funcionalismo norte-americano. Com o auxílio da natureza quantitativa desta pesquisa, possibilitará a verificação da ocorrência das formas consideradas nesta pesquisa e a qualitativa nos possibilitará compreender a correlação entre forma e função das formas aqui analisadas.

### **3.2.1 Procedimentos para a coleta de dados**

Segundo Lakatos e Marconi (2001) os procedimentos considerados pela ciência como a parte prática de uma investigação, são as técnicas, pois estas estão relacionadas à coleta de dados; as autoras dividem as técnicas em dois grupos: documentação indireta, que contempla a pesquisa bibliográfica e a referencial; e a documentação direta, que parte da observação, questionários etc. Gil (2008) defende que as pesquisas bibliográficas e documentais, apresentam similaridades, uma vez que ambas partem de materiais já elaborados, sendo eles provenientes dos mais diversos tipos de trabalhos, por exemplo: atlas, livros, artigos científicos etc.

Já para Lakatos e Marconi (2001), é através de pesquisas documentais que o pesquisador consegue conhecer seu objeto de estudo, com isso, acreditamos que o valor dos estudos documentais está na possibilidade de realizar inferências e, de certa, forma, até reelaborar estes documentos, como afirma Gil (2002). A presente pesquisa se demarcará dentro do procedimento documental, uma vez que tem como base de dados um *corpus* já elaborado; mas que a elaboração não é nossa e sim de um projeto que envolve pesquisadores de língua hispana e não hispana de diversos países. E pelo fato de que analisaremos o corpus a partir de sua fonte, sem tratamentos analíticos prévios. Porém, demarcar-se-á também dentro da pesquisa bibliográfica, uma vez que se faz necessária a consulta de artigos científicos, dissertações, teses e manuais linguísticos para que o estado da arte fosse apurado.

Vale salutar ainda que, alguns trabalhos documentais, como o *corpus* que será analisado aqui, são produto de uma pesquisa de campo como indica Gil (2002); informamos que, ainda que tenha como base o produto de um estudo de campo, não é possível indicar que iremos trabalhar diretamente com esse tipo de pesquisa, visto que os dados do corpus já estão coletados, transcritos e organizados, trabalho este feito por um grupo de pesquisadores da Universidade de Guadalajara.

### **3.2.2 Delimitação do universo da pesquisa**

Para que possa ser desenvolvida a análise e o mapeamento do fenômeno de variação linguística da expressão de futuridade no espanhol oral de Guadalajara, utilizaremos os dados disponibilizados através do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (PRESEEA – Guadalajara). O material está disponível através da plataforma oficial do projeto e pode ser consultado *online* e de maneira gratuita. O material foi organizado pelos pesquisadores da Universidad de Guadalajara: Patricia Córdova Abundis, Daniel Barragan Trejo, Jeanette Marisol Ruiz González, Rosa Cecilia Arias Estrada e Jorge Eduardo Urías Vázquez.

O objetivo do projeto PRESEEA é reunir um amplo *corpus* oral com mostras de cidades hispânicas (América e Espanha), considerando a quantidade de países e cidades que possuem corpus no projeto, podemos afirmar que o projeto é sociolingüísticamente representativo e tecnicamente adequado quanto ao seu objetivo. Para que o objetivo almejado fosse alcançado, o projeto seguiu uma rígida metodologia, que tem com algumas de suas principais diretrizes, como pontua Moreno Fernández (1996):

- a. Estudo de comunidades mono ou bilíngues e que tenham mais de cem mil habitantes que falam espanhol;
- b. Os informantes devem ser nascidos na comunidade ou, ainda, que tenham vivido durante certo tempo;
- c. Os informantes são selecionados conforme os fatores sociais: sexo, idade e escolaridade estabelecidos;
- d. A quantidade de informantes se dá de acordo com o volume da população da comunidade. Se a cidade tiver menos de um milhão de habitantes, o número de informantes deve ser 54. Se a cidade contiver mais que a quantidade mencionada de habitantes, devem ser selecionados 72 ou 108 falantes. Pode-se segmentar a cidade em setores ou bairros representativos;
- e. Os materiais são conseguidos por meio de gravações e conversas semidirigidas com vários temas que possibilitem diferentes tipos de discursos;

- f. As gravações devem conter a duração de 45 e 90 minutos;
- g. A transcrição dos materiais segue as normas internacionais TEI (*Text Encoding Initiative*), com sistema de anotação baseado no sistema XML.

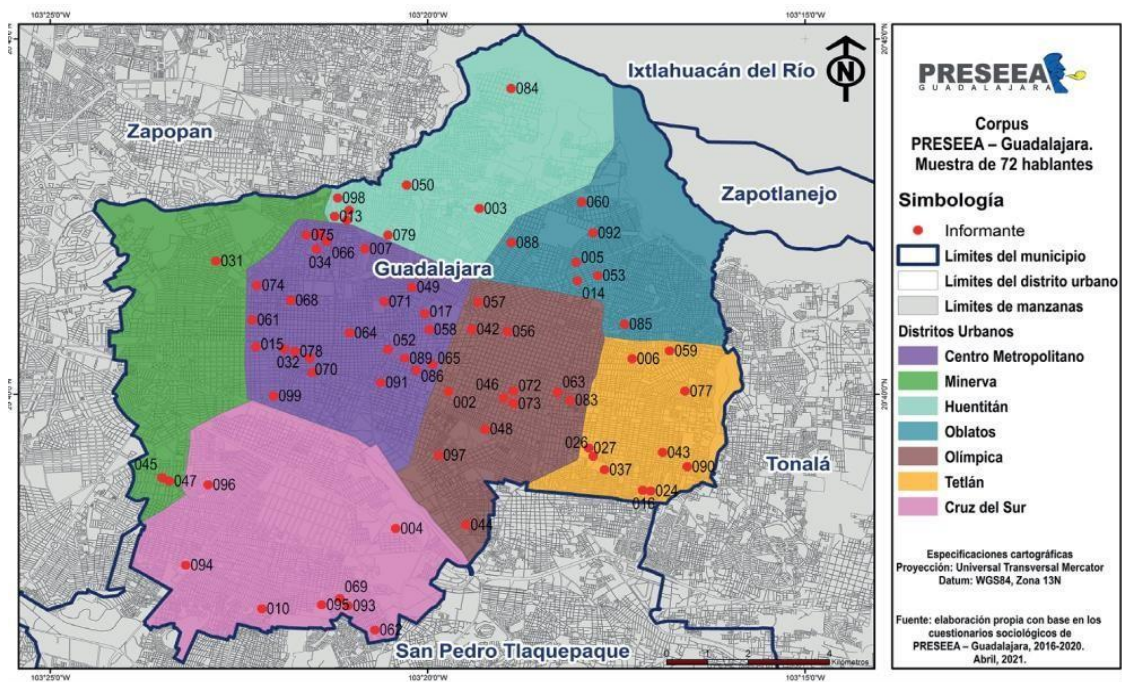
A cidade de Guadalajara é a capital do estado mexicano de Jalisco e a partir das estimativas, possui em torno de 1.500.000 de habitantes, sendo a terceira cidade mais populosa do país. A partir das regras do projeto e com base nas informações expostas sobre a cidade, o projeto PRESEEA - Guadalajara, conta com três grupos de geração de informantes, a saber: (i) é formado por pessoas que têm entre 20 e 34 anos de idade, (ii) entre 35 e 54 e (iii) as pessoas acima de 55 anos de idade.

A segunda divisão acontece a partir do sexo da população: mulheres e homens e, por fim, é feita a divisão relacionada a escolaridade dos informantes em três níveis: o primeiro grupo inclui pessoas com até 10 anos de escolarização (Fundamental); o segundo com 10 a 14 anos de estudos (ensino médio) e o terceiro com 15 anos de escolarização (ensino superior), esses anos de escolarização são de forma aproximada.

Guadalajara é a capital do estado mexicano de Jalisco, os dados demográficos desta cidade indicam que ela é a terceira maior cidade, em números de habitantes, do México. De acordo com o documento *El español hablado em Guadalajara: Corpus PRESEEA – Guadalajara* (Córdova Abundis e Barragán Trejo, 2021), atualmente a cidade possui mais de 1.300.000 habitantes, no entanto, em 2010, ano em que o projeto PRESEEA Guadalajara foi oficializado, contava com 1.495.189 habitantes, dos quais 72 foram selecionados para participar das entrevistas e compor o banco de dados do projeto; esses 72 informantes (ou seja, 72 entrevistas que compõem o corpus) representam 0,022% dos habitantes da cidade, valor que se enquadra nos critérios impostos pelos organizadores do projeto.

Vale ressaltar ainda que os informantes são oriundos de todas as regiões da cidade como mostra o mapa 1 abaixo que apresenta a distribuição geográfica dos informantes entrevistados:

Figura 2: Distribuição geográfica PRESEEA Guadalajara.



Fonte: Córdova Abundis e Barragán Trejo (2021).

As entrevistas a serem analisadas serão escolhidas de maneira aleatória<sup>9</sup> e foram selecionadas 8 entrevistas ao todo para a composição do corpus desta pesquisa. Cabe frisar ainda que, ainda que o projeto possua organização pautada em fatores sociais, nós optamos por não realizar a análise por meio destes.

### 3.2.3 Parâmetros de análise

Serão extraídas do *corpus* escolhido as marcações de futuridade feitas através do futuro simples e da perífrase ir a + infinitivo. As ocorrências foram coletadas com a finalidade de mapear a multifuncionalidade entre as duas formas mencionadas. Em seguida, os dados provenientes da coleta passaram pelo processo de análise e categorização de acordo com a função desempenhada.

Quanto aos domínios funcionais, consideramos:

- A. **Domínio pragmático-discursivo:** segundo a perspectiva funcionalista, as estruturas gramaticais não são estáticas; pelo contrário, elas evoluem de forma

<sup>9</sup> As entrevistas foram “selecionadas” com auxílio de sorteio realizado pelo programa Excel.

orgânica, adaptando-se às demandas de interação entre os falantes. Martelotta, Votre e Cezário (1996) argumentam que essas pressões decorrem de uma ampla variedade de interesses e necessidades discursivas e pragmáticas que são fundamentais para a comunicação humana. Esse ponto de vista já havia sido destacado por Givón (1979b), ao afirmar que os elementos pragmáticos do discurso exercem uma influência determinante na explicação da sintaxe da língua, dado que o discurso fundamenta a estrutura da gramática, o componente pragmático assume um papel central em qualquer teoria funcionalista. Para Neves (2017), o componente pragmático é "o motor do fazer linguístico". Sob essa perspectiva, fica claro que a consideração dos aspectos pragmáticos é essencial para compreender a complexa dinâmica que influencia a maneira pela qual os falantes utilizam a língua como ferramenta de comunicação, especialmente no que se refere ao uso das formas de tratamento. Considerando a grande diversidade do discurso e a ampla gama de funções que as formas de expressão de futuro sob análise podem assumir em diferentes contextos, nossa pesquisa não visa realizar uma cobertura exaustiva das inúmeras funções pragmático-discursivas possíveis para essas formas. A vasta gama de possibilidades torna inviável uma análise completa, especialmente porque essas funções não constituem um denominador comum, mas são moldadas pelo contexto em que ocorrem (Pichler, 2010). Portanto, selecionamos, dentro das possibilidades oferecidas pelo complexo TAM, um grupo específico de fatores baseados nas funções que emergiram dos dados analisados, entre os quais se destacam: expressão de mandato; expressão de interrogação; expressão de afirmação; expressão de ordem; expressão de hipótese; expressão de cenário imaginário; expressão de probabilidade.

- B. **Domínio semântico-lexical:** De acordo com as classificações propostas por Vendler (1957, 1967), os verbos podem ser organizados em quatro categorias distintas: atividade, processo culminado, culminação e estado. Essa classificação é de extrema importância, pois abrange as noções de duratividade, dinamicidade e delimitação no eixo temporal. Assim, Vendler estabelece uma tipologia que permite uma melhor compreensão dos aspectos temporais e aspectuais dos verbos.

- **Estado:** Refere-se a uma situação que é estável e não implica uma mudança ao longo do tempo. Um exemplo é a frase "*Ama a Salomé*", onde o verbo "amar" expressa uma condição ou estado emocional.
- **Atividade:** Envolve ações que são dinâmicas e podem se prolongar no tempo. Um exemplo é "*Camina por el parque*", que indica uma ação de caminhar que pode durar um certo período.
- **Processo culminado:** Esta categoria denota uma ação que foi realizada até a sua conclusão. Por exemplo, "*Construyó la casa*" indica que a construção da casa foi completada.
- **Culminação:** Refere-se ao momento em que uma ação chega ao seu fim. A frase "*Llegó a la estación*" ilustra esse tipo, onde a chegada é um ponto culminante de uma ação.

C. **Domínio textual discursivo:** Givón (1990) define a marcação como uma distinção entre estruturas linguísticas baseadas na complexidade estrutural e cognitiva, onde formas marcadas são mais complexas e menos frequentes do que as formas não marcadas. O princípio da marcação conta com os seguintes subprincípios:

- **complexidade estrutural**, as formas marcadas possuem elementos adicionais, como o plural em "meninos" comparado ao singular "menino".
- **distribuição de frequência**, as formas marcadas ocorrem menos frequentemente e costumam ser mais proeminentes cognitivamente, como no uso do discurso formal em contextos específicos em contraste com o discurso coloquial mais comum.
- **complexidade cognitiva** das formas marcadas é maior, exigindo mais esforço mental para processamento e compreensão.

- **princípio meta-icônico da marcação contextual**, que sugere que o contexto influencia a marcação. Por exemplo, o discurso oral-informal tende a ser menos marcado e menos complexo que o escrito-formal, refletindo diferenças na gramaticalização e na sintaxe. Da mesma forma, o discurso sobre temas humanos cotidianos é considerado não marcado e mais facilmente processado, enquanto o discurso acadêmico abstrato é marcado e cognitivamente mais exigente. Além disso, a conversação é vista como a forma não marcada mais comum e menos complexa, em contraste com discursos narrativos ou processuais.
- **princípio do equilíbrio cognitivo**, Dubois e Votre (2012) propõem uma adaptação que complementa o princípio da marcação ao considerar que nem todo aumento estrutural aumenta a complexidade cognitiva. Eles sugerem que o princípio de **expressividade** trabalha em conjunto com a marcação, em que a marcação se liga ao esforço de codificação e a expressividade busca manter o equilíbrio, facilitando a eficácia comunicativa e evitando uma sobrecarga cognitiva desnecessária.

D. **Figura e fundo:** Em uma narração, como em qualquer outro tipo de discurso, podemos identificar dois níveis de informação. O primeiro nível, chamado de figura, é composto pelos elementos essenciais ao desenvolvimento da história, apresentados em uma sequência de eventos. Já o segundo nível, conhecido como fundo, inclui informações secundárias que complementam a narração. Com base nessa organização, observamos que os tempos verbais pretérito perfeito simples e composto são mais comuns em sentenças que constituem a figura, enquanto o pretérito imperfeito é mais recorrente nas construções que formam o fundo. Assim, as formas perfectivas marcam a progressão da narrativa, enquanto as imperfectivas tendem a ser empregadas em descrições e caracterizações. Na análise de figura e fundo, seguimos a proposta de

Chedier (2007), que reorganiza as categorias de Silveira (1997) em uma estrutura mais simplificada e funcional. Essa divisão permite uma gradação que facilita o estudo da transição entre figura e fundo:

- **Figura:** Envolve eventos organizados em sequência cronológica, com ações dinâmicas, reais e completas. Os tópicos são previsíveis, humanos e agentes, e a estrutura morfossintática geralmente inclui orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas.
- **Fundo 1:** Inclui cláusulas que se aproximam da figura, funcionando como introduções, resumos ou descrições de cenário e participantes, além de apresentar diálogos dos personagens. Neste grupo, encontram-se cláusulas adverbiais que indicam modo, finalidade e tempo, como adverbiais modais, finais e temporais.
- **Fundo 2:** Compõe-se de cláusulas que adicionam informações descritivas sobre os referentes ou processos, como cláusulas adjetivas, e aquelas que expressam inferências, incluindo causas, consequências ou contrastes (cláusulas causais, consecutivas, concessivas e coordenadas adversativas). Também integra intervenções do falante, como opiniões, dúvidas e conclusões.

Nossa análise foi desenvolvida a partir do seguinte problema de pesquisa: Como se configuram as funções das formas de futuro no espanhol oral de Guadalajara, considerando: futuro sintético (cantaré) e futuro perifrástico (ir + a + infinitivo)?

A partir do nosso problema elencamos as seguintes questões de pesquisa:

- Como as formas do futuro perifrástico e do futuro simples se manifestam no espanhol oral de Guadalajara e quais são as principais funções que essas formas desempenham no contexto pragmático-discursivo?

- De que maneira a expressão de futuridad se relaciona com os tipos de verbos categorizados por Vendler (1957) — atividade, culminação, estado e processo culminado?
- Quais são as funções e os papéis do futuro na relação entre figura e fundo em textos discursivos, considerando os princípios de marcação e expressividade retórica?

A partir de nosso problema de pesquisa, buscamos contestar a partir da hipótese geral: as formas futuro simples e futuro perifrástico possuem funções temporais modais. O futuro simples é responsável, dentro do eixo temporal, por fazer menção a acontecimentos mais distantes do momento de fala e, no eixo modal, é utilizado para fazer interrogações, expressar ideia de hipótese e de probabilidade. Já o futuro perifrástico é responsável por expressar acontecimentos próximos ao momento de fala e, no eixo modal, refere-se a expressão de mandato, afirmação, ordem, cenários imaginários e cortesia.

A partir de nossa hipótese central elencamos as seguintes hipóteses secundárias:

- No discurso cotidiano no espanhol oral de Guadalajara, as formas de futuro perifrástico ("ir + a + infinitivo") e futuro simples ("futuro sintético") se manifestam de maneiras distintas, cada uma atendendo a funções pragmático-discursivas específicas e variando conforme o contexto interacional, a intenção do falante e a percepção temporal da ação. A escolha entre essas formas, como apontado por estudos funcionalistas, não é arbitrária, mas sim orientada por fatores pragmáticos, como a proximidade do evento e a subjetividade do falante em relação à ação.
- Considerando que o futuro simples tende a ser usado para projeções mais amplas e atemporais, como generalizações, previsões de longo prazo ou ações menos imediatas, que também são características do verbo de estado, por seu caráter durativo e dos verbos de atividade, por seu caráter contínuo, acreditamos que o FS é mais frequentemente relacionado aos verbos de

estado e atividade e o futuro perifrástico está atrelado aos usos de verbos de processo culminado e processo.

- A perífrase, por ser mais marcada, tenderia a aparecer no plano fundo, enquanto o futuro simples, por ser menos marcado, possuiria a tendência de aparecer no plano figura.

#### ***2.2.4 Método de contagem de dados***

Com base no fato de que a presente pesquisa possui um caráter muito mais qualitativo do que quantitativo, apresentaremos uma breve análise quantitativa, por meio de percentuais de frequência e nos deteremos com maior ênfase na análise qualitativa. Para isso, ancorar-nos-emos na teoria funcionalista e em sua vasta abordagem teórica que busca e permite compreender a linguagem como um constructo que constrói a partir das necessidades comunicativas dos falantes e, dessa forma, uma ferramenta dinâmica nas interações comunicativas em que está inserida.

Desse modo, podemos nos alinhar ao princípio de que as estruturas de que as estruturas linguísticas não existem isoladamente, mas são influenciadas pelo contexto pragmático, discursivo e cultural em que ocorrem, com isso, acreditamos que a análise qualitativa nos permitirá enfatizar a relação entre forma e função, investigando como o futuro perifrástico e o futuro simples são utilizados e adaptados para atender a propósitos comunicativos específicos.

Nesse contexto, o tratamento qualitativo complementa o viés funcionalista ao permitir uma exploração detalhada e aprofundada dos dados linguísticos, especialmente no estudo de corpora orais ou interações espontâneas. Enquanto o funcionalismo fornece o arcabouço para identificar e interpretar as funções comunicativas subjacentes às estruturas observadas, a abordagem qualitativa assegura que essas interpretações considerem a complexidade e a riqueza do uso da língua em situações reais.

#### ***2.2.5 Restrições e dados desconsiderados***

Na análise dos dados, adotamos uma abordagem rigorosa em relação às formas repetidas, considerando apenas aquelas que apresentam diferenciação em função desempenhada ou que ocorrem em contextos comunicativos distintos. Essa distinção é

crucial, pois a repetição de uma mesma forma verbal em diferentes contextos pode conferir a ela significados semânticos variados, dependendo da situação comunicativa em que está inserida. Assim, ao classificarmos essas ocorrências, buscamos garantir que cada forma seja analisada de maneira contextualizada, reconhecendo que a mesma possa cumprir papéis diferentes em distintas interações linguísticas.

Conforme argumenta Silva (2007), a repetição de uma mesma forma verbal que mantém o mesmo sentido pode comprometer a validade dos resultados da pesquisa, especialmente na contagem de ocorrências. Se considerássemos essas repetições sem levar em conta as variações contextuais ou funcionais, poderíamos acabar por reproduzir os mesmos parâmetros de análise, o que resultaria em uma visão distorcida ou inadequada dos dados. Com isso, destacamos que, foram desconsideradas ocorrências nos seguintes contextos:

- Formas que se repetiam em função e construção;
- Ocorrências oriundas da fala dos entrevistadores;
- Ocorrências oriundas da interferência de terceiros.

Dessa forma, a análise criteriosa da repetição se revela essencial para a precisão e a relevância das ocorrências coletadas da pesquisa, permitindo uma compreensão mais rica. Portanto, nossa metodologia enfatiza a importância de contextualizar as formas verbais, assegurando que cada ocorrência seja examinada à luz de suas particularidades funcionais e semânticas, evitando assim a redundância na análise e assegurando a integridade dos resultados.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, damos início à análise detalhada da multifuncionalidade das formas de futuro simples e futuro perifrástico no espanhol falado em Guadalajara, utilizando uma abordagem quali-quantitativa para examinar como essas construções se manifestam e se distribuem nos contextos pragmático-discursivos do corpus. Para tanto, recorreremos aos dados extraídos do PRESEEA Guadalajara, conforme descrito no capítulo metodológico anterior. Essa análise busca não apenas descrever o percentual de ocorrência dessas formas de futuro, mas também explorar suas funções e motivações de natureza funcional que influenciam a escolha entre a forma perifrástica e a forma sintética.

Posteriormente, realizamos uma análise minuciosa e interpretativa dos dados, com o objetivo de destacar e esclarecer a relação existente entre o fenômeno estudado e os diversos domínios funcionais que o permeiam, bem como os fatores específicos que foram selecionados para compor o mapeamento funcional das formas de futuro em foco. Nessa etapa, buscamos identificar como as escolhas linguísticas dos falantes refletem o uso de cada forma verbal e como cada uma delas se manifesta em função de fatores pragmáticos, discursivos e contextuais, contribuindo para uma compreensão ampla das funções comunicativas que essas formas desempenham no espanhol de Guadalajara.

Destacamos ainda que a análise foi desenvolvida de modo que pudesse contemplar os nossos objetivos e, por conseguinte, responder as nossas questões de pesquisa. Além de nos permitir testar as hipóteses que propomos, confirmando-as ou refutando-as.

### 4.1 Sobre a amostra e a quantidade de dados

Conforme detalhado no capítulo metodológico, a amostra utilizada para esta pesquisa consistiu em 8 entrevistas pertencentes ao corpus PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*) de Guadalajara. Importante destacar que, em sua metodologia de coleta, o corpus foi organizado a partir de fatores sociais como sexo, idade e escolaridade, mas salientamos ainda que esses grupos não devem ser interpretados como variáveis de controle no contexto desta pesquisa; em vez disso, estes representam uma estratégia para garantir uma amostragem mais equilibrada nos dados coletados.

O corpus previamente mencionado já se encontra totalmente coletado, revisado, transcrito e publicado pela equipe responsável, o que nos trouxe uma significativa economia de tempo e recursos na condução desta pesquisa. Com isso, todo o processo complexo e demorado relacionado à composição de um corpus, como: seleção dos informantes, coleta de dados e transcrição das entrevistas, não representou uma etapa necessária em nosso trabalho. Desse modo, o trabalho inicial que tivemos com o corpus foi selecionar dentro das possibilidades oferecidas pelo corpus, o conjunto de entrevistas que fariam parte de nossa análise.

Destacamos ainda que nossa análise se deu através de 8 entrevistas oriundas do PRESEEA Guadalajara, que foram selecionadas com base no critério de que as entrevistas precisavam incluir construções linguísticas diretamente relevantes à questão de pesquisa, ou seja, foram selecionadas as entrevistas que mais deixavam explícitas as ocorrências do futuro perifrástico e do futuro simples, além de contemplar situações pragmáticas como: explicações, pedidos, narrativas, etc.

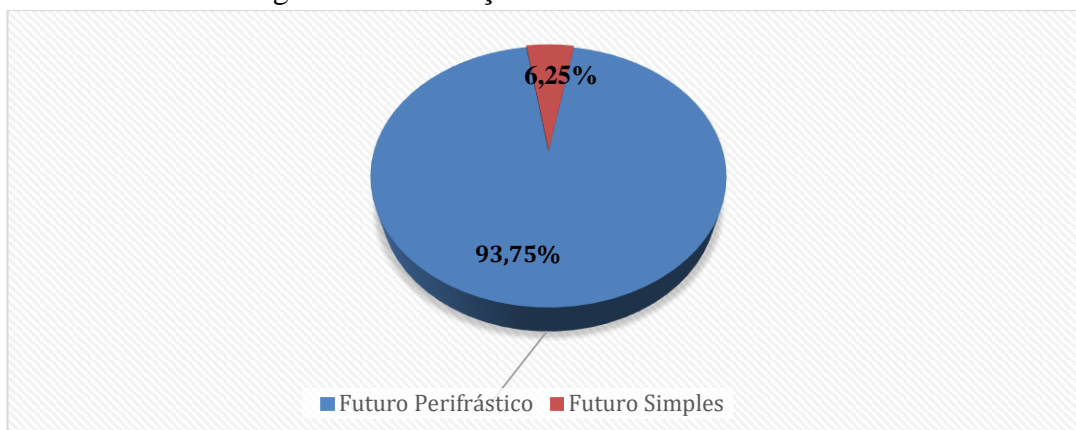
A partir disto, após uma coleta detalhada das ocorrências, contabilizamos um total de 96 ocorrências das formas estudadas. Do número total mencionado, obtivemos 90 registros de uso da forma perifrástica e 6 do futuro simples. Com base nos resultados obtidos em nossa primeira análise, é possível constatar que, como preveem os manuais de gramática (RAE, 2009), há uma predominância do futuro perifrástico, pelo menos no registro oral, no espanhol americano, como é o caso de Guadalajara. Abaixo, podemos observar, com mais clareza a descrição dos dados:

Tabela 1 – Distribuição de ocorrências

<b>Formas</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
Futuro perifrástico	90	93,75%
Futuro Simples	6	6,25%
<b>Total</b>	<b>96</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autora.

Gráfico 1 – Porcentagem de distribuição do número de ocorrências.



Fonte: Autora.

Com a questão de percentual de ocorrências devidamente esclarecidas, avançamos agora para o mapeamento das formas verbais mencionadas anteriormente, tomando como base os domínios funcionais estabelecidos para esta análise. Assim, retomamos a sequência ordenada proposta, de modo a garantir uma análise criteriosa e sistemática das ocorrências e funções destas.

#### 4.2 Domínio pragmático-discursivo

Seguindo a perspectiva proposta por Givón (1984), situamos o nível pragmático-discursivo dentro de uma esfera funcional cujo objetivo central é investigar a função comunicativa das expressões e sentenças em seu contexto discursivo natural, ou seja, no âmbito da comunicação humana. Esse enfoque considera não apenas o significado literal das palavras utilizadas em um enunciado, mas também os múltiplos aspectos implícitos e contextuais que fazem parte da interação discursiva. Como ressalta Fiorin (2010), a linguagem natural vai além do mero conteúdo das palavras, incorporando nuances de sentido e contextos implícitos que enriquecem a comunicação.

Dessa maneira, a análise do fenômeno linguístico em questão deve necessariamente levar em conta essa perspectiva pragmático-discursiva, uma vez que ela proporciona uma compreensão mais profunda sobre como o sentido é construído nas interações. Em particular, o uso do futuro perifrástico e do futuro simples está fortemente relacionado aos contextos pragmáticos e discursivos nos quais esses tempos verbais são empregados. Esses modos de futuro não apenas informam sobre ações vindouras, mas também refletem escolhas do falante quanto à intenção comunicativa e ao contexto no

qual o enunciado está inserido, alinhando-se, portanto, aos aspectos pragmáticos, discursivos e comunicativos da linguagem.

Com base nessa premissa, realizamos uma análise pragmático-discursiva de um fenômeno amplamente difundido, particularmente na fala coloquial, em diversas comunidades linguísticas hispânicas, mas, pouquíssimo explorado linguisticamente: os usos do futuro simples e do futuro perifrástico para expressar ideia de tempo futuro. Em outras palavras, exploramos como essas formas são empregadas no espanhol oral de Guadalajara. Destacamos, conforme mencionado na introdução, que não há estudos prévios sob essa perspectiva específica, uma vez que as pesquisas sobre esse fenômeno se concentram predominantemente em abordagens variacionistas, focalizando as preferências de uso entre essas construções.

Ao escolhermos realizar a nossa análise considerando o complexo TAM, assumimos que, as funções aqui consideradas, precisam ser concernentes a este, porém, por falarmos de futuro, um tempo que é quase que absolutamente tempo-modal, assumimos também, como exposto em nosso referencial teórico, o fato de que o aspecto presente em verbos que fazem alusão a tempos futuros, é o inerente. Ao analisarmos esse domínio funcional, buscamos também contestar a seguinte questão de pesquisa: Como as formas do futuro perifrástico e do futuro simples se manifestam no discurso cotidiano e quais são as principais funções que essas formas desempenham no contexto pragmático-discursivo?

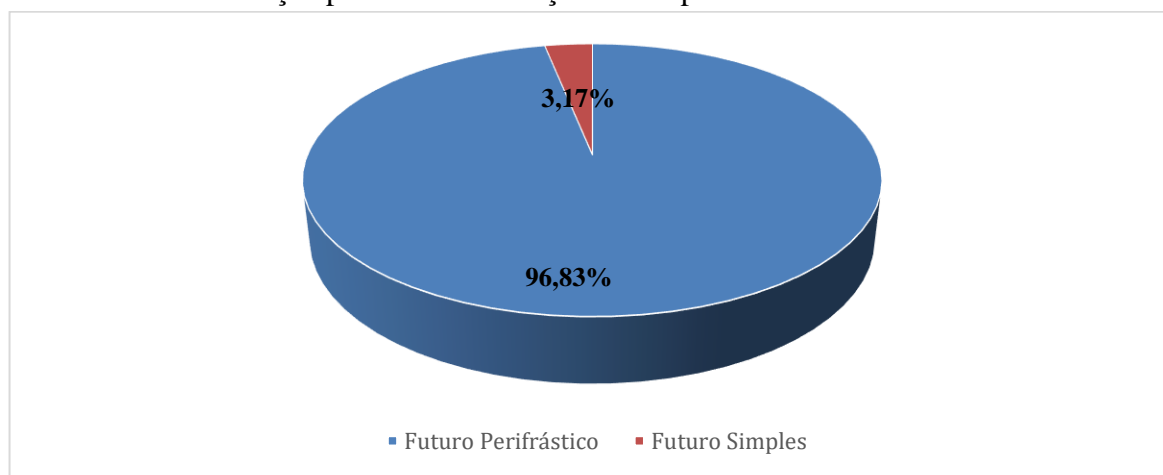
Para conseguir uma resposta satisfatória para essa pergunta, consideramos em nossa análise, as seguintes funções: futuro próximo ao momento de fala; futuro distante do momento de fala; expressão de mandato; expressão de interrogação; expressão de afirmação; expressão de ordem; expressão de hipótese; expressão de cenário imaginário; expressão de probabilidade. A seguir, apresentamos, de modo particularizado, a análise de cada uma das funções acima explicitadas.

#### ***4.2.1 Futuro próximo ao momento de fala***

Retomando as considerações apresentadas em nossa fundamentação teórica, de acordo com a RAE (2009), a perífrase *ir + a + infinitivo* possui como valor principal a expressão de posteridade ao momento de fala e costuma ser frequentemente utilizada na língua oral (RAE, 2009. p. 541). Com base nos resultados obtidos em nossa análise, podemos afirmar que, como delinea a RAE (2009), o FP possui maior ocorrência para

fazer referência a ideia de futuro próximo ao momento de fala, ou seja: o FP é mais utilizado para referir-se a um futuro próximo e o FS mais utilizado para referir-se a futuros distantes. De acordo com os resultados obtidos, podemos observar que as formas FP e FS, em conjunto, são utilizadas com função de referir-se a tempos próximos em 63 ocorrências, as quais, 61 ocorrências são do FP e 2 do FS; considerando as 96 ocorrências que contabilizamos, isso totaliza 96,83% do FP e 3,17% do FS. O gráfico abaixo, apresenta essa distribuição.

Gráfico:2 – Distribuição percentual da função futuro próximo ao momento de fala.



Fonte: elaborada pela autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função futuro próximo:

Ex.1 : “[...] y *todo nada más este // pues sí sí trato de convivir un poco con ellos / ¡claro que te voy a decir!* de repente igual que todos / el día que no se va ir con M el día que no tiene <simultáneo> algo que hacer </simultáneo>.”/ “[...]e tudo nada mais que isso // Pois sim, eu tento conviver um pouco com eles / claro que vou te dizer! de repente igual a todos/ o dia que não vai com M o dia que não tem <simultâneo> algo para fazer </simultâneo>.”.<sup>10</sup> (H22\_002)

Na expressão *¡claro que te voy a decir!* presente no exemplo 1, o falante utiliza o futuro perifrástico para enfatizar a certeza e a intenção de informar o interlocutor sobre algo que ele considera relevante. O uso do futuro imediato nesse contexto reforça

<sup>10</sup> Destacamos que todos os exemplos presentes em nossa análise são oriundos do corpus PRESEEA – Guadalajara.

uma ação que, embora planejada para o futuro próximo, é quase iminente e inevitável no fluxo de interação, transmitindo uma intenção clara e deliberada. No exemplo acima, podemos inferir que na construção *te voy a decir* é transcrito um grau de compromisso do falante com a ação de dizer algo ao interlocutor. Esse tipo de construção futurista é comum em situações em que o falante deseja reforçar que está decidido a realizar a ação ou que há uma intenção pessoal e imediata por trás dela.

Ex. 2: “[...]ese canijo desde chiquito<alargamiento/> / este / cuando<alargamiento/> nacen / <ênfasis> obvio </ênfasis> los comparas con el primero / dices tú <cita> mira / pero est <palabra\_cortada/> este no hacía esto / este no hacía </cita> / pero el mediano desde un principio / fue una viveza que / y muy despierto <ruido = «chasquido de dedos»/> / para todo / pero al mismo tiempo / ese ese segundo niño / es este<alargamiento/> / **¿cómo te diré?** / no deja / que entres en su / en su<alargamiento/>s <ênfasis> ideas </ênfasis> / no te deja / porque aun cuando estaba chiquito / <ênfasis> ¡le da risa! </ênfasis> / pero es algo / es algo importante y a él le da risa (...)”. / “[...]aquele baixinho desde pequeno<alongamento/> / este / quando<alongamento/> nascem / <ênfase> óbvio </ênfase> os compara com o primeiro / diz você <cita> olha / mas é <palabr\_cortada/> este não fazia isso / este não fazia </cita> / mas o médio desde um começo / foi uma vivacidade que / e muito acordado <ruído = «estalar os dedos»/> / para tudo / mas ao mesmo tempo / esse segundo menino / é este<alongamento/> / como te direi? / não deixa / que você entre em seu / em suas ideias </ênfase> / não te deixa / porque mesmo quando era pequeno / <ênfase> dá risada! </ênfase> / mas é algo / é algo importante e ele dá risada (...)”. (M22\_027)

Ao analisarmos o exemplo 2, podemos perceber que a análise dessa frase envolve a necessidade de compreender a construção linguística e pragmática que ocorre no discurso, especialmente no uso de *te diré* para expressar um futuro próximo ou uma intenção de explicar algo. Neste exemplo, *te diré* funciona como um marcador discursivo que antecipa uma explicação ou reflexão do falante, assim indica que o locutor está buscando uma forma de expressar algo de maneira precisa, criando uma pausa para organizar suas ideias, com isso a construção não funciona simplesmente como um futuro literal, mas sim uma forma estilística de ganhar tempo e sinalizar que a explicação tem importância no discurso. A construção aqui é usada para introduzir uma ideia complexa de maneira informal e emocional, conectando o falante ao ouvinte. A frase, em geral, é

rica em oralidade, marcadores de hesitação, e transmite um tom íntimo e espontâneo, enfatizando as percepções pessoais do falante sobre o comportamento do filho, baseados nisso, podemos afirmar que, no contexto apresentado, *te diré* não introduz uma ação futura no sentido convencional, mas funciona como um marcador discursivo de reflexão iminente. É como se o falante dissesse: *vou tentar explicar agora mesmo, mas é difícil encontrar as palavras certas*.

Em face dos resultados apresentados anteriormente, a alta frequência do FP, para expressar um futuro próximo ou imediato, demonstra que esta é a forma mais comum para expressar essa função no espanhol oral de Guadalajara. Evidentemente, isso está relacionado ao declínio do FS como expressão de futuro mais próximo em muitas variedades do espanhol.

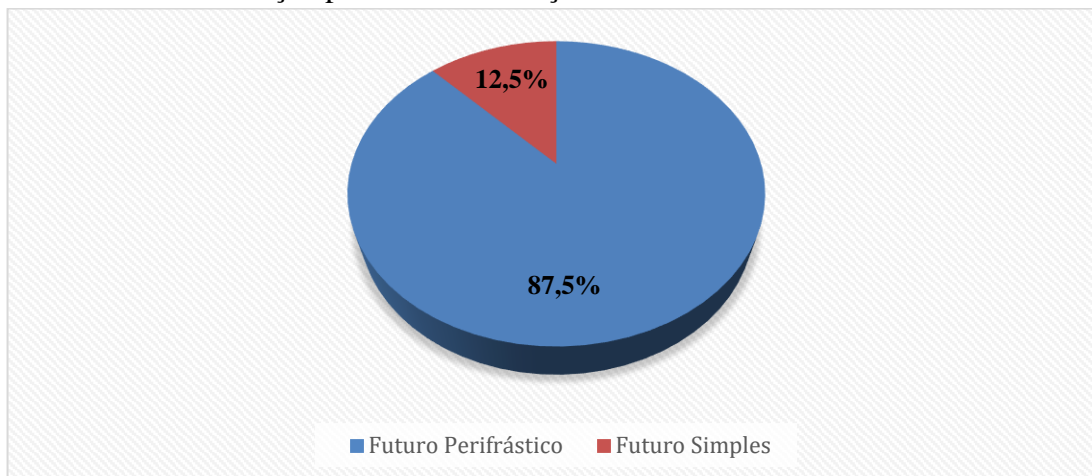
Nesse sentido, tendo em vista a capacidade inerente aos seres humanos de construir estruturas prototípicas (Bybee, 2020), os falantes de Guadalajara parecem conferir à forma FP um status de membro mais prototípico dentro da categoria futuro próximo. Essa atribuição decorre do fato de que essa forma se apresenta como o elemento mais típico, mais normal, mais característico, mais frequente e mais representativo. Assim, considerando a capacidade específica dos seres humanos de construir estruturas prototípicas (Bybee, 2020), os falantes de Guadalajara tendem a considerar à forma FP um status de membro mais prototípico dentro dessa categoria verbal. Esse status é conferido porque a forma FP se destaca como o elemento mais típico, mais, comum mais característico, mais frequente e mais representativo da expressão de eventos futuros. Em outras palavras, entre as possibilidades para indicar o tempo futuro, o FP é visto como a escolha mais natural e central pelos falantes, reforçando sua posição de desta comunidade.

#### **4.2.2 Futuro distante do momento de fala**

De acordo com os resultados obtidos, podemos observar que as formas FP e FS, somam juntas em referência a tempos mais distantes, é de 33 ocorrências; em um contexto individual, contamos com 29 ocorrências do FP, um número bem inferior ao apresentado na função futuro próximo, e 4 ocorrências do FS. Cabe explicar ainda que, de acordo com a RAE (2009) o FP é mais utilizado para expressar ideia de futuro próximo, como exemplificado na subseção anterior; Já o FS, de acordo com a RAE(2019) é visto como um tempo absoluto que expressa que algo existirá ou terá lugar em um momento

posterior ao momento da fala. Abaixo, o gráfico 2 apresenta a distribuição percentual desta função dentro de nosso número geral.

Gráfico 3 – Distribuição percentual da função futuro distante ao momento de fala.



Fonte: autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função futuro próximo:

Ex. 3: “[...] *de hecho cuando dicen que no va a haber agua / pues a mí no me me perjudica / porque todo el aljibe es mío / de esa torre nomás estamos nosotros / y la persona que está enfermita mental / hay una<alargamiento/> / hay una parejita de recién-casados / ¡tienen una bebé chiquita! / entonces / nunca nunca ha habido problemas con vecinos / más de que con esa señora / que de repente / al parecer no se toma los medicamentos y y empieza como que a / a caer en su estado // y es como empieza a molestar / pero en sí en sí ¡no!*.” / “de fato quando dizem que não vai haver água / pois a mim não me prejudica / porque todo o poço é meu / dessa torre só estamos nós / e a pessoa que está doente mental / há um<alargamento/> / há um casalzinho de recém-casados/não têm uma bebê pequena menina! / então / nunca houve problemas com os vizinhos / mais do que com aquela senhora / que de repente / não toma os remédios e começa a descontrolar-se // e é como ela começa a incomodar / mas em si mesmo não!” (M22\_046).

A expressão *no va a haber agua* no exemplo 3 ilustra o uso do futuro perifrástico em espanhol, representando um futuro distante, mas com implicações pragmáticas que merecem análise detalhada. Essa construção com *ir a + infinitivo*

transmite uma previsão de um evento futuro, mas é usada aqui com uma nuance de certeza e proximidade emocional, mesmo que o evento (a falta de água) ainda esteja distante no tempo ou incerto em sua ocorrência exata. Em contextos de fala coloquial como este, a escolha do futuro perifrástico, em vez do futuro simples, carrega significados sutis que vão além da mera expressão de tempo. Ao dizer *no va a haber agua*, o falante não apenas prediz a falta de água, mas também comunica uma expectativa baseada em informações conhecidas, como se fosse um evento previsto ou antecipado com certa segurança. É como se a falta de água fosse uma condição já prevista na coletividade, dando ao futuro perifrástico um valor de evidência prática.

Ex. 4: “*mmm no no me daba miedo pero sí decía a y pues qué onda o sea ni siquiera o cuando salí de aquí pues / decía y bueno como cuánto me **gastaré** en comida allá / o sea cuánto **costará** la comida o sea desde esas cosas así como tan simples que dices.*”./ mmm não me deu medo mas sim dizia pois que onda ou seja nem mesmo ou quando saí daqui então / disse e bom como quanto **gastarei** em comida lá / ou seja quanto **custará** a comida seja por essas coisas assim como tão simples que você diz.”(M13\_003).-

Através do exemplo 4, podemos notar que a frase analisa uma situação em que o futuro, representado pelas construções *gastaré* e *costará*, é vista como uma projeção distante e cheia de incertezas, mesmo para questões simples e cotidianas, como o custo da comida. Embora o tempo verbal indique o futuro, ele não é empreendedor com precisão objetiva, mas como uma forma de conjectura. Reflete um futuro hipotético, ainda distante e carregado de suposições, notamos ainda que menção de aspectos simples como o custo da comida pode indicar uma sensação de desconexão ou necessidade de controle sobre um futuro incerto. Assim, as construções *gastaré* e *costará* sugere um olhar para o futuro, mas de forma despretensiosa e levemente preocupada. Esse uso reflete o estado de uma mente em adaptação, tentando prever cenários em um contexto novo ou diferente.

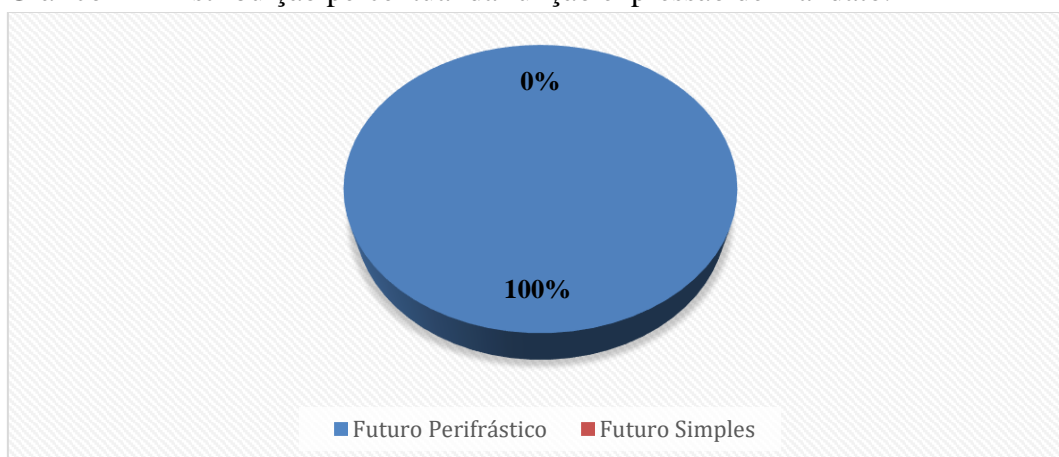
Sobre essa função, podemos perceber que com base na priorização da relação entre forma e função no uso real da língua (Givón, 199), a utilização do futuro distante reflete não apenas uma projeção temporal, mas também uma necessidade pragmática de lidar com incertezas e possibilidades planejadas. Essas formas verbais não se limitam a indicar uma ação futura objetiva; elas assumem um papel cognitivo e interacional, permitindo ao falante expressar expectativas, conjecturas e preocupações frente a situações novas ou desconhecidas. Nesse sentido, o emprego dessas construções em

contextos orais e cotidianos revela como a linguagem é moldada pelo desejo de antecipar cenários e buscar segurança diante do imprevisível, evidenciando a interação dinâmica entre a estrutura gramatical e a intenção comunicativa subjacente.

#### 4.2.3 Expressão de mandato

A função expressão de mandato, apesar de apresentar ocorrências dentro de nossos dados, possui números significativamente pequenos, visto que registramos apenas 2 ocorrências do FP e nenhuma do FS. Esses dados, portanto, destacam as especificidades do FP nas expressões de futuro, mas também revelam o status desta função em termos de frequência de uso entre os falantes. A seguir, apresentamos, em exemplos, a análise dessa função em uso dentro do nosso *corpus*:

Gráfico 4 – Distribuição percentual da função expressão de mandato.



Fonte: autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função expressão de mandato:

Ex. 5: “[...] *en Estados Unidos // y le dije <cita> va a ver mamá que con sacrificio / pero te la voy a comprar </cita> se la compré.*” / “[...] *nos Estados Unidos // e eu disse <cita> vai ver a mamãe que com sacrificio / mas vou te comprar </cita> comprei.*” (M21\_032).

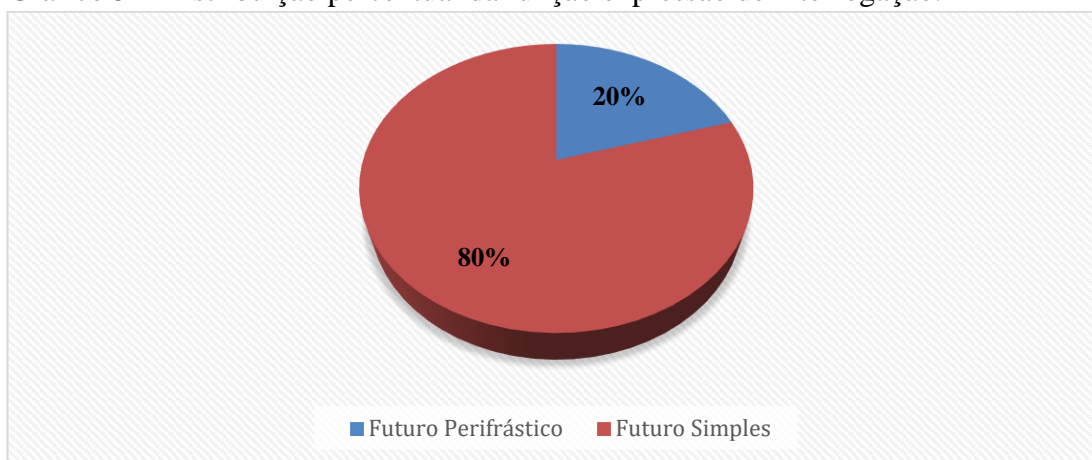
No exemplo 5, a construção *va a ver* é usada para expressar um mandato ou uma promessa com alto grau de determinação, neste exemplo, a construção funciona como um compromisso enfático, quase um imperativo, que reforça a seriedade do

propósito do falante. A construção torna-se, assim, uma forma de garantir que o objetivo será cumprido, mesmo que envolva sacrifícios. Esse uso do FP para transmitir uma promessa ou compromisso reforça a flexibilidade da forma para além de uma mera previsão futura, colocando-a em um registro de fala onde a intenção e o esforço pessoal são destacados.

#### 4.2.4 Expressão de interrogação

A função expressão de interrogação desempenha um papel essencial na comunicação, permitindo que os falantes busquem informações, esclareçam dúvidas ou expressem curiosidade. Em contextos linguísticos, as interrogações podem se manifestar por meio de diferentes recursos, refletindo não apenas a intenção de questionar, mas também aspectos socioculturais e pragmáticos que moldam o uso da linguagem. Nesta seção, apresentamos a distribuição percentual dessa função em nossas ocorrências, bem como exemplos e suas respectivas análises.

Gráfico 5 – Distribuição percentual da função expressão de interrogação.



Fonte: autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função expressão de interrogação:

Ex. 6: “[...] y me dice un día ¡ay hija! ¿cuándo me **voy a hacer**? esta estufa me la hiz <palabra\_cortada/> me la dio mi hijo hace veinticinco años </cita>” / “[...] e me disse um dia: ai filha! <ênfase> quando eu vou fazer? Este fogão <Tagarela/> deu-me meu filho há 25 anos </cita>.” (M21\_032).

No exemplo 6, a construção *¿cuándo me voy a hacer?* representa uma interrogação com sentido metafórico e reflete o uso do futuro próximo para expressar uma situação de expectativa ou frustração; este caso, a expressão *voy a hacer* não se refere a uma ação concreta, mas sim a um desejo ou questionamento sobre a mudança ou melhoria da situação (aqui, da estufa antiga que já está em uso há muitos anos). Assim, o futuro próximo, que geralmente indica um plano ou intenção, aqui funciona para expressar uma indagação sobre a possibilidade e o tempo de uma eventual transformação que se deseja, mas que parece planejada no momento.

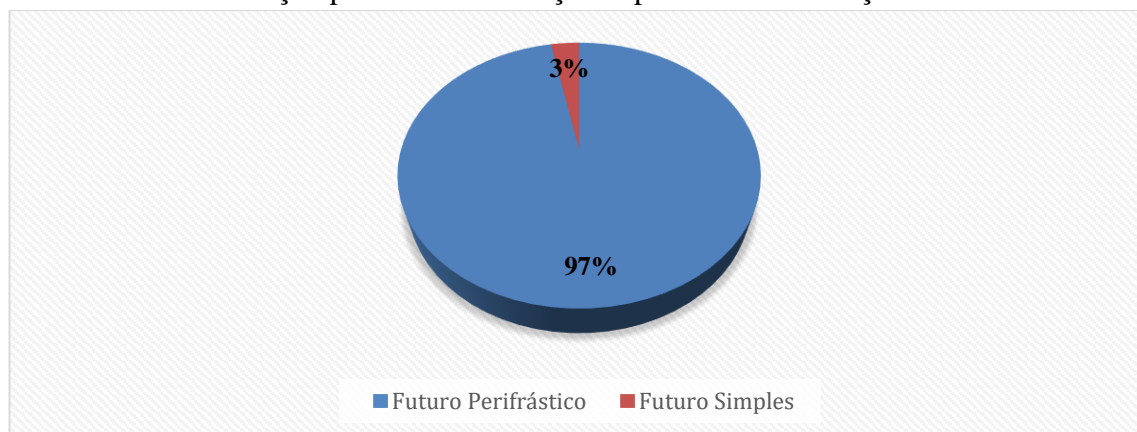
Ex. 7: “*¿cómo te diré?*” / “como te direi?” (M22\_027).

Como vemos no exemplo 7, quando usada com a função interrogativa, a construção do futuro, aqui representada pelo verbo *diré*, não se limita a uma simples afirmação de algo que acontecerá no futuro, mas implica uma incerteza ou uma busca por uma forma de expressão. A pergunta *¿Como te diré?* pode ser interpretada como uma dúvida sobre a maneira mais adequada ou possível de comunicar algo a alguém., essa função expressa um tom de reflexão ou consideração sobre como algo será dito, indicando ainda que o falante está pensando em como se expressar ou em qual será a forma mais expressiva de se comunicar. Em termos pragmáticos, o FS é empregado aqui para transmitir nuances de incerteza, expectativa ou até mesmo uma forma de política indireta. Neste caso, a pergunta *¿Como te diré?* poderia ser entendido como uma forma de suavizar o ato de comunicação, demonstrando que o falante está buscando uma maneira cuidadosa ou delicada de expressar algo para o interlocutor. Isso também pode refletir uma maneira mais empática de se comunicar, considerando que o falante ainda está ponderando sobre como transmitir a informação de forma mais abordável ou sensível.

#### **4.2.5 Expressão de afirmação**

A função linguística de expressão de afirmação desempenha um papel central na comunicação, uma vez que permite ao falante apresentar informações, ideias ou julgamentos como verdadeiros ou válidos. Essa função está frequentemente relacionada ao estabelecimento de certezas e à construção de enunciados que refletem a posição do emissor em relação à realidade. Nesta seção, apresentamos a distribuição percentual dessa função em nossas ocorrências, bem como exemplos e suas respectivas análises.

Gráfico 6 – Distribuição percentual da função expressão de afirmação.



Fonte: autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função expressão de afirmação:

Ex. 8: “[...] *cuando yo entré </simultáneo> dije <cita> ¿cuándo cumplo treinta y dos años? </cita> y ya los voy a cumplir.*” / “[...] quando eu entrei </simultaneamente> disse <cita> quando fará trinta e dois anos? </cita> e já vou cumpri-los.” (M21\_032).

No exemplo 8, a construção *voy a cumplir* é utilizada com uma função afirmativa para indicar um evento iminente e certo, ou seja, o falante confirma que a chegada aos 32 anos está prestes a ocorrer, ou seja, o uso do FP reforça a ideia de que o falante vê o evento como uma certeza, quase como uma "garantia" de que ele se cumprirá em breve. A escolha pelo FP, em vez de outras formas verbais de futuro, como o FS, contribui para criar uma proximidade temporal e emocional com o evento, enfatizando que se trata de uma realidade urgente. Além disso, a expressão *ya los voy a cumplir* sugere não apenas a certeza, mas também uma antecipação pessoal, possivelmente relacionada a algum sentimento em relação à passagem do tempo.

Ex. 9: “[...] *ya vendrán momentos en que tengan que trabajar [...]*” / “[...] já **virão** momentos em que terão que trabalhar [...]”. (M23\_004).

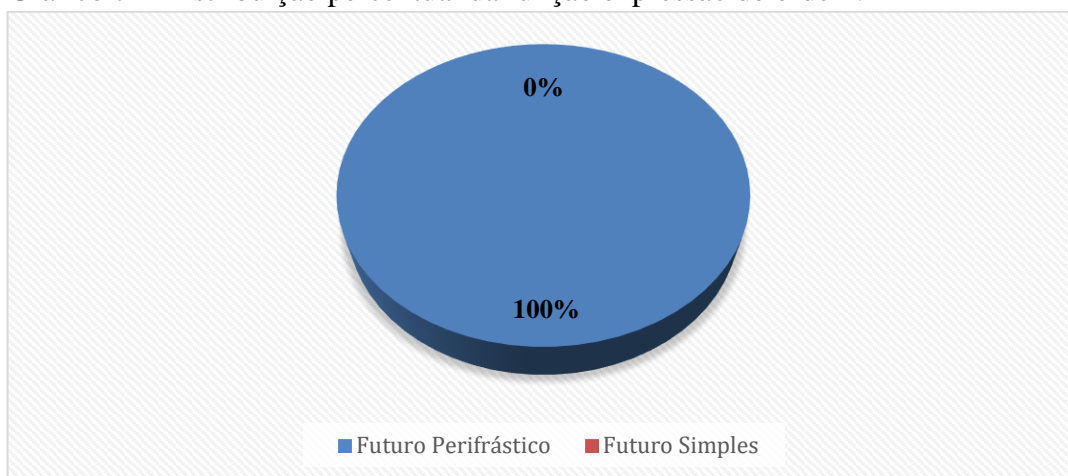
O exemplo 9 apresenta o uso do verbo *vendrán* no FS, com uma função afirmativa, desse modo, essa construção é um exemplo claro de como o futuro próximo é utilizado para indicar um evento que certamente ocorrerá, refletindo uma certeza sobre momentos futuros. O verbo *vendrán*, neste contexto, denota a ideia de que "momentos"

virão, ou seja, está sendo feita uma afirmação de que uma situação futura, relacionada ao trabalho, é resultado; reforça ainda a ideia de que a chegada desses momentos é algo que ocorrerá em um tempo próximo, indicando não apenas que esses momentos são esperados, mas que sua vinda é iminente. Assim, o uso do futuro próximo em *vendrán* complementarará essa ênfase temporal, expressando a expectativa de que esses momentos de necessidade de trabalho não são apenas prováveis, mas sim certos e indiscutíveis.

#### 4.2.6 Expressão de ordem

A função "expressão de ordem" na linguagem refere-se ao uso de enunciados que indicam uma ordem, comando ou instrução para que algo seja realizado. Esse tipo de construção linguística é comumente observado em imperativos, que são formas verbais ou estruturas que visam provocar uma ação por parte do interlocutor. Nesta seção, apresentamos a distribuição percentual dessa função em nossas ocorrências, bem como exemplos e suas respectivas análises.

Gráfico 7 – Distribuição percentual da função expressão de ordem.



Fonte: autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função expressão de ordem:

Ex. 10: “*Los muchachos nomás se me quedaban viendo le digo <cita> ¡pues ni modo mamá! </cita> me decía // le digo <cita> a ti que / yo te meto / y tú te **vas a meter** / me tienes que obedecer </cita>*” / Os meninos apenas olhavam para mim e eu dizia a eles <cita> bem, de jeito nenhum, mãe! </cita> ele me disse // eu digo <cita> para você isso /

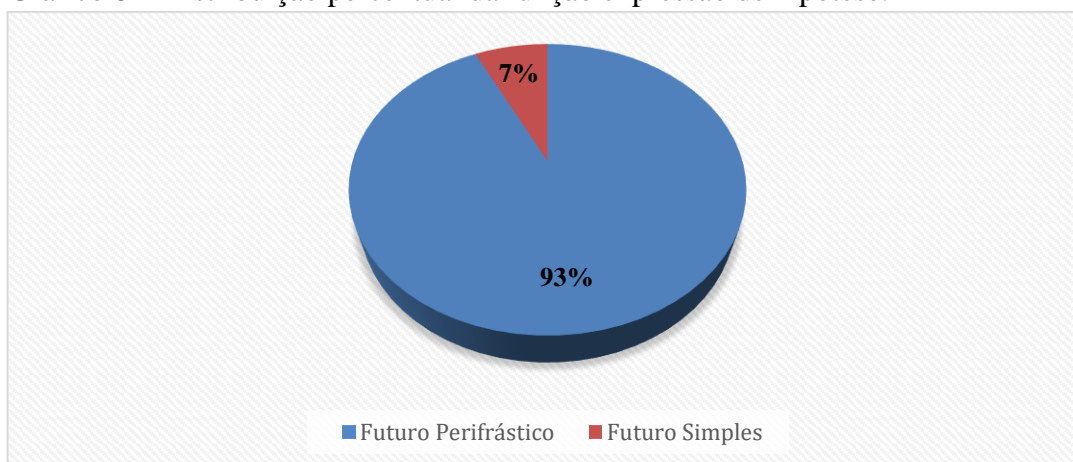
eu coloquei você / e você **vai se envolver** / você tem que me obedecer </cita>”.  
(M21\_032).

A construção *vas a meter*, presente no exemplo 10, é uma construção característica do espanhol para expressar o futuro próximo, nesse contexto, ela assume a função de uma ordem ou comando, embora a forma de futuro próximo seja mais frequentemente associada a específica ou interessante. A alteração do tom para uma ordem ocorre devido ao contexto e à relação de autoridade implícita no discurso; aqui notam-se características linguísticas em que a construção do FP não é usada para expressar simplesmente uma previsão ou intenção, mas para cumprir uma função de comando ou ordem. Isso acontece dentro de um contexto de autoridade, onde o falante, aparentemente, estabelece uma expectativa de obediência por meio dessa construção verbal.

#### 4.2.7 Expressão de hipótese

No contexto da comunicação, a expressão de hipótese permite ao falante apresentar alternativas ou cenários hipotéticos, refletindo possibilidades que ainda não se concretizaram, mas que podem ser plausíveis ou relevantes para a compreensão de um evento ou processo, isso ocorre por meio de construções específicas, como o FP e o FS. Nesta seção, apresentamos a distribuição percentual dessa função em nossas ocorrências, bem como exemplos e suas respectivas análises.

Gráfico 8 – Distribuição percentual da função expressão de hipótese.



Fonte: autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função expressão de hipótese:

Ex. 11: “¿moda? / pues / ¡ay! yo pienso que la moda siempre va a ser lo mismo / en la época en que vivas / siempre **va a haber** modas y / este<alargamiento/> / pues no / la verdad // no / no noto cambios / lo único<alargamiento/> / que sí veo<alargamiento/> / este<alargamiento/> <silencio/> ¿cómo lo puedo decir? que por ejemplo ya últimamente los jóvenes se tatúan mucho.” / “a moda? / bem / oh! eu acho que a moda vai ser sempre a mesma / seja qual for a época em que se viva / **vai haver** sempre modas e / isto/ bem não / a verdade // não / eu não noto mudanças / a única coisa que eu vejo é/ isto<silêncio/> como é que eu posso dizer? que por exemplo ultimamente os jovens estão fazendo muitas tatuagens”. (M22\_046).

Na frase apresentada no exemplo 11, a construção *va a haber* expressa uma hipótese em um contexto de especulação ou previsão sobre o futuro, onde o informante usa essa construção para sugerir um cenário futuro sem afirmar com certeza absoluta, mas sim como uma suposição ou projeção, ou seja, aqui é utilizado para indicar eventos futuros que o falante percebe como plausíveis, mas ainda não garantidos. O uso de "*va a haber*" aqui pode ser interpretado como uma forma de especulação sobre a continuidade ou permanência das modas no futuro, enfatizando que, apesar da falta de mudanças visíveis no presente, novas modas "vão haver" ou ocorrerão.

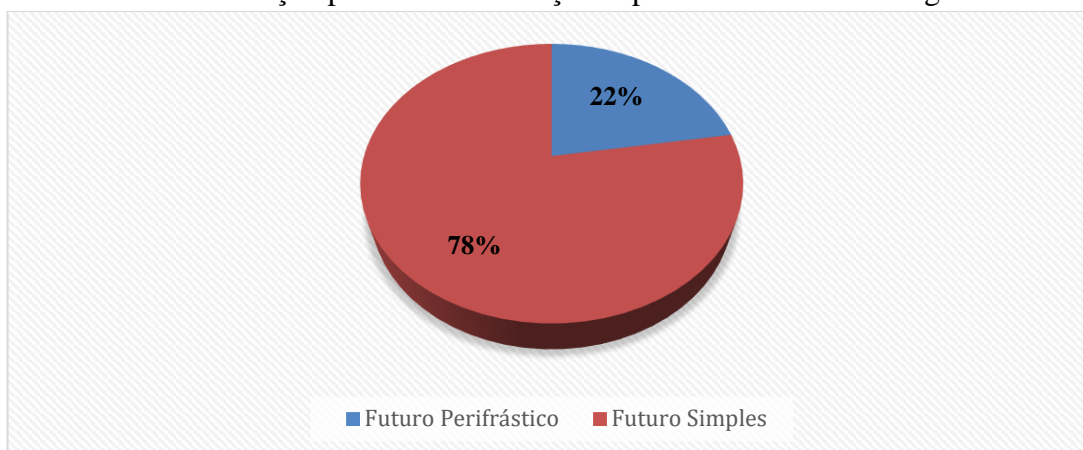
Ex. 12: “*este igual siempre **habrá** alguien que maneje el inglés*” / “Este igual sempre **haverá** alguém para lidar com o inglês.” (H13\_006).

No contexto apresentado no exemplo 12, o verbo *habrá* não está sendo usado para expressar uma certeza ou uma previsão direta, o uso deste implica uma ideia de que, é provável que sempre exista alguém capaz de manejar o inglês, mas sem garantir que isso seja uma certeza absoluta. O falante está projetando uma possibilidade futura, indicando que, independentemente da situação, uma pessoa com essa habilidade provavelmente surgirá, aqui nota-se que o falante está expressando uma visão de futuro, mas de forma mais flexível, permitindo a interpretação de que tal evento pode ocorrer, mas não é necessário

#### 4.2.8 Expressão de cenário imaginário

Nesta seção, exploraremos como o FP e o FS são utilizadas para articular esses cenários e como elas influenciam a percepção e a interação dos falantes com o mundo imaginado, bem como as suas ocorrências registradas dentro dos nossos dados.

Gráfico 9 – Distribuição percentual da função expressão de cenário imaginário.



Fonte: autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função expressão de cenário imaginário:

Ex. 13: “*pero es que / no vas a platicar cosas delante de los hijos // ni buenas ni malas / simplemente / hay cosas que no se platican delante de los hijos / y siempre en la noche y yo le dije <cita> ¡viejo! / no sé / en un futuro / cómo vamos a reprender a V si sale mal niño </cita> / <cita> ¿por qué J? </cita> / le dije <cita> porque / le di dos nalgadas y me dijo / ¿para qué me pegas si no me duele? </cita> / dije / <cita> este niño no vamos a poderlo reprender / porque si de chiquito / te está diciendo / ¿para qué me pegas? o sea ¡no tiene caso! / que te desgastes / entonces / ¿cómo le vamos a llamar la atención? (...)*” / “*mas é que / não vai falar coisas na frente dos filhos // nem boas nem más / simplesmente / há coisas que não se falam na frente dos filhos / e sempre à noite e eu lhe disse <encontro> cara! / não sei / no futuro / como vamos reprender V se ele sair mal criança </cita> / <cita> por que J? </cita> / eu disse <cita> porque / eu dei dois espancamentos e me disse / para que você me pega se não dói? </cita> / disse / <cita> esta criança não vamos poder repreendê-lo / porque se de pequenino / está te dizendo / por que me bate? ou seja não tem caso! / que você se desgasta / então / como vamos chamar a atenção?” (M22\_027).*

A análise do exemplo 13 revela um uso do FP no contexto de um cenário imaginário, especialmente na construção *cómo vamos a reprender a V si sale mal niño*, essa construção, o falante está refletindo sobre uma possibilidade futura, mas que ainda não aconteceu. O uso do FP aqui não se refere a um evento futuro certo ou imediato, mas sim a uma situação hipotética, uma preocupação sobre como lidar com a disciplina de uma criança caso ela se comporte de uma maneira indesejada. Essa construção evoca um cenário imaginário, no qual o falante projeta uma realidade possível em que terá que lidar com uma situação, expressando uma incerteza sobre como difícil agir diante de uma circunstância que ainda é incerta, ou seja, cumpre a função de explorar uma possibilidade sem compromisso com a realidade, reforçando a natureza especulativa e hipotética da fala. O falante não está afirmando que isso está acontecendo, mas sim refletindo sobre o que poderia acontecer, caso a criança se comporte de maneira difícil de concordar.

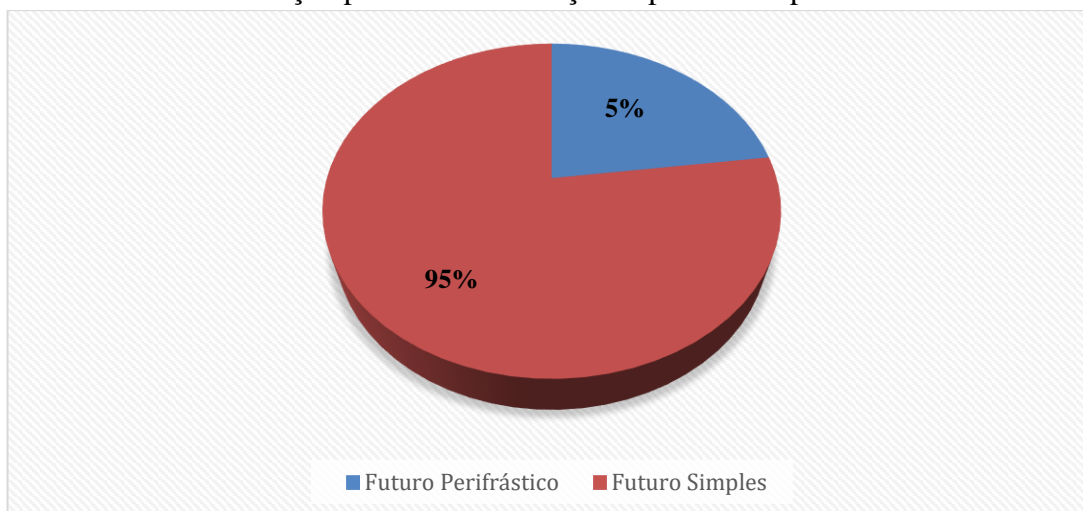
Ex. 14: *“mmm no no me daba miedo, pero sí decía a y pues qué onda o sea ni siquiera o cuando salí de aquí pues / decía y bueno como cuánto me gastaré en comida allá / o sea cuánto **costará** la comida o sea desde esas cosas, así como tan simples que dices.”*. / mmm não me deu medo mas sim dizia pois que onda ou seja nem mesmo ou quando saí daqui então / disse e bom como quanto gastarei em comida lá / ou seja quanto **custará** a comida seja por essas coisas assim como tão simples que você diz." (H13\_003).

A construção *costará* que, neste contexto está relacionado à função de cenário imaginário, aqui, o falante projeta uma ideia de como seria o custo da comida em uma situação hipotética, como parte de um cenário imaginário. Esse tipo de uso do futuro é frequentemente associado a suposições ou construções de realidades alternativas, onde o falante imagina o que poderia acontecer.

#### **4.2.9 Expressão de Probabilidade**

Ao explorar a relação entre forma e intenção comunicativa, essa seção examina como a linguagem é usada para articular hipóteses, previsões e possibilidades, destacando seu papel fundamental na interação e na construção de sentidos.

Gráfico 10 – Distribuição percentual da função expressão de probabilidade.



Fonte: autora.

A seguir, apresentamos exemplos de cada uma das ocorrências frente à função expressão de probabilidade:

Ex. 15: “*porque si lo haces así de la pura lata / te va a quedar bien.*” / “porque se você fizer isso puro/ lata vai ficar bem.” / “porque se você fizer isso de uma vez vai ficar bem.”(M21\_032).

A construção *va a quedar* na frase *porque si lo haces así de la pura lata / te va a quedar bien* expressa uma probabilidade em relação ao resultado futuro de uma ação. não apenas eventos futuros, mas também para expressar desvio ou probabilidades, porém, neste contexto específico, sugere uma expectativa de que, caso a ação seja realizada de certa forma o resultado será positivo — no caso, algo que "ficará bem". A frase não afirma com certeza que isso acontecerá, mas indica que, segundo a experiência ou o julgamento do falante, é bastante provável que o resultado seja favorável; portanto, *va a quedar* aqui não está apenas marcando o futuro, mas sendo utilizado como uma forma de expressar uma expectativa ou previsão de que, com a ação proposta, o resultado será esmagador. A construção dá um tom de sugestão ou conselho, reforçando a ideia de que a probabilidade de sucesso é alta, mas não é garantida.

Ex. 16: “*mmm no no me daba miedo pero sí decía a y pues qué onda o sea ni siquiera o cuando salí de aquí pues / decía y bueno como cuánto me gastaré en comida allá / o sea cuánto **costará** la comida o sea desde esas cosas así como tan simples que dices.*”. / mmm

não me deu medo, mas sim dizia pois que onda, ou seja, nem mesmo ou quando saí daqui então / disse e bom como quanto gastarei em comida lá / ou seja quanto **custará** a comida seja por essas coisas assim como tão simples que você diz." (H13\_003).

Na frase apresentada, a construção, *me gastaré en comida allá*, utiliza o FS com a função de probabilidade, aqui, o falante está especulando sobre o quanto você provavelmente gastará com comida em outro lugar, mas sem afirmar com certeza absoluta o valor exato. O uso do FS, neste caso, reflete uma expectativa do falante, baseada em seu julgamento ou percepção, mas que ainda carrega uma margem de incerteza, o que se caracteriza como uma expressão de probabilidade. Essa função de probabilidade é comum no uso do FS, pois este tende a ser um empresário para indicar ações que são vistas como plausíveis ou possíveis, embora não garantidas.

#### ***4.2.10 Considerações sobre o domínio pragmático discursivo***

Com base no que foi discutido ao longo desta seção, é possível constatar que o futuro simples e o futuro perifrástico no espanhol são estruturas verbais dotadas de grande versatilidade funcional, visto que, com base em nossos resultados, apresentam uma variedade de usos e significados que dependem diretamente dos contextos comunicativos em que ocorrem. A partir de nossos dados, foi possível comprovar que essas formas vão muito além de uma simples indicação de temporalidade futura, desempenhando também funções relacionadas à formulação de intenções, à expressão de graus de certeza e às nuances interacionais que permeiam os discursos, abaixo, apresentamos um quadro síntese que resume e apresentada de forma mais direta o número de ocorrências de cada função em detrimento do FP e do FS.

Tabela 2: Distribuição de ocorrências de funções.

<b>Função</b>	<b>Futuro perifrástico</b>	<b>Futuro simples</b>	<b>Total</b>
Futuro próximo	61	2	<b>63</b>
Futuro distante	29	4	<b>32</b>
Mandato	2	0	<b>2</b>
Interrogação	9	2	<b>11</b>
Afirmação	32	1	<b>33</b>
Ordem	3	0	<b>3</b>
Hipótese	13	1	<b>14</b>
Cenário imaginário	12	1	<b>13</b>
Probabilidade	19	1	<b>20</b>

Fonte: autora.

Essa multiplicidade de funções exige uma análise atenta aos fatores pragmáticos envolvidos na situação de interação comunicativa, ou seja, é fundamental considerar os aspectos contextuais que moldam a escolha entre o futuro simples e o futuro perifrástico. Esses aspectos incluem, por exemplo, as necessidades enunciativas do falante, que podem variar de acordo com o objetivo comunicativo, a relação entre os interlocutores e as condições contextuais específicas.

Além disso, é necessário levar em conta o espaço epistêmico em que o discurso ocorre; espaço esse que se refere à esfera de conhecimento compartilhado entre os interlocutores, bem como ao grau de certeza ou suposição associado às proposições enunciadas. O uso dessas formas verbais, portanto, não se limita a uma referência objetiva ao futuro, mas também engloba considerações sobre as condições de verdade das proposições expressas, as implicações subjacentes e os efeitos de sentido que o falante busca alcançar.

Destacamos ainda que, elencamos como hipótese que: no discurso cotidiano em espanhol, as formas de futuro perifrástico ("ir + a + infinitivo") e futuro simples ("futuro sintético") se manifestam de maneiras distintas, cada uma atendendo a funções pragmático-discursivas específicas e variando conforme o contexto interacional, a intenção do falante e a percepção temporal da ação. A escolha entre essas formas, como apontado por estudos funcionalistas, não é arbitrária, mas sim orientada por fatores

pragmáticos, como a proximidade do evento e a subjetividade do falante em relação à ação. E, com base em tudo o que foi aqui debatido, podemos afirmar que há uma significativa inclinação para que a nossa hipótese é real e nesta seção pudemos comprová-la.

Por fim, compreender os usos do futuro simples e do futuro perifrástico no espanhol implica reconhecer sua flexibilidade semântica e pragmática, bem como sua capacidade de adaptar-se às dinâmicas discursivas. Essa flexibilidade permite que essas formas verbais se adequem às intenções do falante e às expectativas do interlocutor, refletindo, assim, as complexidades e sutilezas inerentes à comunicação humana.

### 4.3 Domínio semântico-lexical

Nesta seção, apresentamos a análise dos tipos de verbo relativos ao futuro perifrástico e ao futuro simples, destacamos que, para alcançar a análise foi considerado, de modo minucioso as ocorrências e padrões de uso, buscando compreender a função e o impacto destas construções no espanhol oral de Guadalajara. Com o intuito de organizar e facilitar a visualização dos dados coletados, a tabela abaixo reúne o total de ocorrências para cada tipo de verbo. Como já explicitado em nosso referencial teórico, consideramos aqui, a proposta de Vendler (1957, 1967), a qual categoriza os verbos de acordo com suas propriedades semânticas e aspecto verbal, como: atividades, realizações, estados e processo culminado. Essa abordagem nos permitirá entender as nuances temporais e aspectuais de cada tipo de verbo, oferecendo uma compreensão abrangente e estruturada dos dados obtidos.

Tabela 3: Quantidade de dados por tipo de verbo

Tipos de verbos	Atividade		Estado		Processo		Processo culminado	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Qtde de Verbos	43	46,26%	15	15,79%	25	26,32%	13	12,63%
<b>Total</b>	96							

Fonte: autora.

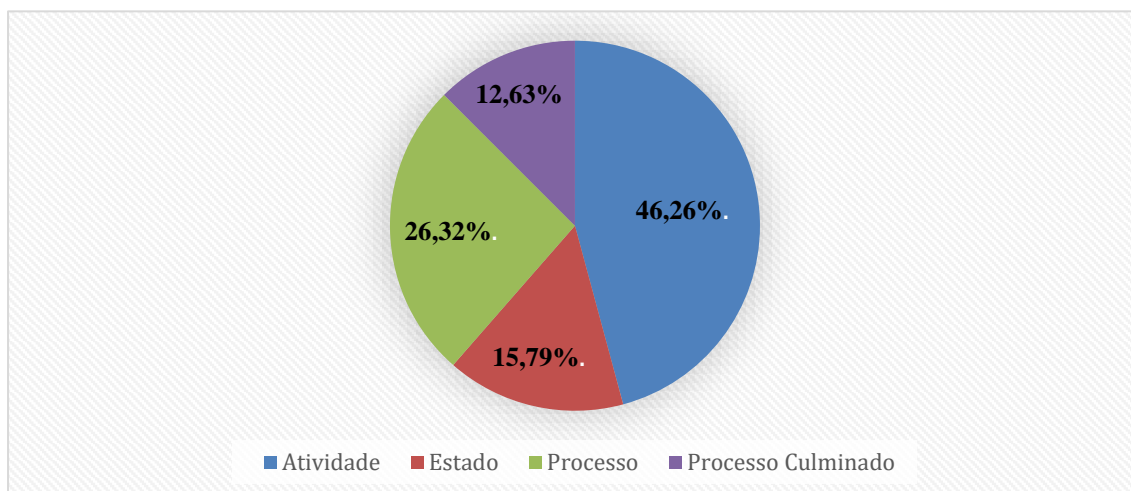
A partir da interpretação dos dados da tabela 2, podemos perceber que a maior parte das 95 ocorrências, são verbos de atividade 46,26%, ou seja, 43 verbos. Apoiando-

nos nesse resultado, podemos inferir que grande parte dos informantes utilizam os verbos que expressam ideia de tempo futuro para fazer menção a ações contínuas e repetíveis, sem um ponto final definido. Em seguida, temos os verbos que expressam processo como segundo colocado na lista de ocorrências, marcando 26,32% dos dados obtidos, ou 25 dados, isso nos indica que, em números significativos, os verbos que expressam ideia de tempo futuro são utilizados com o intuito de indicar ou marcar processos que possuem um fim ou objetivo específico.

Os verbos de estado marcam 15,79% dos dados que coletamos, ou seja, 15 ocorrências; com base neste valor, podemos inferir que os falantes fazem uso desses verbos, que são responsáveis por indicar condições estáticas, sem ponto final, com uma frequência relativamente baixa para fazes menções a tempos futuros, já que por se tratar de um tempo vindouro, não há como saber se a ação ali expressa seguirá sendo estática e imutável. E, por último, em nossos resultados, estão os verbos de processo culminado, que apresenta-se como 12,63% de nossos dados, ou 12 ocorrências, defendemos que, este tipo de verbo possui um baixo número de ocorrência pelo mesmo fato dos verbos de estado, uma vez que é complicado marcar, em ações futuras, a ideia ou a certeza de acontecimentos pontuais e/ou instantâneos.

Abaixo, apresentamos o gráfico 4 que ilustra, de forma clara e detalhada, a distribuição dos diferentes tipos verbais utilizados para expressar a ideia de futuro, tanto através do futuro simples, como do futuro perifrástico. O gráfico nos permite visualizar como cada tipo verbal contribui para a construção de formas verbais que indicam atividade, estados, processo ou processo culminado, para ocorrer em momentos futuros. Através dessa representação gráfica, será possível observar a frequência e a distribuição desses tipos verbais, facilitando a análise das estruturas linguísticas que enfatizam a temporalidade futura em nosso estudo.

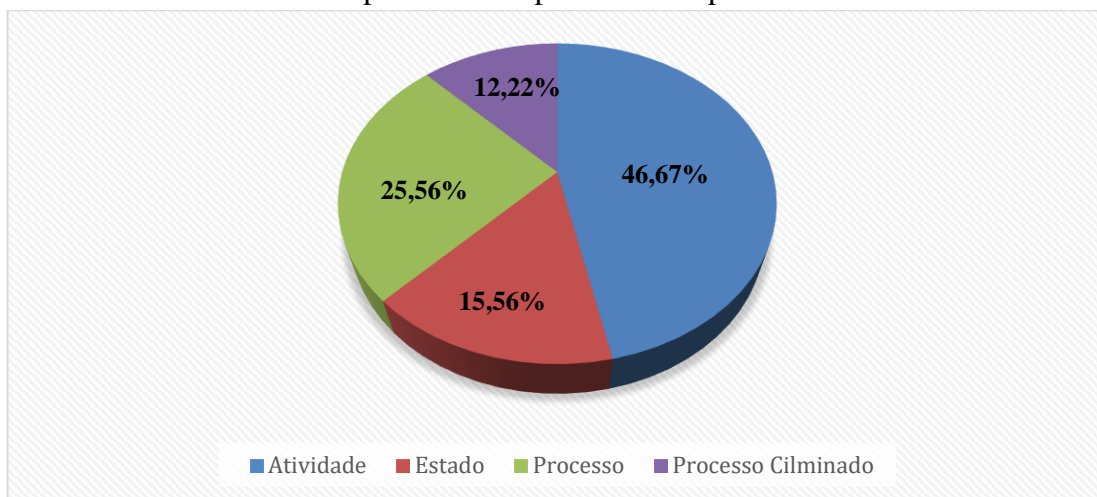
Gráfico 11 – Percentual geral da distribuição dos tipos de verbo.



Fonte: autora.

Com o intuito de esmiuçar paulatinamente o domínio semântico-lexical, realizamos ainda a análise particular de cada uma das construções sob análise – o futuro perifrástico e o futuro simples – quanto ao uso destas frente a cada um dos tipos de verbos. O gráfico 5 apresenta os números percentuais individuais de cada tipo de verbo junto ao futuro perifrástico.

Gráfico 12: Porcentual de tipos de verbo para o futuro perifrástico.



Fonte: autora.

Através da leitura do gráfico podemos afirmar que a análise dos dados coletados nos mostra que o uso do futuro perifrástico foi exponencialmente maior com verbos de atividade, contendo 42 ocorrências, contabilizando assim 46,67%. Vejamos abaixo um exemplo do futuro perifrástico diante de verbos de atividade:

Ex. 17: “*ya nomás voy a moler a cada ocho días.*” / “Eu **vou moer** apenas a cada oito dias”. (M21\_032).

Neste exemplo, podemos notar com clareza que o informante relata que costuma moer – grãos – a cada oito dias, ou seja, é uma ação que ocorre com certa frequência, em determinados períodos e não algo estável que ocorre o tempo todo.

Já os verbos que expressam processos, que indicam ações que possuem um ponto “final” em sua realização, por sua vez, é o segundo colocado quando falamos em empregá-lo junto ao futuro perifrástico, foram registradas 23 ocorrências deste, contabilizando assim, 25,56%. Abaixo, o exemplo 2 ilustra e interpreta a maneira como esse tipo de verbo comporta-se diante do futuro perifrástico:

Ex. 18: “*el ultimo va a cumplir trece.*” / “o último **vai completar** treze” (M22\_027).

Neste exemplo, verificamos a ideia processo em curso, onde o filho mencionado completará 13 anos e esta ação será finalizada na data do aniversário deles, ou seja, o dia em que ele completará exatos 13 anos de vida. Temos, neste exemplo, um ponto final bem definido, visto que, há um dia exato para que isso ocorra e o “processo” seja finalizado.

Os verbos de estado, responsáveis por descrever condições ou situações estáticas e que não indicam ação contínua ou mudança e geralmente não têm um ponto de término e são usados para descrever qualidades, posse ou sensações; contou com 14 ocorrências em nossos dados, contabilizando 15,56%. Abaixo, o exemplo 18 ilustra e interpreta a maneira como esse tipo de verbo comporta-se diante do futuro perifrástico:

Ex. 19: “*¡ah pero ya sé algo que sí te va a gustar!*” / “ah mas eu já sei algo que você vai gostar”. (H23\_004).

Neste exemplo, observamos a expressão de uma sensação ou sentimento associado ao ato de "gostar" de algo. Esse verbo indica uma experiência emocional integral, caracterizando uma situação em que o sentimento de apreciação ou atração por algo é vivido como uma unidade completa e indivisível. Diferente de ações que podem ser fracionadas ou observadas em etapas, o sentimento de "gostar" não se desdobra em

partes distintas; ele se manifesta como um estado contínuo e sem progressão interna, onde o sentimento permanece uniforme e estável ao longo de sua duração

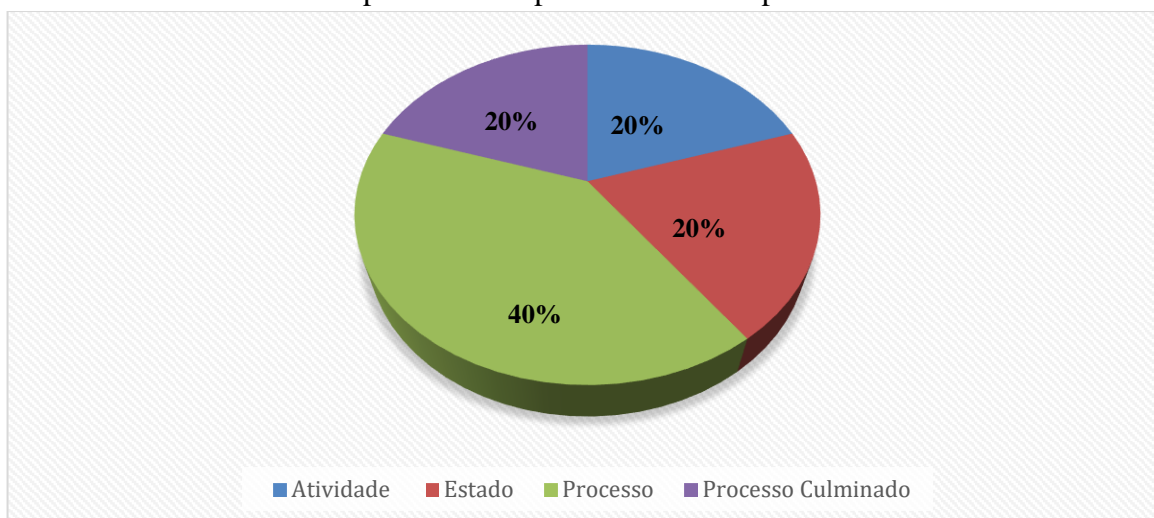
Quanto aos verbos de processo culminado, cujo possui função de descrevem ações pontuais e instantâneas, com uma mudança de estado imediata, apresentou 11 ocorrências em nossos dados, contabilizando 12,22%. Abaixo, o exemplo 4 ilustra e interpreta a maneira como esse tipo de verbo comporta-se diante do futuro perifrástico:

Ex. 20: “*pues obviamente te va a ganhar*” / “obviamente **vai ganhar** de você” (H22\_002).

No exemplo 20, observamos a expressão de um acontecimento único e específico, que simboliza uma vitória — podendo ser interpretada tanto em sentido literal quanto figurado — de um indivíduo sobre outro. Esse evento representa uma conquista ou superação que ocorre em um instante delimitado e específico no tempo, sem ser fragmentado em etapas ou fases. Trata-se, portanto, de uma ação pontual, que se manifesta de forma completa e unitária em um momento determinado, sem subdivisões ou prolongamentos temporais.

O gráfico 4 mostra detalhadamente as porcentagens específicas de ocorrência para cada tipo de verbo quando combinado com o futuro simples, cada um dos tipos de verbo é representado individualmente no gráfico, permitindo uma nítida interpretação da distribuição percentual de cada tipo em relação ao uso do futuro simples. Este facilita a comparação entre os diferentes tipos de verbo e oferece uma visão precisa da frequência com que cada um aparece associado a esta forma verbal futurista.

Gráfico 13: Porcentual de tipos de verbo para o Futuro simples



Fonte: autora.

Ao analisarmos o gráfico, podemos afirmar que a interpretação dos dados coletados revela que o uso do futuro simples foi predominante com verbos de processo, totalizando 2 ocorrências que representam 40% do uso total do futuro simples nos dados analisados. Esse resultado indica uma preferência pelo futuro simples ao expressar ações que envolvem um desenvolvimento ou uma mudança ao longo do tempo, característica dos verbos de processo. Frisamos ainda que, em nossa hipótese consideramos que teríamos mais ocorrências de estado e atividade frente ao futuro simples, no entanto, com base em nossos dados, nossa hipótese foi rechaçada.

Abaixo, apresentamos um exemplo que ilustra o emprego do futuro simples com um verbo de processo:

Ex. 21: “*cuanto me **gastaré** en comida allá*” / “quanto **gastarei** de comida lá” (H13\_003).

No exemplo 21, compreendemos a conclusão de um processo com um fim ou objetivo específico – o de saber quanto gastará com alimentação em uma viagem - ação avança em direção a uma meta, saber o valor, no entanto, isso só será possível após o fim desta viagem, visto que o resultado final do valor gasto só será sabido ao fim do processo da viagem.

Já os verbos de estado, atividade e processo culminado, apresentaram uma ocorrência cada nos dados que coletamos, contabilizando assim, o percentual de 20% cada. Os exemplos 22, 23 e 24 apresenta, respectivamente essas ocorrências:

Ex. 22: “*Este igual siempre **habrá** alguien que maneje el inglés*” / “sempre haverá alguém que domine o inglês”. (H13\_006).

No exemplo apresentado, o verbo *haber* indica uma condição contínua ou permanente, descrevendo um estado constante de existência, sem sugerir qualquer ação dinâmica ou mudança. Desse modo, “*habrá*” representa um estado projetado para o futuro, enfatizando a continuidade dessa condição ao invés de uma ocorrência pontual ou transformadora.

Ex. 23: “*¿cómo le **diré**?*” / “Como eu vou dizer a você?” (M22\_027).

A palavra *diré* se encaixa na categoria de verbos de atividade porque, conforme a teoria de Vendler (1957), esse tipo de verbo envolve ações que são dinâmicas e podem ser prolongadas ao longo do tempo, sem uma definição exata sobre sua duração. Ao falar sobre algo que se dirá no futuro, o verbo "dizer" reflete uma intenção de ação, uma possibilidade de realização futura que pode se desenvolver de maneira flexível, sem um ponto final claro, o que é uma característica típica dos verbos de atividade.

Ex. 24: “¿cómo te *diré*?” / “Como eu vou te dizer?” (M22\_046).

No exemplo 24, verificamos um verbo de culminação porque descreve um evento pontual que terá um resultado imediato, no qual o ato de falar se concretiza em um instante. O verbo empregado descreve uma ação pontual e instantânea, ou seja, a fala em si ocorre num momento específico e imediato, sem continuidade. O ato de "dizer" ocorre e se conclui em um único ponto no tempo — quando a pessoa efetivamente diz algo. Assim, a frase sugere que o falante está pensando em um momento futuro de culminação (um único evento) em que, ao se comunicar, ele dirá algo, marcando uma mudança de estado (de não ter dito para ter dito).

Com base em nossa análise do nível semântico-lexical, observamos que os verbos de atividade possuem predominância frente ao futuro perifrástico, enquanto os verbos de processo predominam diante do futuro simples

#### **4.4 Domínio textual-discursivo: figura e fundo**

Nesta seção, propomo-nos a analisar a relação existente entre figura e fundo, pois conceitos de figura e fundo têm sua origem na Gestalt, um campo da Psicologia que investiga a maneira como as ideias e percepções são organizadas hierarquicamente. No contexto discursivo, essa organização hierárquica reflete as escolhas feitas pelo falante ao estruturar seu discurso; com base nesses princípios, Hopper e Thompson (1980) introduzem uma abordagem que adapta os conceitos de figura e fundo ao plano discursivo, diferenciando as ideias principais das secundárias. Segundo essa perspectiva, a figura representa os elementos mais salientes e relevantes do discurso, enquanto o fundo abarca os detalhes contextuais ou informações de suporte, que têm menor destaque em relação à figura.

Em qualquer situação de interação verbal, o usuário da língua faz escolhas comunicativas levando em consideração o contexto e as expectativas do interlocutor. Dessa forma, dentro de um enunciado ou narrativa, nem todas as informações possuem a mesma relevância; algumas assumem um papel de destaque (figura), enquanto outras permanecem em segundo plano (fundo), ressaltamos ainda que, como mencionado em nossa fundamentação teórica, aqui adotamos a proposta de Chedier (2007), que divide o discurso em figura, fundo 1 e fundo 2. A seguir, examinaremos a distribuição numérica das categorias diante de nossos dados.

Tabela 4: Porcentual de tipos de verbo para o Futuro simples.

<b>Categoria</b>	<b>Futuro perifrástico</b>	<b>Futuro simples</b>	<b>Total</b>
Figura	25	2	<b>27</b>
Fundo 1	46	1	<b>47</b>
Fundo 2	19	3	<b>22</b>
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>6</b>	<b>96</b>

Fonte: autora.

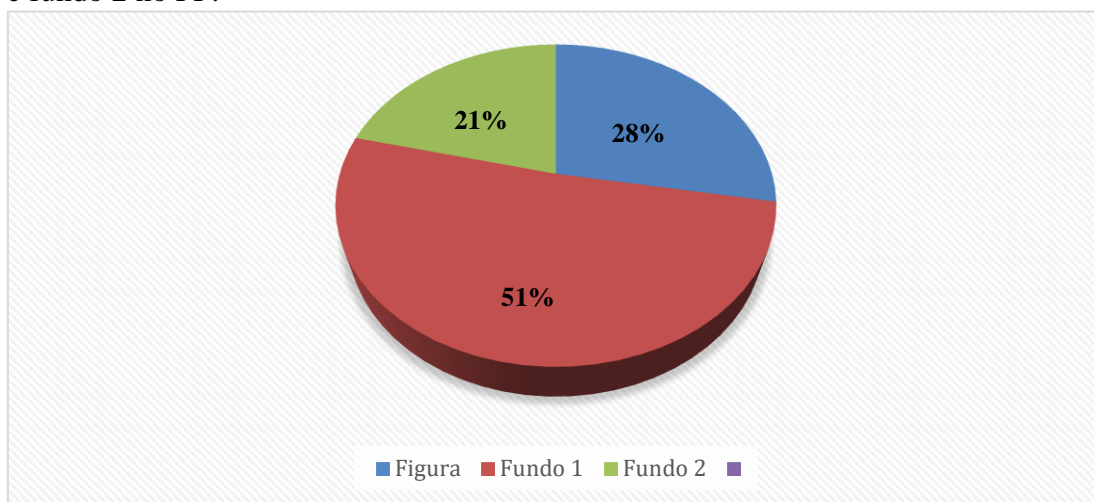
Com base nos dados apresentados na tabela acima, é possível observar que há uma predominância do uso do FP na categoria fundo 1, esse dado sugere que o FP é amplamente empregado para introduzir informações que, segundo a proposta de Chedier (2007), possuem uma proximidade com as características atribuídas à figura no plano discursivo. Essas características incluem a capacidade de oferecer resumos do conteúdo abordado, sintetizando ideias e fornecendo uma visão panorâmica ou concentrada dos eventos narrados, assim, essa predominância reflete a função pragmática do FP de destacar informações relevantes para a construção do discurso.

Por outro lado, os resultados também indicam que, no caso do FS, há uma maior frequência de uso na categoria fundo 2, esta, de acordo com a classificação de Chedier (2007), é responsável por expressar relações de causa e consequência, apresentar dúvidas e incertezas, bem como detalhar informações que complementam ou sustentam o enredo principal. O FS, com sua característica de indicar ações em um futuro distante, parece ajustar-se bem às demandas comunicativas do fundo 2, onde informações

adicionais ou secundárias, mas importantes para o desenvolvimento do discurso, são elaboradas.

Essas observações reforçam a ideia de que a escolha entre as formas verbais não é apenas uma questão de temporalidade, mas também de estratégia discursiva, orientada pelas intenções do falante e pela dinâmica entre figura e fundo no discurso. Agora, apresentamos os resultados particulares referentes ao FP e suas funções.

Gráfico 14: Distribuição percentual de ocorrências das categorias figura, fundo 1 e fundo 2 no FP.



Fonte: autor.

O gráfico acima apresenta, em números percentuais e de modo mais visual, o resumo dos dados presentes na tabela 4. Aqui, podemos ver que, dentre as ocorrências do futuro perifrástico, há uma predominância bastante saliente da categoria fundo 1, contando com 51% das ocorrências. De acordo com a definição de Chedier (2007) introduz inicialmente o contexto do relato, resumindo os principais eventos que serão abordados, situa o cenário em que a ação acontece, descreve o ambiente ou a situação em que os eventos se desenrolam etc., com isso, podemos inferir que, o futuro perifrástico, possui favorecimento a ser utilizado como a informação que “resume” o evento principal.

Já a categoria figura, que se trata de eventos reais, dinâmicos e completos (Chedier, 2007), aparece como a segunda categoria mais frequente, com 28% das ocorrências ocorrendo dentro desta. E, por último, encontra-se a categoria fundo 2, que é, ainda de acordo com Chedier (2007) responsável por apresentar detalhes, opiniões dos falantes, dúvidas, etc., contando com 21% das ocorrências. Abaixo, os exemplos apresentados deixam claro como se comporta cada uma dessas categorias diante do futuro perifrástico:

Ex. 25: “*le dije ese muchacho va a ser para mí // ¡y bueno! // tenía yo doce años / a los quince / bueno ese muchacho/ buen <palabra\_cortada/> mi esposo actual pues / era muy mujeriego.*” / “Eu disse a voce que o garoto será para mim // e bem! // eu tinha doze anos / aos quinze / bom esse garoto/ bom <palavra cortada/> meu marido atual pois / era muito mulherengo.” (H23\_004).

No exemplo 25, podemos notar que *va a ser* é empregado na categoria figura, visto que carrega o peso informativo e emocional do que a falante está narrando, pode-se notar ainda que a construção projeta o centro de sua intenção e expectativa, enquanto o restante da frase, funcionando como fundo, fornece o suporte necessário para compreender a força e o significado dessa projeção no discurso. Ao analisar, podemos perceber como figura e fundo se complementam, de modo que a figura atrai a atenção principal no processo comunicativo e o fundo funciona como uma espécie de “cenário”, assim podemos inferir que: a expressão *va a ser*, no exemplo sob análise, é usada para marcar uma idealização de futuro, onde se destaca a determinação e a certeza da informante em relação ao destino amoroso que ela vislumbra para si. Assim, concluímos que essa construção se torna a informação principal no enunciado.

Ex. 26: “*en quien puedes confiar / tus problemas y / y este que te va a escuchar / sobre todo que te va a escuchar / este / que no va a estar contando lo que tú le cuentas / por otro lado// eeh / pues qu/ contigo se puede decir que si tienes problemas está contigo/ así estés en los peores problemas / si estás bien también / o sea no nada más / porque pues / hay mucha gente que si estás bien / por ejemplo económicamente / ¡ahí están! / ¡todos! / tienes muchas amistades / pero / cuando estás mal económicamente / estás solo / o sea todo mundo se desaparece // entonces / pues yo he tenido la mala experiencia de que/ desde niña/ siento que los amigos no existen*” / “em quem você pode confiar/ seus problemas e/ e este que vai ouvir você / especialmente que irá ouvir você / este / que não vai contar o que você conta a ele / por outro lado// eeh / pois com você você pode dizer que se tiver problemas está com você/ assim esteja no pior problemas / se você está bem também / ou seja não mais nada / porque pois/ há muitas pessoas que se você está bem / por exemplo economicamente / lá estão eles! / todos os! / você tem muitas amizades / mas / quando está mal financeiramente / está sozinho / ou seja todo mundo desaparece //

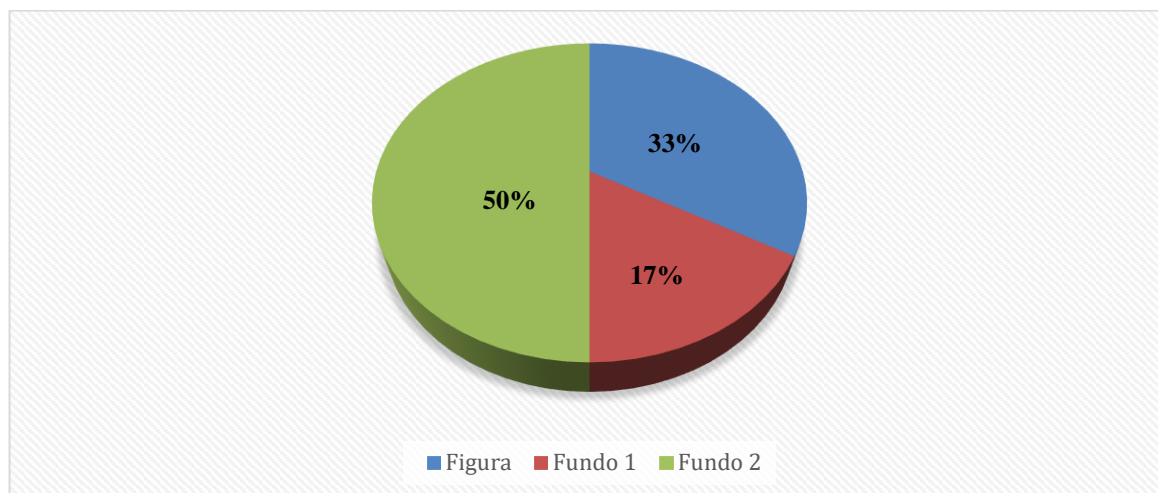
então / pois eu tive a má experiência de que/ desde criança/ sinto que os amigos não existem" (M22\_046).

No exemplo 26, onde a construção *te va a escuchar*, é usada para introduzir uma informação adicional ao que está sendo dito, uma espécie de resumo do que ocorrerá; essa “informação adicional” é responsável por complementar a informação principal, mas não passa a ser o foco do discurso. Com base no que vimos até agora, é possível afirmar que *va a ser*, no exemplo citado, desempenha o papel de fundo 1, uma vez que, ao fornecer suporte necessário e apresentar detalhes necessários para que seja compreendido o que está sendo dito. Dessa forma, essa construção contribui indiretamente para a construção argumentativa, mantendo-se como pano de fundo na progressão do tema principal.

Ex. 27: “¿moda? / pues / ¡ay! yo pienso que la moda es/ n <vacilación/> siempre va a ser lo mismo / en la época en que vivas / siempre **va a haber** modas y/ este/ pues no / la verdad // no / no noto cambios / lo único / que sí veo/ este ¿cómo lo puedo decir? que por ejemplo ya últimamente los jóvenes se tatúan mucho” / “"moda? / pois / ai! eu acho que a moda é/ n <vacilação/> sempre será o mesmo / na época em que você vive/ sempre haverá modas e/ este/ pois não/ a verdade // não vejo mudanças / o único/ que vejo/ isso como posso dizer? que por exemplo, já ultimamente os jovens se tatuam muito.” (M22\_027).

No exemplo 27 podemos perceber que, como define Chedier (2007), o fundo 2 é caracterizado a partir de enunciados que desempenham um papel de suporte ao assunto central do discurso, complementando-o sem ocupar o foco principal do discurso. No caso da frase *siempre va a haber modas*, é possível observar que ela atua como um comentário genérico e atemporal que contextualiza a visão do falante sobre a permanência da moda ao longo do tempo, assim, essa construção ilustra perfeitamente o papel de fundo 2, visto que oferece um “pano de fundo” secundário que possui o papel de sustentae o discursivo, sem tornar-se o núcleo do que está sendo dito. Assim, sua função é essencialmente auxiliar e descritiva, preparando o terreno para o verdadeiro foco do discurso, que se desloca posteriormente para os jovens e suas práticas atuais, como a tendência crescente de se tatuarem, destacada na sequência do enunciado.

Gráfico 15: Distribuição percentual de ocorrências das categorias figura, fundo 1 e fundo 2 no FS.



Fonte: autor.

Acima, o gráfico 15 apresenta, em números percentuais e de modo mais visual, o resumo dos dados referente às categorias figura, fundo 1 e fundo 2 do futuro simples, cujo números de ocorrência encontram-se presentes na tabela 4. Aqui, podemos ver que, dentre as ocorrências do futuro simples, há um saliente favorecimento da categoria fundo 2, contando com 50% das ocorrências, ou seja, metade das ocorrências contabilizadas. De acordo com a definição de Chedier (2007), a categoria fundo 2 inclui cláusulas de “fundo” que apresentam detalhes sobre um referente ou processo, como ocorre nas cláusulas adjetivas, com isso, podemos inferir que, o futuro simples, possui uma tendência a ser utilizado como a informação que “apresenta detalhes circunstanciais” sobre o evento principal.

Ex. 28: “*mmm no no me daba miedo pero sí decía a y pues qué onda o sea ni siquiera o cuando salí de aquí pues / decía y bueno como cuánto me **gastaré** en comida allá / o sea cuánto **costará** la comida o sea desde esas cosas así como tan simples que dices.*”./ mmm não me deu medo mas sim dizia pois que onda ou seja nem mesmo ou quando saí daqui então / disse e bom como quanto **gastarei** em comida lá / ou seja quanto **custará** a comida seja por essas coisas assim como tão simples que você diz.” (H13\_003).

No exemplo 28, observamos a interação entre os verbos *gastaré* e *costará*, refletindo as categorias de figura e fundo 2, respectivamente, conforme a classificação de Chedier (2007). O verbo *gastaré* é utilizado para expressar uma preocupação concreta e pessoal do falante em relação a uma situação futura: *como cuánto me gastaré en comida*

*allá*, nessa construção, o verbo assume a categoria de figura, pois salienta um aspecto central do discurso, destacando o envolvimento direto do falante com a questão de quanto ele precisará gastar. Esse foco na experiência individual e na “projeção” do custo futuro com alimentação como algo significativo para o planejamento do falante confere ao verbo o papel de elemento central no enunciado; ainda de acordo com Chedier (2007), os verbos que se encaixam na categoria e figura possuem características de saliência e relevância para a narrativa, pois capturam as ações principais ou os eventos mais destacados.

Por outro lado, o verbo *costará* aparece em *cuánto costará la comida*, funcionando como parte de uma reflexão mais resumida sobre o custo dos alimentos na viagem a qual a informante se referia; nesse caso, o verbo assume a função de fundo 1, que, conforme definido por Chedier (2007), se relaciona elementos que introduzem e/ou resumem o conteúdo. O uso de *costará* aqui fornece um pano de fundo que contextualiza a preocupação principal (o gasto pessoal) com informações especulativas sobre os preços em geral, adicionando complexidade ao enunciado, mas sem assumir um papel central.

A interação entre *gastaré* e *costará* evidencia uma hierarquia discursiva clara: onde *gastaré* destaca uma preocupação prática e pessoal do falante, que é o foco principal da mensagem (figura), enquanto *costará* fornece uma informação contextual resumida e especulativa (fundo 1), que contribui para a construção do cenário geral. Essa relação reflete a capacidade do falante de organizar seu discurso de maneira hierárquica, priorizando as informações mais relevantes para a situação comunicativa, sem ignorar os detalhes que enriquecem e complementam a narrativa; além disso, o contraste entre os dois verbos reforça a ideia de que as escolhas verbais são motivadas não apenas pela temporalidade (futuro), mas também pela função discursiva que cada verbo desempenha dentro da interação. Em síntese, enquanto *gastaré* aponta para um futuro pessoal e concreto, *costará* explora possibilidades gerais, contribuindo para a distinção entre figura e fundo no plano pragmático-discursivo.

Ex. 29: “*sí también francés pero como por ejemplo / te digo que a mí se me hace / mejor aprender / primero el inglés que el francés porque / siento que ahorita el inglés es más universal / este igual siempre **habrá** alguien que maneje el inglés y su lengua originaria pero el francés no lo descarto también se me hace / padre*”. / “sim também francês mas como por exemplo / te digo que para mim / é melhor aprender/ primeiro o inglês que o francês porque / sinto que agora o inglês é mais universal / ou seja sempre **haverá** alguém

que lide com o inglês e sua língua nativa mas o francês não o descartando também gostaria de aprender/ acho legal.” (H13\_006).

No exemplo 29, o verbo *habrá* assume o papel de fundo 2, visto que funciona como um suporte generalizador, ou como uma opinião do falante que sustenta o argumento principal do indivíduo. Esse uso do futuro simples cria um pano de fundo que legitima a ideia de que o inglês, por sua universalidade, é uma escolha mais prática e prioritária para o aprendizado, sem, no entanto, desmerecer a relevância do francês; com isso, ao afirmar que o inglês sempre estará presente, o falante reforça a percepção de sua utilidade global e projeta uma expectativa atemporal e amplamente válida. Assim, *habrá* oferece uma base implícita que consolida o discurso, atuando como uma moldura discursiva que sustenta a justificativa apresentada sem competir com o foco principal da argumentação.

Por fim, ao abordarmos os conceitos de marcação e expressividade retórica, vale retomar os subprincípios da marcação, que são: complexidade estrutural; distribuição de frequência e complexidade cognitiva. Em nossa análise, compreendemos que a forma com maior complexidade estrutural é a perifrástica, visto que, esta conta, em sua construção, com um verbo auxiliar, uma partícula conectiva e o verbo principal, enquanto o futuro simples é composto apenas pelo verbo principal.

Assim, podemos perceber que a frequência de uma forma não depende apenas de seu status mais ou menos marcado, mas também de sua capacidade de atender às demandas comunicativas no contexto específico dos dados analisados. Isso reforça a premissa funcionalista de que o uso da língua é adaptativo e sensível às necessidades discursivas, evidenciando que, em determinados contextos, a categoria marcada (neste caso, a perífrase) pode superar a não marcada (o futuro simples) em frequência devido à sua funcionalidade pragmática e adequação ao uso real.

Já sobre a distribuição de frequência, de acordo com Givón (1990), a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada; a partir desta afirmação, seria adequado inferir que a perífrase seria menos frequente que o futuro simples, porém, aqui, em nossos dados, obtivemos o resultado oposto, sendo a perífrase bem mais frequente do que o futuro simples. Com base neste resultado, podemos supor que o maior uso da perífrase pode demonstrar um processo de gramaticalização em andamento, no qual a perífrase está ganhando maior funcionalidade e abrangência semântica, muitas vezes substituindo o futuro simples em diversos contextos pragmáticos.

Essa mudança linguística, influenciada pelo uso real, pode explicar a maior frequência do futuro perifrástico nos dados analisados.

Por último, com relação a complexidade cognitiva, que, de acordo com Givón (1990), a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada; com base em nossos resultados, podemos inferir que esta definição também não se aplicou em nossos dados, visto que, a forma menos marcada, ou seja, o futuro simples, possui maior complexidade cognitiva, considerando que esta é a construção mais “formal”.

A partir de nossos resultados, podemos afirmar que, pelo menos, em nossa análise, faz-se necessário uma reformulação do conceito de marcação, bem como os seus sub-princípios e aqui, assumimos a proposta de Dubois e Votre (1994), onde os autores afirmam que "é preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação". Essa afirmação nos sugere ainda que a relação entre a estrutura linguística e o esforço cognitivo necessário para interpretá-la não é sempre direta ou proporcional; e é com base nessa premissa, que os autores propõem o princípio de expressividade retórica, que busca alcançar um equilíbrio entre a complexidade cognitiva e o contexto comunicativo.

Dessa forma, a escolha entre formas marcadas e não marcadas não segue um padrão fixo, mas é orientada pela necessidade de alcançar maior expressividade ou eficácia em contextos específicos. Sob esse princípio, as formas marcadas, que geralmente possuem maior especificidade ou complexidade formal, podem aparecer em contextos menos marcados quando a situação exige maior clareza ou ênfase. Por outro lado, formas menos marcadas, que tendem a ser mais neutras e frequentes, podem ser usadas em contextos marcados para promover economia linguística ou simplificação. Assim, o princípio de expressividade retórica revela uma relação dinâmica e adaptativa entre a forma linguística e o contexto discursivo, onde as escolhas gramaticais são motivadas pela interação entre as necessidades cognitivas do falante e a intenção comunicativa.

## 5 CONCLUSÕES

Nossa pesquisa teve como tema principal a multifuncionalidade do futuro no espanhol oral de Guadalajara, considerando o futuro perifrástico e o futuro simples e, os nossos dados, foram oriundos do projeto PRESEEA – Guadalajara. Destacamos ainda que, para cada função e domínio linguístico aqui analisados, o fizemos à luz do funcionalismo linguístico, mais especificamente, o funcionalismo norte-americano ou Givoniano, dito isso, faz-se oportuno relembrar a divisão estrutural do nosso trabalho.

Em nossa introdução, ocupamo-nos de apresentar a contextualização inicial da pesquisa e das formas sob análise, bem como suas respectivas correlações entre forma e função; foram apresentadas também as definições de cada uma destas formas e exemplos, assim como a justificativa para o desenvolvimento do trabalho e o nosso objetivo principal e os objetivos específicos.

O segundo capítulo ocupa-se de apresentar toda a nossa fundamentação teórica e as nossas considerações e reflexões sobre estas. Nele estão contidas informações sobre a teoria funcionalista e os parâmetros e domínios cujo foram considerados para a nossa análise; após, apresenta-se o complexo TAM e seus desdobramentos e, por último, apresentamos as considerações teóricas sobre o nosso objeto de análise.

Contamos também com o capítulo destinado á descrição de todo o processo metodológico os quais utilizamos para desenvolver a nossa pesquisam. Neste capítulo, constam informações como o contexto da pesquisa, considerações sobre a delimitação do universo da pesquisa, os parâmetros da análise, e as restrições e dados desconsiderados.

Por último, apresentamos o capítulo responsável pela descrição e a análise dos dados, onde apresentamos as informações quantitativas de nossa pesquisa e os desdobramentos qualitativos, com uma seção para cada um dos domínios analisados, onde foram expostos os seus dados quantitativos, bem como suas respectivas análises a partir de exemplos extraídos de nosso *corpus*.

Baseados na literatura, acreditava-se que o futuro simples e o futuro perifrástico apresentam funções tempo-modais, enquanto as funções aspectuais seriam retratadas através do aspecto inerente. O futuro simples, no eixo temporal, refere-se a eventos mais distantes do momento de fala; no eixo modal, é usado para interrogações, hipóteses e probabilidades. Já o futuro perifrástico, no eixo temporal, expressa eventos próximos ao momento de fala, no eixo modal, é utilizado para mandatos, afirmações, ordens, cenários imaginários e expressões de cortesia.

Após a nossa análise pudemos confirmar a nossa hipótese, visto que com relação ao mapeamento funcional e sua relação com o completo TAM, constatamos que o futuro é um tempo muito mais tempo-modal, sendo as funções aspectuais enunciadas através do aspecto. Quanto às funções temporais, foi possível observar que o futuro perifrástico é empregado, com maior frequência, para referir-se a um futuro próximo ou imediato, enquanto o futuro simples é mais utilizado para referir-se a um futuro mais distante.

Enquanto nas funções modais, elencamos as seguintes: expressão de mandato, expressão de interrogação, expressão de afirmação, expressão de ordem, expressão de hipótese, expressão de cenário imaginário e expressão de probabilidade; propostas por García (2013). Constatamos, em nossa análise, que o futuro perifrástico apresenta ocorrências em todas as funções, mas que é predominante na função afirmativa; já o futuro simples, não apresentou ocorrências das funções mandato e ordem, além de haver a predominância da função afirmativa.

Hipotetizamos ainda que o FS é geralmente adicionado a projeções amplas e atemporais, como generalizações e específicas de longo prazo, devido à sua natureza durativa. Essa característica o torna mais frequentemente relacionada a verbos de estado e de atividade, que possuem um caráter contínuo. Por outro lado, o FP tende a ser usado com maior frequência em contextos que envolvem verbos de processo culminado e de processo, refletindo ações imediatas e específicas. E, após a nossa análise, foi possível perceber que, em relação ao domínio semântico-lexical, adotamos a proposta de Vendler (1957 e 1967), foram registradas, em nossos dados, ocorrências de todos os tipos de verbos propostos pelo autor e, de maneira geral, há uma predominância para o uso dos verbos de atividade, com 46,26% das ocorrências. Já de modo individual, o futuro perifrástico mantém essa tendência, contando com a maior parte das ocorrências, 46,67%, sendo de verbos de atividade; já o futuro simples, apresenta uma predominância para os verbos de processo, com 40% das ocorrências.

E, por último, quanto ao domínio textual discursivo e as categorias figura e fundo, assumimos a proposta de Chedier (2007), onde são consideradas as categorias figura, fundo 1 e fundo 2. E partimos da pressuposição de que a perífrase, por ser mais marcada, tenderia a aparecer no plano fundo, enquanto o futuro simples, por ser menos marcado, possuiria a tendência de aparecer no plano figura. Destacamos que, nas ocorrências das duas formas, no entanto, há, no futuro perifrástico a predominância de

ocorrências na categoria fundo 1 e, nas ocorrências do futuro simples, há a predominância de ocorrências na categoria fundo 2.

A partir da construção do nosso estudo e dos nossos resultados, esperamos contribuir para:

- A compreensão das formas FP e FS quanto à expressão de ideias futuras, bem como a sua multifuncionalidade e questões relacionadas ao domínio pragmático-discursivo;
- Proporcionar debates acerca das classificações semântico-lexicais apresentadas, a partir da caracterização proposta por Vendler (1957) e afirmar que cada tipo de verbo de acordo com suas propriedades de aspecto, levando em consideração a duração, a telicidade (objetivo ou término da ação) e a dinâmica da ação;
- A análise da correlação forma-função do futuro perifrástico e do futuro simples diante dos planos discursivos figura, fundo 1 e fundo 2.

A partir dos nossos resultados esperamos que, pesquisadores, aprendizes, professores e usuários da língua espanhola possam compreender a relevância e a riqueza do fenômeno que analisamos, assim como o seu impacto na língua. Ao realizarmos a análise da expressão de futuro no espanhol oral de Guadalajara sob o viés funcionalista, pudemos compreender como o uso real da língua e as “escolhas” linguísticas dos falantes refletem as suas necessidades comunicativas, os contextos pragmáticos e os fatores discursivos que influenciam o uso da língua.

A predominância do futuro perifrástico em detrimento do futuro simples, evidencia uma tendência em direção à expressividade e à clareza, características fundamentais da interação oral. Além disso, aqui foi possível notar demonstrar que as formas linguísticas são moldadas por pressões comunicativas e contextuais. Esses resultados não apenas contribuem para o entendimento do funcionamento do espanhol de Guadalajara, mas também apontam caminhos para futuras investigações que articulem a interface entre o uso real da língua e os processos cognitivos que o sustentam.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, José Luis Blas. Aspectos sobre la variación lingüística en la lengua escrita: La expresión de futuridad en el español literario. **LEA: Lingüística Española Actual**, v. 22, n. 2, p. 161-200, 2000.
- BECERRA, Servio. Uso del futuro en el español hablado en Bogotá. El uso coloquial y la norma culta. *In: Actas del XIV congreso internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)*. 2005.
- BOSQUE, Ignacio. **Gramática descriptiva de la lengua española: Entre la oración y el discurso. Morfología**. Espasa, 1999.
- BOSQUE, Ignacio. Qué debemos cambiar en la enseñanza de la gramática. *ReGroc: revista de gramática orientada a las competencias*, v. 1, n. 1, p. 0011-36, 2018.
- BRAVO, Ana. **La perífrasis "ir a+ infinitivo" en el sistema temporal y aspectual del español**. Tese de Doutorado. Universidad Complutense de Madrid, 2008.
- BUZÓN GARCÍA, José María. **La expresión de la futuridad en el español de Valencia: estudio sociolingüístico**. 2013.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. **Mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.
- CHEDIER, Carolina, Moreira. 2007. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 132 p.
- COMRIE, Bernard. **Polite plurals and predicate agreement**. *Language*, p. 406-418, 1975.
- COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, Bernard. **Reply to Saksena: Further reflections on verb agreement in Hindi**. 1985.
- COSERIU, Eugenio. "Perspectivas gerais". (Trad. de Maria Cândida D. Bordenave do orig. inglês: Thomas Sebeok (ed.) *Brazilian Linguistics. Current trends in the language science*. Ibero-American and Caribbean Linguistics, vol. 4, Haia: Mouton, 1968), em *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*, Anthony J. Naro (org.) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, pp. 11-44
- COSERIU, Eugenio; BECHARA, Evanildo. **Lições de linguística geral**, 1980.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**. 2º Ed., Rio de Janeiro: Presença, 1987.

CÓRDOVA ABUNDIS, Patricia; TREJO, Daniel Barragán. **El español hablado en Guadalajara**. Corpus presesea-Guadalajara. 2021.

CORVALÁN, Silva. TERRELL: Id. & Tracy David Terrell, “**Notas sobre la expresión de futuridad en el español del Caribe**”. 1989.

COAN, Márluce. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito**. 1997.

COAN, Márluce. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função (ões)-forma (s) em tempo real e aparente**. 2003.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko; PONTES, Valdecy de Oliveira. **Aspecto Inerente: análise sociofuncional de formas verbais imperfectivas de passado em espanhol**. 2013.

CROFT, William. **Verbs: Aspect and causal structure**. OUP Oxford, 2012.

CUNHA, Maria Angélica Furtado.; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, Maria A.F.; OLIVEIRA, Mariângela R.; MARTELOTTA, Mário E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. **Linguística Centrada no Uso**, 2013.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016.

DILLINGER, Mike. Forma e função na linguística. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 7, n. 1, 1991.

DI TULLIO, Ángela et al. **Manual de gramática del español**. 2005.

DI TULLIO, Angela. **Manual de gramática del español**. 2º Ed, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Waldhuter, 2014.

DUBOIS, Jean; MEVEL, Jean-Pierre. **Dicionário de Linguística**. [Trad. Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum e Valter Khedi]. 1973.

DUBOIS E VOTRE. A construção da gramática. *In*: **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.

FERREIRA, Carolina Parrini. **A expressão de Tempo Futuro no Espanhol: um estudo comparativo entre dados da gramática adulta e infantil**; 2010.

FIDALGO ENRÍQUEZ, Francisco José. La futuridad perifrástica en portugués y su contraste con el español. **Estudios portugueses: revista de filología portuguesa**, n. 9, p. 9-43, 2009.

FIRMO, Angelane Faustino; SOUZA, Leticia Joaquina de Castro Rodrigues Souza e; COAN, Máluce; PONTES, Valdecy de Oliveira. **A Variação na Expressão do Futuro em Língua Espanhola: análise de notícias on-line sobre a Copa 2014**. 2017.

FUTURO. *In: Dicionário de la lengua española*, Madrid: Real Academia Española, 2022. Disponível em: <https://dle.rae.es/futuro>. Acesso: 08 de mai de 2023.

FREITAG, R.M.K. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. Florianópolis, SC. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 235 p. 2007.

GIBBON, Adriana de Oliveira. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. 2000. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GONZALO GÓMEZ, Paula. La alternancia entre el futuro morfológico y la perífrasis ir a+ infinitivo en la enseñanza-aprendizaje de español lengua extranjera (agosto, 2009). **SIGNOS ELE (Revista de español como lengua extranjera)**, n. 3, 2009.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. *In: Discourse and syntax*. Brill, 1979. p. 81-112.

GIVÓN, Talmy. Topic continuity in discourse: The functional domain of switch reference. **Switch reference and universal grammar**, v. 51, p. 82, 1983.

GIVÓN, Talmy. Tense-Aspect-Modality. *In: Syntax: a functional-typological introduction*. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.

GIVÓN, Talmy. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. **Iconicity in syntax**, p. 187-219, 1985.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GIVÓN, Talmy. Coherence in text, coherence in mind. **Pragmatics & Cognition**, v. 1, n. 2, p. 171-227, 1993.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GIVÓN, Talmy. **Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

GUY, Gregory R. Form and function in linguistic variation. **Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science series 4**, p. 221-252, 1995.

GUY, Gregory. **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões linguísticos**, Organon, v. 14. p. 17-32, 2000.

HALLIDAY, Fred. **Rethinking international relations**. Bloomsbury Publishing, 1994.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, Paul. 1979. **Aspect and foregrounding in discourse**. In: GIVÓN, Talmy (org.), *On understanding grammar*. New York, Academic Press, p. 282-304. HOPPER, P.; THOMPSON, S. 1980. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, 56(2):251-299. <http://dx.doi.org/10.1353/lan.1980.0017>

HOPPER, Paul.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 2003.

INSTITUTO CERVANTES (Espanha). **El español- una lengua viva: informe 2021**. Madrid: Instituto Cervantes, 2021. 105 p. Disponível em: [https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol\\_lengua\\_viva/pdf/espanol\\_lengua\\_viva\\_2021.pdf](https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_lengua_viva/pdf/espanol_lengua_viva_2021.pdf). Acesso em: 08 mai. 2023.

JAKOBSON, Roman. Linguistik und poetik. **Poetik. Ausgewählte Aufsätze**, v. 1971, p. 83-121, 1921.

KYZAR, Kendall Lamar. **O futuro é perifrástico: uma análise sociolinguística da expressão do futuro nas comunidades mexicanas**. Universidade Estadual da Louisiana e Faculdade Agrícola e Mecânica, 2014.

KIEFER, Ferenc. **On defining modality**. 1987.

LYONS, John. **Semantics**. 2. ed. Universidade de Cambridge: Universidade de Cambridge, 1977..

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 277 p.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. CUNHA, MAF da; OLIVEIRA, MR de; MARTELOTTA, ME. **Linguística funcional: teoria e prática.** Rio de Janeiro: FAPERJ: DP&A, p. 17-28, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, v. 2, n. 1, p. 41-60, 2008.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **La lengua española en su geografía.** Madrid: Arco Libros, 2010

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Los «ismos» nacionales de la lengua española. **Boletín de la Real Academia Española**, v. 100, n. 321, p. 115-146, 2020.

MORENO, Concha; ERES FERNÁNDEZ, Gretel María . **Gramática contrastiva del español para brasileños.** Sociedad General Española de Librería, 2007.

MOYA CORRAL, Juan Antonio. **El español hablado en Granada III:** Corpus oral para su estudio sociolingüístico. Nivel de estudios bajo, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional.** Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. **Delta:** Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S.L.], v. 15, n. , p. 72-104, 1999. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-44501999000300004>.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramaticalização e a organização dos enunciados.** Scripta, v. 5, n. 9, p. 13-22, 2001.

NEVES, Maria. Helena. De Moura. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura; CAMPOS, Celso de; PAL, Dayane Cristina. **Texto e gramática,** 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática e suas interfaces. **ALFA:** Revista de Linguística, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura **A gramática passada a limpo conceito, análises e parâmetros.** São Paulo: Parábola, 2012.

- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática e texto. Texto e gramática. A funcionalidade em questão. **Confluência**, p. 56-76, 2021.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional: Interação, discurso e texto**. Editora Contexto, 2024.
- PAREDES SILVA, V. L. **Os gêneros de discurso na sociolinguística laboviana**. Boletim da ABRALIN, Florianópolis, n. 23, p. 81-93, 1999
- PARRINI, Carolina Ferreira. **Tempo e modalidade na aquisição de espanhol língua materna: um estudo das formas verbais de futuro**. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- PERALTA, Marina Díaz. **La expresión de futuro en el español de Las Palmas de Gran Canaria**. Cabildo de Gran Canaria, 2000.
- PONTES, Valdecy de Oliveira. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista**. Fortaleza, CE. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, 264 p. 2012.
- PITLOUN, Petra. La perífrasis ir a+ infinitivo y la expresión de la posterioridad en el habla culta de Costa Rica. **Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica**, p. 233-250, 2005.
- PRIDEAUX, Gary D.; BAKER, William J. **Strategies and structures: the processing of relative clauses**. John Benjamins Publishing, 1987.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2009.
- REICHENBACH, Hans. **The tenses of verbs**. [Local]: [Editora], 1947s.
- ROSCH, E. 1973. **Natural categories**. Cognitive psychology, 4:87-123. [http://dx.doi.org/10.1016/0010-0285\(73\)90017-0](http://dx.doi.org/10.1016/0010-0285(73)90017-0)
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2009.
- SEDANO, Mercedes. El futuro morfológico y la expresión ir a+ infinitivo en el español hablado de Venezuela. **Verba**, v. 21, p. 225-240, 1994.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Otto Harrassowitz Verlag, 1989.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Georgetown University Press, 2001.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2005.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**-Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 17, 2013.

TAVARES, Maria Alice. Textos de diferentes gêneros produzidos em entrevistas sociolinguísticas: o caso do banco de dados VARSUL. **Veredas atemática**. Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 176 – 194. 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. From etymology to historical pragmatics. **Topics in English Linguistics**, v. 39, p. 19-50, 2002.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **The philosophical review**. Vol. 02, Nº 2. 1957, p. 143- 160.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967.

VOTRE, Sebastião Josué (Ed.). **A construção da gramática**. Editora da UFF, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, 1968.